

Havia uma sintonia, um olhar diferente para os alunos que demonstravam habilidades e vontade de avançar. Sem favoritismos arbitrários, as irmãs dominicanas incentivavam, selecionavam, a partir da monitoria, os alunos que iriam substituí-las em seus cargos de docência, com um aprofundamento na área. Abriam as portas para a profissionalização de qualidade que foi assimilada por seus educadores. Vânia Maria Resende, escritora e especialista em Literatura Infantil e Juvenil, ex-aluna e ex-professora por sete anos no curso de Letras da FISTA relatou sobre a relação professor-aluno no cotidiano da faculdade:

Fui convidada pelo Prof. Luiz Alberto para ser sua monitora, em janeiro de 1974, ano em que eu iria cursar o 4º ano do Curso de Letras. Junto ao convite, para que eu trabalhasse com ele e Regina Stella Bessa – ambos foram meus professores: de Língua e Literatura Inglesa e Americana, ele; de Literatura Brasileira, ela - em Literatura Brasileira, veio a sugestão, também por parte dele, de que eu fizesse um curso de duas semanas, na UFMG, sobre Literatura Infantil e Juvenil. Como o Curso de Letras não tinha no currículo, até então, essa disciplina, passei a incluir, imediatamente, em Literatura Brasileira uma programação específica de literatura para crianças e jovens (23/08/2005).

Vânia Resende reconheceu o valor desta formação criteriosa e utilizou-se da expressão de Monsenhor Juvenal Arduini “*sedução antropológica*”, como síntese do comportamento e mentalidade dos professores: “*Éramos seduzidos pelas idéias, nos encantávamos com os professores capazes de nos provocar em termos intelectuais e afetivos; os olhos brilhavam diante da expressão de mentes vibrantes, aptas a contagiar pelo essencial.*”

Nesse ambiente, a relação professor-aluno era estabelecida nos princípios de moderação num clima de respeito às pessoas, de abertura às diferenças e reconhecimento das habilidades e talentos de cada um. Vânia Resende evocou a figura de alguns professores que foram referências:

O fato de ter trabalhado com Luiz Alberto (e, por extensão, com Regina) foi fundamental para o que realizei, e tenho realizado, como projeto de trabalho e de vida. Foi uma convivência fértil, gratificante, enriquecedora, em que descobri, cultivei e me imbuí de um sentido duradouro de amor pela literatura. Ter partilhado de uma experiência de trabalho de um quilate inesquecível e ter usufruído da sensibilidade excepcional dos dois professores, em que pesou o olhar minuciosamente crítico do professor Luis Alberto para a arte, foi, para mim, um dos grandes privilégios e oportunidades que a vida me proporcionou. Três anos aproximadamente de convívio com a lucidez e a competência extraordinárias dos dois sedimentaram a minha

relação definitiva com a literatura. Reconheço o privilégio e, verdadeiramente, sinto orgulho de dizer que “fiz parte”, “pertenci”, “filiei-me” aos dois, no contexto histórico favorável, propiciado pelas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (23/08/2005).

Os educadores e religiosas da FISTA mantiveram um clima de convivência marcada, de modo peculiar, nos anos 1960 e 1970, onde os estudantes experimentaram os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais e existenciais. Os jovens acreditavam na política e achavam que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a educação, a cultura e o comportamento. Maria de Lourdes de Melo Praes, aluna e professora na FISTA expressou a postura dos educadores diante do contexto de repressão:

Incendiada de paixão revolucionária e não conseguindo assimilar o recente golpe militar indignei-me e protestei e passei a ensinar os meus alunos a indignar e protestar diante das injustiças. Por isto, hoje, me incomoda, enormemente, a alienação e a passividade da juventude, diante deste tempo marcado pela ausência da ética e da moralidade (01/05/2006).

Em 1964, a instituição completou 15 anos e fundou a Associação dos Ex-alunos da Faculdade de Filosofia. A primeira diretoria da Associação tomou posse no dia 02 de setembro de 1964 e foi assim formada: Presidente: José Geraldo Guimarães, Vice-presidente: Zilma Terezinha Burgiato Faria; Secretária geral: Ir. Esther Maria; 1ª secretária: Marta Mendes Marquez; Tesoureira: Maria Helena Cecílio; Orador: Luiz Alberto Miranda.

Neste ano, também, realizou-se um curso intensivo de Psicologia da Adolescência, promovido pela Associação de Pais e Mestres e ministrado por Irmã Esther Maria, à frente de uma equipe especializada.

A Faculdade sempre reafirmou em sua trajetória a tarefa de formar o profissional, nesta linha marcadamente humanista, com a integração com outras universidades que lhe garantissem esta meta. Constatamos que nos relatos dos ex-professores e ex-diretores que o sonho da Faculdade era crescer, alçar novos rumos em busca de uma universidade pública. Como relatamos anteriormente, houve um empenho do Diretório Estudantil, em 1967, pela federalização das faculdades de Uberaba, retomou a busca de novos parceiros que prolongassem sua proposta educacional. A direção da Faculdade sob a coordenação de Irmã Alexandra Barbosa da Silva partiu para uma integração com a Universidade Católica de Minas Gerais. Em outubro de 1972, foi assinado o acordo que marcou o início desta negociação. Esta primeira etapa

caracterizou-se por uma permuta de colaboração didático-científica entre as duas entidades. Esta permuta foi comunicada nas comemorações do Jubileu de Prata que trouxe para a cidade de Uberaba o Prof. Dr. José Guido Gomes da Universidade Católica de Minas Gerais, nos dias 01 e 02 de junho para um Curso de Atualização Pedagógica, abordando os seguintes tópicos: Taxionomia: Área Cognitiva e Afetiva; Estudo Dirigido e Confeção de Provas Objetivas. Havia um incentivo à atualização pedagógica- científica de todo o corpo docente e discente. A imprensa local registrou esta nova etapa, com um artigo importante com o seguinte teor:

Diante do impasse que a própria época criou a comunidade religiosa da Fafi sob a direção de Ir. Alexandra Barbosa da Silva decide passar adiante a obra construída com sacrifício e amor imensuráveis. É no entanto, a mesma doação abnegada que orientou a criação da Fafi que exige o passá-la adiante: espera-se assim que a Fafi possa prolongar-se fora dos limites que as Irmãs puderam lhe dar, ganhando em consistência e presença (...) Com a mesma semente de esperança com que delinearam o seu projeto as Irmãs vêem agora para a nossa Fafi um futuro promissor (Lavoura e Comércio, 29/05/1974, p. 2).

Diante deste artigo, percebe-se nas entrelinhas que a Faculdade vivia, nos anos 1970 um momento novo desencadeado “[...] pelo impasse que a própria época criou[...]”. Este impasse foi consequência das exigências legais oriundas da Reforma Universitária, Lei n. 5540/68 e da Lei de Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, Lei 5692/71. Estas leis interferiram profundamente na organização, nos processos de gestão e avaliação da Faculdade. Propunham mudanças no processo de escolha dos dirigentes universitários, incorporavam idéias básicas à expansão e racionalização como: adoção do ciclo básico, ciclo profissional, matrícula por semestre, alteração no regime de trabalho, melhoria salarial e outras exigências. Havia uma preocupação da direção e do corpo docente em se enquadrar cada vez mais e melhor às exigências da Reforma Universitária dentro de uma reformulação de currículos que visasse a preparação de professores para atender ao ensino de 1º e 2º Graus.

A imprensa local também socializou com a comunidade uberabense as mudanças referentes à Reforma Universitária, por meio da Redatora Oficial da Comissão de Festas, nos 25 anos da FISTA, Regina Stela Bessa:

Definida a formação do profissional competente em uma constante atualização a Fafi parte para a implantação da Reforma Universitária criando o Ciclo Básico ao lado do Ciclo Profissional, oferecendo flexibilidade, conquista e riscos- o corpo docente da Fafi congratula-se com as Irmãs que nela trabalham, rendendo-lhes a

homenagem que cabe àqueles que realmente lutaram por grandes empreendimentos (Lavoura e Comércio. 29/05/1974, p. 2).

Nessa perspectiva, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, inserida num contexto da Escola Nova em que se propunha um ensino laico, afastado de qualquer concepção de caráter religioso, empenhava-se pela sua formação humanista. Os escolanovistas preocupados com a ingerência da Igreja Católica defendiam a separação dos valores evangélicos das concepções de ensino.

A imprensa local, por meio dos jornais *Lavoura e Comércio*, *Jornal da Manhã* e *Correio Católico* foram fontes que sinalizaram os caminhos percorridos pela FISTA, no empenho de que estes valores evangélicos estivessem presentes no currículo, a serviço da cultura. Ir. Heloisa Seixas Leite, diretora na época das comemorações dos 25 anos da instituição, enfatizou:

A Faculdade está buscando responder às exigências da comunidade criando formas de participação consciente e através do diálogo, procura oferecer aos universitários elementos de uma interpretação amadurecida do mundo e assim alcançando seus objetivos [...] A escola influi na formação ideológica, pois procurando formar o homem, não só como agente da cultura, mas sobretudo como ser CONSCIENTE e RESPONSÁVEL por si e pelo mundo, vivenciando os valores fundamentais: VERDADE, LIBERDADE E FRATERNIDADE. Assim -assevera- a escola estará sem dúvida, influenciando na formação ideológica do aluno (Jornal da Manhã 30/05/1974, p. 1).

É instigadora a visão que as irmãs dominicanas expressavam do corpo discente em seus documentos, diários, livros de atas e depoimentos em jornais. Um deles nos chamou muito a atenção quando nas comemorações dos 25 anos da Faculdade, o *Jornal da Manhã*, divulgou em 28/05/1970, a reposta de Ir. Heloisa Seixas Leite a uma pergunta:

O aluno hoje é mais consciente do que o aluno da década de 50, por exemplo?

O aluno de cada época traz a fisionomia do contexto em que vive. Hoje as facilidades dos meios de comunicação conduzem o jovem a uma visão mais abrangente do mundo e por conseguinte, a uma maior possibilidade de conscientização da realidade (Jornal da Manhã).

Para que se alcançasse esta conscientização, as disciplinas curriculares deveriam propiciar um conhecimento universal, com ênfase na liberdade, na autonomia e na “leitura da realidade”. Assim, os gestores e professores se preocupavam com um currículo adequado à cultura de seu tempo. Por exemplo, não havia só um curso de

Latim. Em 1969, Ir. Heloisa Seixas Leite criou junto ao curso de Latim, o clássico humanitário de academia. Uma academia de Letras Clássicas no latim. Assim, as atividades culturais, como a representação de peças, músicas e recitais eram feitos em latim. Isto tornava lúdico e agradável aos alunos, possibilitando até mesmo um trabalho interdisciplinar. O mesmo acontecia com a Literatura e Português. Planejavam viagens a São Paulo para assistirem peças teatrais com todas as turmas do curso de Letras, uma ação que fazia parte do cotidiano escolar. O departamento de Geografia promovia regularmente excursões para estudo do meio ambiente, com visitas orientadas a cidades históricas e projetos especiais de compromisso ambiental. Ir. Loreto, professora de Geomorfologia, coordenou diversos projetos ambientais com seus alunos. Havia uma grande preocupação com a cultura, com a formação, tornar o aluno mais verdadeiramente humano, provocá-lo a manifestar sua grandeza original, fazendo-o participar de tudo o que o enriquecesse.

3.1-O processo de avaliação

A sala dos professores era um espaço de encontro, de convivência, onde os educadores trocavam experiências, amenizavam os desafios, discutiam a educação. Nos relatos dos professores, o coletivo, a dimensão participativa era uma tônica: *“o que vamos fazer nesta turma”*. Os professores realizavam o conselho de classe, antecipando uma prática que, posteriormente, foi implantada no sistema educacional brasileiro.

Nesse clima de interação e ambiente acolhedor, havia também conflitos, desafios e controvérsias que eram discutidas dentro dos princípios de moderação e equilíbrio. O comprometimento dos professores aliviava as tensões. Comum em todas as relações humanas existiam afinidades, preferências e distanciamentos. Vânia Resende, ex-aluna, rememora: *“O professor Luiz Alberto de Miranda foi amado por uns e odiado por outros. Alguns alunos não se afinaram com o nível de exigência dele, nem foram capazes de entender, valorizar e desfrutar sua total entrega ao que fazia.”*

O processo seletivo de ingresso na Faculdade era exigente, selecionava um perfil de aluno que era condizente com a proposta educativa. As provas eram escritas e classificatórias e uma prova oral para conhecimento das habilidades e aptidões dos alunos ingressantes. O processo avaliativo, em geral, levava em consideração a aprendizagem como um todo, possibilitando ao professor a diversificação dos instrumentos.

Este dado é significativo para a análise do número de alunos por turma. As turmas eram pequenas, o que favorecia o acompanhamento sistemático das propostas curriculares. Entretanto, o nível de exigência provocou a evasão em alguns cursos os quais encerravam com apenas uma aluna formada. No parecer dos professores depoentes, este fator era positivo no aspecto pedagógico, pois os alunos que permaneceram projetaram-se como referências no campo educacional. Vejamos a análise de Irmã Laura Chaer:

[...] A Leila era muito inteligente. Para dar aula para ela tinha que aprofundar. No último ano ficou só ela, dava aula só para ela. Por direito, as outras saíram. Ela quis terminar o curso. Ela sempre dedicou a Teoria da Literatura. Era muito inteligente e competente. Depois assumiu aulas de Literatura na Faculdade(16/04/2006).

Nesta mesma linha de pensamento, encontramos o relato de uma ex-aluna e professora, Zilma Burgiatto Faria, única formanda no curso de Pedagogia, em 1959, que posteriormente tornou-se professora da instituição por mais de 10 anos. Ela analisou e atribuiu significados às situações de sua formação docente que se efetivaram ao longo de sua docência :

Nos anos 60 já falávamos em alocação de diferentes habilidades e conhecimento, já discutíamos a Taxionomia de Bloom, os elementos essenciais da Didática, seu campo específico.[...] Os livros lidos eram em italiano e francês; eram aprofundados de uma maneira que não tinha como você não se envolver. Acontecia uma educação séria, comprometida com o fazer. O professor era instrumentalizado a diagnosticar a realidade e realizar um acompanhamento sistemático.[...] Tínhamos uma prática de leitura que nos levava a refletir sobre o papel do professor. Realizamos um trabalho de liderança na comunidade com diferentes grupos sociais. Algo muito saudável para os alunos, um trabalho sistemático e criterioso que os levou a se comprometerem com a vida e a sociedade. Aprenderam a buscar novas intervenções no próprio fazer educativo (16/05/2006).

Os professores se esforçavam para uma prática coerente com a natureza do discurso formativo. As orientações temáticas conduziam as leituras, explorações analíticas e momentos de debates. As avaliações escritas tinham como ponto de partida temas que permitiam os alunos discorrerem seus pontos de vistas, suas reflexões, com originalidade. Havia uma exigência em postura e conhecimento. A avaliação era considerada um meio, não um fim em si mesma, um momento de aprendizagem, de síntese.

Os professores, de modo geral, investiam na independência dos alunos. A exigência nos processos avaliativos garantia a busca da excelência acadêmica e propiciava subsídios para uma prática reflexiva. O ex-aluno e professor Eduardo Guimarães analisa:

Mas havia muito essa questão da independência dos alunos, a necessidade dos alunos se dedicarem fortemente a ler, a pesquisar e envolver, inclusive nos procedimentos de avaliação. Todos os cursos de graduação terminavam com uma monografia específica. Se você tinha oito disciplinas, você tinha que escrever oito trabalhos finais, além de todas as provas e exercícios que você fazia no decorrer do ano (30/05/2006).

A presença das salas ambientes, especialmente para algumas disciplinas específicas, colaborava com as avaliações práticas e orais. A disposição da sala em círculo era a demonstração da abertura e busca da interação, da partilha e formação da consciência crítica e democrática. Segundo Elsie Barbosa: “Os métodos de ensino e a aferição dos resultados mantinham os fundamentos do diálogo, da flexibilidade nos processos, jamais a arbitrariedade, a rigidez pela rigidez” (14/07/2005).

Outro aspecto evidenciado nos relatos dos docentes se refere à concepção de ensinar como condição primordial para o processo educativo. Havia um cuidado e uma exigência no “ensinar a fazer” com um caráter de valor, de postura crítica e consciente. Pensava-se no ato de “ensinar”, na produção de conhecimentos e saberes fundamentados num pensamento intelectual aberto à diversidade, enraizados nos princípios éticos. Nesse sentido, nos remetemos ao depoimento do Prof. Eduardo Guimarães que explicita a ressonância destes princípios na atuação docente:

[...] Você precisa escolher um certo tipo de valor para poder se movimentar nessas relações políticas, sociais. Seguramente isso é um traço que vem daí. Não só mais seguramente a vida, o modo de estar na universidade... Uma outra coisa é um certo rigor do trabalho intelectual, a necessidade do cuidado, da atenção, de detalhe, de não transigir nas formulações (não ser efêmero, passageiro), ou seja, não facilitar. Nem para você mesmo. [...] Isto é um elemento que confere a Faculdade um caráter universitário, uma universidade de fato, de pensamento intelectual aberto que respeita a pluralidade (30/05/2006).

No decorrer do trabalho deparamos com outros relatos em que os educadores narraram os caminhos que sua prática percorreu, seus desafios e uma preocupação constante com a atualização. Esta preocupação tornou-se uma evidência nos artigos acadêmicos da Faculdade publicados na *Série Estudos*, sob a coordenação do diretor de

Departamento de Letras, Prof. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães. O Departamento de Letras da FISTA, criado em 1965, deixou registrado em suas atas a “*necessidade de um trabalho em conjunto para melhor entrosamento das diversas cadeiras e melhor aproveitamento por parte dos alunos*”. O Departamento reunia-se mensalmente, para a discussão mais freqüente dos problemas, planejamento de atividades culturais, promoção de cursos de especialização, acompanhamento sistemático das promoções do Centro de Estudos Portugueses. Ao longo de nosso trabalho foram feitas referências aos cursos promovidos pela instituição, em parceria com o Departamento. Ressaltamos aqui, outros encontros específicos, de ressonância regional promovidos pelas áreas de Lingüística e Literatura, a saber:

- “*Semana de Letras*” – de 30 de agosto a 04 de setembro de 1971. Nesta Semana o Prof. Eduardo Guimarães refletiu sobre “*Vanguarda*” na Literatura.
- “*História do Teatro Mundial*” com os professores contratados Otto e Florence Buchsbaum
- “*I Encontro de Professores de Português da Região*”- de 11 de setembro a 09 de outubro de 1971.
- “*Curso de Lingüística Construtural*” – de 15 a 20 de maio, ministrado pelo Prof. Geraldo Mattos, doutor e livre –docente de Língua Portuguesa da Universidade Federal e Universidade Católica de Curitiba.
- *II Encontro de Professores de Português da Região*, de 23 de setembro a 14 de outubro de 1972, com a participação de 170 professores. Este encontro foi marcado com comunicações sobre a prática do ensino da língua e a criatividade na exploração da linguagem no cotidiano escolar.

Muitos outros encontros foram feitos, em parceria, com outras faculdades e instituições de ensino superior.

No primeiro volume da *Série Estudos* sobre Língua e Literatura, são apresentados artigos e resenhas dos professores da FISTA: Eduardo Guimarães, Evandro Martins, Regina Stela Béssa e Marco Antônio Escobar.

Em 1973, o Professor Eduardo Guimarães afastou-se do Departamento para estudos em São Paulo. Retomou a publicação a pedido da direção, em 1976, com a temática: Estudos Lingüísticos. Nesse volume, amplia a participação de especialistas de

outras universidades brasileiras que divulgaram pesquisas e estudos pertinentes ao estudo crítico da língua. Destacamos: Francis H. Aubert (USP), Eni Orlandi (USP), Marta Steinberg (USP), Maria Beatriz Luti e Maria Bernadette de Oliveira (UFRN), Maria Stela Gonçalves (USP) e Eduardo Guimarães(UNICAMP).

Em 1977, Ir. Heloisa Leite, então diretora do Departamento de Letras apresentou o terceiro volume da *Série* que ampliou a participação de outras universidades na temática sobre linguagem e valorizava os estudos e pesquisas dos professores da FISTA, como de Vânia Maria Resende e Eduardo Guimarães. Ressaltamos em sua apresentação o reconhecimento do esforço realizado pela Faculdade na busca de uma formação docente humanista:

[...] “A realização máxima de um professor está na vitória de seus discípulos. E eu, hoje, fazendo um retrospecto de minha caminhada me sinto realizada vendo os meus alunos de ontem, brilhando hoje, em cátedras de escolas superiores, numa opção lúcida e crescente pelos valores da pessoa Humana (Estudos,1977,p. 9)”.

A publicação da “Série Estudos” teve continuidade na FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, até o número 06, com estudos sobre os temas: “Foco e Pressuposição”, “Sobre Semântica”, “Sobre o Discurso”. As demais edições, totalizando 12(doze) foram feitas pela FIUBE - Faculdades Integradas de Uberaba, após o encampamento da FISTA.

Durante a leitura dos estudos e artigos da *Série Estudos*, deparamos com alguns professores pesquisadores, ex-alunos da FISTA, em diversas universidades brasileiras com atuação numa determinada linha de referência. A partir de contatos com os educadores entrevistados, com visitas a cidades de Goiânia, Brasília, São Paulo e Campinas, consultas aos documentos e publicações do Colégio Nossa Senhora das Dores, elaboramos uma pequena amostragem de profissionais da educação que são referência no campo educacional. Há registros que a equipe dirigente das unidades escolares, a direção de Faculdades, secretários municipais, cargos de reitoria das universidades, cargos de assessoria figuram nomes de pessoas que estudaram na FISTA.

3.2 – Sombras nos rumos da FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino

Ao longo de nosso estudo de investigação procuramos construir os elementos constitutivos da identidade desta instituição que foi um marco na história da educação

brasileira. Passa a passo, analisamos uma série de fatores que interferiram nos rumos da faculdade que se enraizou em uma formação humanista de qualidade.

Como já discurremos no capítulo anterior, as determinações legais interferiram profundamente na organização interna da Faculdade. Concomitante a este fator legal, as irmãs dominicanas vivenciaram um processo de mudança na ordem, a partir das diretrizes assumidas pela II Conferência Latino Americana realizada em Medellín, Colômbia (1968) e de Puebla, México (1979) que reafirmou a Teologia da Libertação colocaram no centro a “opção preferencial pelos pobres”. A Congregação Dominicana desencadeou um processo de mudança que efetivou-se com o Capítulo de Aggiornamento (março de 1971) o qual trazia apelos de maior envolvimento e participação na sociedade. Passo a passo, as dominicanas foram descobrindo novas formas de presença no mundo, inseriram-se nas comunidades eclesiais de base. As decisões do Capítulo geraram tensões e conflitos no interior da congregação que buscou motivações num processo de refundação, a necessidade de uma volta às fontes. Até o ano de 1970, todas as comunidades estavam ligadas a Instituições Escolares, tendo em vista o trabalho profissional das religiosas. A partir dos apelos do Capítulo, as comunidades religiosas se separam das Instituições e muitas irmãs assumiram o trabalho nas comunidades periféricas, cidades do interior e missões de evangelização em outros países.

Especificamente, na FISTA, Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, a direção da instituição foi assumida pela professora e ex-aluna, Elsie Barbosa que deu continuidade aos princípios básicos da Faculdade. Irmã Glícia, a partir de julho de 1977, deixou a direção e assumiu um trabalho comunitário na cidade de Mundo Novo, Mato Grosso.

Toda a comunidade uberabense presenciou com tristeza o fechamento da FISTA, em especial a Congregação Dominicana. As Irmãs participaram das negociações, com resistências e conflitos entre os membros da comunidade. O motivo primordial da “venda” foi a falta de recursos financeiros para a manutenção da Faculdade, diante do número insuficiente de alunos, da divisão dos cursos em departamentos, sobrecarregando a folha de pagamento. A expansão de novos cursos em outras instituições despertou o interesse dos alunos para outras áreas do conhecimento. Os professores depoentes foram unânimes nesta análise, como demonstra o Prof. Evandro Martins que acompanhou o processo:

O problema todo é que a visão deles não é uma visão mercantilista, mas é uma visão, por exemplo, do lucro. Coisas que nós não tínhamos lá. Por exemplo, o curso de Letras, o grupo do Eduardo, estava um ano na minha frente, da Marlene, a quem já me referi, e outros meninos, eles, o curso deles, tinha no máximo 08 alunos. O meu curso nós tínhamos 07, em francês e 07 em inglês. As meninas que faziam o curso antes de mim eram duas alunas. Você deve estar pensando: como é que um curso se mantém num número tão pequeno! Mas acontece que as irmãs não visavam o lucro em si, quantas vezes a pessoa ficava devendo e o Sr. Nassim que era o tesoureiro: “ Não, o mês que vem você aumenta um pouquinho mais, tal”... Estava sempre quebrando o galho. Com isso, é claro, se não tinha lucro, mas também se mantinha. Acredito que nesse momento houve a falha. Não pensaram em comunicar e criar a universidade que sonhavam. Com o tempo eles não pensavam que a coisa seria diferente, porque quem está visando o lucro não pode querer um curso deficitário e aí começa o que aconteceu(17/04/2005).

Outra análise foi do Prof. Eduardo Guimarães, que trouxe uma abordagem que amplia a questão para o cenário político, econômico e cultural de Uberaba:

Temos este grande problema, essa barreira que impediu que a vida universitária de Uberaba se valesse do sistema público de ensino superior como em outros lugares puderam se valer. Como por exemplo, Uberlândia começou muito mais tarde, pôde contar com o sistema público muito mais cedo, como uma forma de decisão política. O que Uberaba não fez.[...] Essa coisa do espaço do ensino público ter sido impedido de se desenvolver por um modo de ação política no interior da cidade, também combina. De um lado não usar as condições que tinha, de outro lado um pedido que o sistema público entrasse. O sistema público não entrar reforça a não formação de futuro. O sistema público no Brasil é que tem condições de formar futuro melhor. A FISTA foi pega dentro disso. Ela não teve saída. A única forma era juntar as forças de algum lugar, de forma que esse discurso pudesse continuar. Como o Mário Palmério tinha o projeto de fazer uma universidade, então ele precisava agregar coisas já existentes, ao invés de formá-las. Então era importante para ele incorporar. Tem de um lado o projeto de Palmério fazer uma universidade privada, de outro lado o impasse a que se chegou da FISTA fundamentalmente econômico, eu acho; ou talvez algum projeto interno da ordem. Juntando essas coisas todas, a Faculdade não tinha estatura para o momento; quer dizer, ela ficou para trás na história. Quando entrou na década de 70 ela já estava ficando para trás, em relação a este novo impulso da vida acadêmica brasileira. A solução foi incorporar. Você desloca a questão para um outro espaço, que é um espaço não confessional. No ensino privado os espaços confessionais são mais fabricados. A noção do lucro não é uma questão imediata. Ao passo que, nos espaços do Brasil não confessionais, a questão do lucro se põe de maneira prioritária.

Percebemos que os rumos da Faculdade foram delineados por um conjunto de fatores internos e externos que exigiram da direção da Faculdade, juntamente com o corpo docente, uma opção de fusão com outra faculdade, FIUBE, Faculdades Integradas de Uberaba. Foi um processo longo, complexo que desafiou aos seus gestores que tiveram que buscar a partir do diálogo, da paciência e lucidez formas de operacionalizar as dificuldades que a instituição enfrentava.

O processo de fusão FISTA - FIUBE fazia parte de um projeto maior, um sonho que os universitários, desde 1967, idealizaram como meta: a concretização de uma Universidade de Uberaba com *“vistas a ser implantada futuramente a Universidade Federal (Lavoura e Comércio, 26/09/1980)”*.

O posicionamento da professora Elsie Barbosa, em seu relato, nos permite dimensionar a complexidade desse processo e rememorar a nossa hipótese inicial de investigação que as instituições escolares permanecem na história a partir das relações com as pessoas, com os valores que perpetuam, com o conhecimento que é construído historicamente. Elsie analisou:

O legado das Dominicanas não morreu nas prateleiras dos achados e perdidos. Permaneceu em todos os espaços em que as Dominicanas passaram e na força que nos anima ao longo dos diferentes caminhos. Perdemos um lugar organizacional, mas não deixamos de demonstrar e de tornar viva a dignidade da Instituição FISTA (14/07/05).

Sua análise foi reafirmada por outros depoentes que nos sinalizaram respostas para nossos questionamentos iniciais. A instituição em estudo, não mais existe como organização educacional, entretanto permanece viva em diferentes espaços educacionais por meio da formação docente. O testemunho de seus egressos revela a sua identidade. Assim, apresentamos algumas considerações finais que buscam sintetizar as sistematizações feitas acerca do estudo. Além deste aspecto, expressamos nossas expectativas referentes à formação humanista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar uma instituição escolar, com certeza, realiza-se um estudo de filosofia e história da educação brasileira, pois as instituições escolares expressam valores e idéias educacionais. As investigações abrem possibilidades de novos olhares sobre as políticas educacionais, colaboram na superação da dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito.

Assim, ao longo deste trabalho nos preocupamos com a elaboração de uma história não apenas descritiva, narrativa, mas interpretativa desta instituição. Analisamos as contribuições de alguns autores relativas às novas concepções sobre a história das instituições escolares como espaço de **formação docente humanista**. O aporte teórico sinalizou os elementos constitutivos da identidade histórica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino enquanto marco referencial na história da educação brasileira.

Ao reinterpretar sua memória histórica focalizamos as origens da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, evidenciando a atuação e os desafios que as irmãs enfrentaram para conquistar espaço e confiabilidade na sociedade. A estrutura organizacional da Ordem sinalizava os pilares do carisma dominicano fundamentados nos valores universais: Verdade, Liberdade e Fraternidade.

Os arquivos, as fontes iconográficas e a documentação constituíram a memória histórica nos estudos sobre a formação docente. Trouxeram uma multiplicidade de ações humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afetivas que revelaram seu currículo humanista. Este currículo diferenciava-se dos demais pelo enfoque no estudo das línguas, da literatura, das artes e demais disciplinas que consideravam o homem como sujeito do processo ensino-aprendizagem. A abordagem integrada e contextualizada do currículo permitia ao docente uma prática pensada e reflexiva. De forma consensual e intencional, o currículo humanista tornou-se um instrumento de transformação educacional, com criticidade e coerência.

Percebe-se que estes valores foram consensuais aos apelos do Vaticano II que explicitava a direção antropocêntrica da cultura moderna. Esta ênfase no homem contemporâneo provocou mudanças nos campos social, político e educacional com a

proposta da Teologia da Libertação. As Irmãs dominicanas presentes nas instituições escolares, rememoraram os princípios do carisma e fizeram a opção preferencial pelos pobres, assumiram novas formas de presença no mundo. Reconheceram que os colégios e a Faculdade, com atendimento a uma minoria privilegiada, estavam incoerentes aos apelos da Igreja e da própria sociedade capitalista.

Procedemos uma análise minuciosa dos documentos “mesclando” os relatos dos gestores, ex-professores, ex-alunos que, numa perspectiva autobiográfica, possibilitaram o redimensionamento das experiências de formação e a trajetória docente no interior da Faculdade. Estes relatos tornaram-se um espaço de reconstrução da identidade profissional que nos permitiu aprofundar e explicitar o processo de formação dos educadores, analisando suas práticas educativas, suas *memórias institucionais*, *memórias intelectuais e afetivas*. Suas memórias trouxeram elementos significativos dos campos social, econômico e cultural. Os depoimentos foram também reveladores de *memórias subterrâneas* com aspectos importantes dos momentos históricos do Brasil e de Uberaba, nos anos de 1960 e 1970, período em que a ditadura militar interferiu, profundamente, na memória nacional e no campo educacional.

No cenário nacional, percebemos nos meados dos anos de 1970, uma contestação ao poder militar e ao Estado autoritário onde as instituições, tradicionais e progressistas buscavam uma consciência política nacional, desconfiadas das intenções e da capacidade do regime para promover o desenvolvimento nacional e assegurar a paz interna. Assim, os educadores também se organizavam neste processo de conscientização, criando espaços de debates e pesquisas, de construção de currículos adequados a uma sociedade em mudança e ao desenvolvimento industrial. Entretanto, é importante ressaltar que a FISTA - Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, tinha suas limitações, desafios e dificuldades, como toda e qualquer instituição de ensino superior. A Faculdade não esteve isenta das contradições, pressões e posicionamentos omissos. A proposta de um currículo humanista resguardava a abertura para uma visão crítica, questionadora, aberta à diversidade. Por meio deste discurso, os discentes tinham liberdade de expressão, questionavam as posturas incoerentes e as atitudes arbitrárias e injustas. O debate, o diálogo, a busca de um consenso eram caminhos encontrados nos momentos conflitantes.

Percebemos, a partir das reflexões feitas, que os anos de 1960 a 1980 foram marcados com intensas transformações ideológicas, políticas e econômicas que refletiram nas faculdades de educação. As influências de modelos e teorias americanas,

com caráter tecnicista, interagiram com os da tendência progressista existentes em nossa realidade. Isto nos permite afirmar que o discurso curricular em nosso país nunca foi puramente tecnicista. Nas faculdades de educação havia uma combinação de diferentes tendências, missões e interesses, abrindo espaços para a construção de um currículo humanista pautado no desenvolvimento integral do ser humano, nos valores e nas possibilidades de transformação da sociedade.

Buscamos nos fundamentos do humanismo cristão, idealizado por Jacques Maritain, elementos que se tornaram o ponto de referência prático-operativo para a organização curricular da instituição. As concepções de homem, educação, de mundo e sociedade foram construídas a partir de um estudo reflexivo e questionador. Havia um empenho para que os ideais da modernidade que vinculam memória, ação humana e razão na criação de uma sociedade mais justa fossem prioridade. Assim, a instituição compreendeu e investiu nas possibilidades emancipatórias do currículo, não apenas como um conjunto de conteúdos e métodos, mas como meio de introduzir o discente a um determinado modo de vida.

O diferencial nesta perspectiva humanista do currículo foi a formação de educadores comprometidos com um saber historicamente construído. Uma proposta educacional permeada pela vivência de valores éticos e cristãos que conduzissem a libertação do ser humano. Este eixo nuclear interferiu decisivamente nos cursos de graduação, especialização e extensão promovidos pela Faculdade. Constatamos que, desde a sua fundação, teve como finalidade, à luz dos princípios cristãos, a formação docente, pautada na realização de pesquisas nos vários domínios da cultura e na integração com a cultura intelectual do Brasil e de outros países como a França e Portugal.

Houve um cuidado e preocupação de se trabalhar o conhecimento em suas múltiplas dimensões, aliando a informação às dimensões do “aprender a ser” e “ensinar a fazer”, atentos às habilidades e competências de cada educando e educador.

Nessa perspectiva, acreditamos que NÓVOA (1992) contribuiu para um novo olhar sobre a formação docente humanista. Ele nos fez perceber o professor enquanto pessoa no seu processo de formação e profissionalização. Possibilitou a compreensão deste sujeito do processo educacional a partir de seu ciclo de vida, sua experiência e caminhos percorridos nas instituições escolares. O caminho foi provocativo, exigiu um olhar nas entrelinhas da instituição, nas fontes e na atuação de seus educadores. Temos clareza que os educadores da FISTA reconhecem e se perceberam como pessoas numa

relação dialógica com a proposta filosófica da instituição, construíram sua identidade. Uma relação que abriu espaços para a moldagem de suas subjetividades, com respeito às suas diversidades, suas origens e permitiu a interação e inserção deles na sociedade. Essas reflexões nos levam a afirmar que, além de formar pessoas a Faculdade possibilitou a produção de cultura, de ciência, de intelectuais que souberam criar, inovar e buscar novas práticas pedagógicas.

A maioria dos ex-alunos e ex-professores, atualmente, assume cargos de liderança em todo o país: Secretários de Educação em vários municípios do Triângulo Mineiro e cidades do interior de São Paulo e Goiás, Vice-Reitoria da UNIUBE, Diretor do Colégio Arquidiocesano de São Paulo, Reitor da PUC do Rio Grande do Sul, Diretor de Departamento na UNB, Professores na UFMG, UNICAMP, PUC de São Paulo, UFG, UCG, UFRN e muitos outros.

Procuramos demonstrar que as “narrativas” destes profissionais expressaram fidelidade aos princípios e valores propostos pelo currículo humanista da FISTA. Eles vivenciaram conflitos e contradições durante o período militar com firmeza, lucidez e fundamentados nos ideais de uma educação cristã, libertadora e respeitadora das individualidades e pluralidade da época. Estes elementos deram aos educadores e educandos resiliência, resistência para sobreviverem aos conflitos e serem fiéis, na medida do possível, aos princípios da formação docente.

Percebemos que os docentes são líderes no campo educacional, na arte, no jornalismo e na pesquisa científica com uma postura peculiar de olhar o mundo. Esse diferencial deve-se à concepção educacional de *vertente filosófico-reflexiva e espiritual* que tem o cuidado de perceber os valores constitutivos do ser humano, é um legado da formação docente humanista. Ao longo de suas trajetórias profissionais procuraram referendar-se aos princípios éticos, estéticos, enfim, humanos, vivenciados durante sua formação docente.

Nossas análises nos permitem apropriar da célebre frase de Monsenhor Juvenal Arduini durante as comemorações dos 50 anos da Faculdade: “*A FISTA não foi, A FISTA é*”. A FISTA permanece viva no testemunho de seus egressos em diferentes caminhos. É um sentimento de pertença que ultrapassa a “memória afetiva” e se instala na “memória intelectual”, no compromisso com o conhecimento crítico, com os valores éticos e com a transformação social.

Enfim, ao realizar essa investigação procuramos contribuir com as pesquisas que valorizam as interpretações históricas fundamentadas na especificidade e

singularidade, das instituições escolares em níveis local, regional e nacional. Esperamos que este trabalho possa estimular novos estudos acerca do currículo humanista nesta instituição ou em outras, preenchendo assim as lacunas que deixamos e, ao mesmo tempo, colaborando com as políticas de formação docente humanista de educadores comprometidos com a transformação social.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARDUINI, Juvenal. *Homem Liberdade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1972.

APPLE, M. W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE UBERABA. *Uberaba: Matriz do Brasil Central*, 1995.

ARAÚJO, José Carlos. GATTI JÚNIOR, Décio (orgs). *Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa*. São Paulo: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, vol.1, nº1, jan.-dez. 2002.

BERMAN, L. *Novas prioridades para o currículo*. Rio de Janeiro: Lidaador, 1975.

BÉSSA, Regina Stela. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino - 25 anos em prol da cultura. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 29 de mai. 1974, p.2.

BOBBIT, J. F. *Curriculum Making in Los Angeles*. New York: McGraw-Hill, 1922.

BUFFA, Éster e NOSELLA, Paolo. *Scholla Mater: A Antiga Escola Normal (1911-1933)*. São Carlos, UFSCar, 1996.

_____. *Industrialização e educação: a Escola Profissional de São Carlos, 1932-1971*. São Carlos. UFSCar, 1996 (mimeo).

CATANI, Denise Barbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CUNHA, Luiz Antonio. *A universidade crítica – O ensino superior da República populista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *A universidade temporã – O ensino superior da Colônia à Era Vargas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CURY, Carlos R. Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

DEWEY, J. *Experience and education*, Nova Iorque, Vintage Books, 1963.

- _____. *Democracy and education*. Nova Iorque: Vintage Books, 1966.
- _____. *On education: select writing*, ARCHAUMBALT, R. D. (ed.), Chicago, 1974.
- DEWEY, J. e CHILDS, J. The social-economic situation and education. In: KILPATRICK, W. H. (ed.) – *The education frontier*, Nova Iorque, 1933. pp. 61-62.
- DOMINICÉ, Pierre. “Cycles de vie et formation des adultes”. *Travail*, 1990, pp.14-19.
- DOMINGUES, J. L. *O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade*. São Paulo: PUC-SP (tese de doutoramento), 1985.
- _____. Interesses humanos e paradigmas curriculares. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília: INEP. Vol 67, nº 156, 1986, p. 351-366.
- FAFI/UBERABA- 25 anos a serviço da cultura. *Jornal da Manhã*, Uberaba, 30 maio, 1974, p.11.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra 1997.
- _____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez 1995.
- FRANKLIN, B. M. Education for an urban América: Ralph Tyler and the curriculum field. In: GOODSON, I. F. (ed.) *International perspectives in Curriculum History*. Londres: Croom Helm, 1987.
- GATTI JR, Décio e outros. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro, *Revista História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPel. Pelotas, 1997
- GERMANO, José Wellington. *Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
- GOLDMANN, L. *Ciências humanas e filosofia*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- INÁCIO FILHO, Geraldo. *A monografia nos cursos de graduação*. 3 ed. Revista e Ampliada. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- KILPATRICK, W. H. *The project method: the use of the purposeful act in the education process*. Nova Iorque: Norton, 1929.

KOOPMAN, R.C. Curriculum Improvement. Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice-all, 1966

LACERDA, Gildo Macedo. Um protagonista Anônimo da História - Pensando a Micro-História e suas Possibilidades. *Revista Urutagua*- revista acadêmica multidisciplinar- nº 05, Maringá. Paraná. Acessado em 20/04/2005 www.urutagua@uem.br

LEITE, Siomara Borba. *A questão do conhecimento e a democratização da escola básica*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Tese de doutoramento), 1991.

LIBÂNIO, Pe. João Batista. Concílio Vaticano II- Os anos que se seguiram – *Vida Pastoral*- Julho- Agosto de 2005- p. 23- 30.

LOPES, Maria Antonieta Borges e outros. *Dominicanas: Cem anos de missão no Brasil*. Uberaba: Ed.Vitória, 1986.

MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas: entre memória e o arquivo*. Universidade do Minho, Braga,1996.

_____. A História das Instituições Educacionais em Perspectiva.In: *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*.GATTI JÚNIOR, Décio & INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs.). Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 91-106.

MARITAIN, Jacques. *Por um humanismo cristão* – Textos seletos.São Paulo: Paulus, 1980.

_____.*Humanismo Integral – Uma Visão Nova da Ordem Cristã*. São Paulo: Ed. Dominus, 1962.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO, G. N.; MAIA,E.M.e BRITO,V.M.V. As atuais condições de formação do professor de 1º grau: algumas reflexões e hipóteses de investigação. *Cadernos de pesquisa*, n. 45, São Paulo, 1983, p.71-78.

MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. Uberaba, Ed.Vitória,1974.

MIZIARA, Dirce. 25 anos de luminosidade cultural. *Jornal da Manhã*, Uberaba. 31 de mai. 1974, p.2.

MOREIRA, Antônio Flávio B. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1990.

MOURNIER, Catherine. *Volta às fontes: estudo histórico sobre as origens da Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils*. Trad. Anísia de Souza. Goiânia: Congregação Dominicana, 1992.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo, EPU EDUSP, 1974.

NÓVOA, Antônio (coord.) Para uma análise das instituições escolares. *As Organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992, p. 15-43.

_____. Inovações e História da Educação. *Teoria e Educação*. N°6, 1992, p.221.

_____. O método (auto)biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação dos adultos. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2). pp. 7-20.

_____. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Ed., 1992.

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. Porto Alegre/RS. *Teoria & Educação*. n°6.1992. p.151-182.

SALGUEIRO, Heliana, Angotti. Fragmentos do fundo da memória. *Quantas saudades do Colégio vou levar - Crônicas Colegiais – Vânia Maria Resende e Terezinha Hueb de Menezes (Org.)*.Uberaba: Ed. Vitória, 2005. p. 66.

OLIVEN, A. *Paroquialização da educação superior no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Sebastião José de. *A criação e consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba, Minas Gerais: uma experiência singular na congregação dominicana no Brasil (1948-1961) –Dissertação de Mestrado em Educação – Uberlândia: UNIT, 2003.*

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História regional e transformação social. In.SILVA, Marcos (coord.). *República em migalhas: História local e regional*. São Paulo, Marco Zero/CNPq, 1990, p. 67-79.

PETITAT, André. *Produção da Escola/ Produção da Sociedade*. Trad.Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2. n.3, 1989, p. 3-15.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a civilização no Brasil Central*. Uberaba: Gráfica Zebu. 1970.

RESENDE,Vânia Maria. Aluno de hoje. 7º período de Letras. *Jornal da Manhã*, Uberaba, 31 de mai.1974, p.2

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ROGERS, J. *El Proceso de Convertirse en Persona*. México: Piados, 2001.

RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola; o transitório e o permanente na educação*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1978.

SACRISTÁN, J.Gimeno. Currículo e Diversidade Cultural. In: SILVA,T.T.e MOREIRA, A F.(orgs) *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.82

SAMPAIO, Antônio Borges. *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Uberaba: Ed. Vitória,1971. Vol.I.

SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação*. 9ed Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional*. 5ed Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1983.

SPERB, D.C. *Problemas gerais de currículo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SUCUPIRA, N. Da faculdade de filosofia à faculdade de educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: INEP, vol.51, nº114, 1995, pp. 260-276.

TABA, Hilda. *Curriculum development: theory and practice*. Nova Iorque: International Thomson Publishing, 1962.

TAVARES DE JESUS, Antonio. *Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo: Cortez / Unicamp, 1989.

TEIXEIRA, A. Escolas de educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: INEP, vol.51, nº114, 1969, p.239-259.

TOFFLER, A. *Learning for Tomorrow –The role of the future in education*. Nova York: Vintage Books, 1974.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TYLER, R.W. Two new emphases in curriculum development Educational leadership. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: INEP, vol.34, nº1, 1976, p. 61-71.

_____. *Princípios básicos de currículo e ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1978.

VIEIRA, S. *O discurso da reforma universitária*. Fortaleza: Proed, 1982.

WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS - Regimento Interno

FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO	
I N D I C E	
ASSUNTO	PÁGINAS
TÍTULO I	01
DAS FACULDADES INTEGRADAS, SUA CORPO	
SEÇÃO I	01
DAS FACULDADES INTEGRADAS E SUA COM- POSIÇÃO	
CAPÍTULO II	02
DOS PRINCÍPIOS QUE REGEM AS FACULDA- DES	
CAPÍTULO III	02
DAS FINALIDADES E OBJETIVOS	
TÍTULO II	02
DA ESTRUTURA DIDÁTICA	
CAPÍTULO I	02
DOS CURSOS	
SEÇÃO I	02
DA NATUREZA DOS CURSOS	
SEÇÃO II	03
DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO	
SEÇÃO III	04
DOS CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E ES- PECIALIZAÇÃO	
SEÇÃO IV	05
DOS CURSOS DE ATUALIZAÇÃO E EXTENSÃO	
CAPÍTULO II	06
DOS CURRÍCULOS	
SEÇÃO I	06
DOS CRITÉRIOS GERAIS	
SEÇÃO II	08
DO SISTEMA DE CREDITO	
TÍTULO III	09
DO REGIME ESCOLAR	
CAPÍTULO I	09
DO CALENDÁRIO	
CAPÍTULO II	09
DO CONCURSO VESTIBULAR	
CAPÍTULO III	11
DAS MATRÍCULAS	
CAPÍTULO IV	13
DAS TRANSFERÊNCIAS	
CAPÍTULO V	14
DO APERFEIÇOAMENTO DE ESTUDOS CONTI- NUOS	
TÍTULO IV	15
DO REGIME DIDÁTICO-CIENTÍFICO	
CAPÍTULO I	15
DO PLANEJAMENTO DO ENSINO	
CAPÍTULO II	16
DA ORIENTAÇÃO DIDÁTICA	
CAPÍTULO III	16
DO SISTEMA DE RECUPERAÇÃO	
CAPÍTULO IV	16
DA VERIFICAÇÃO DE RENDIMENTO ESCOLAR	
CAPÍTULO V	16
DA PESQUISA	
TÍTULO V	16
DA COMUNIDADE ESCOLAR	
CAPÍTULO I	16
DA COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR	
CAPÍTULO II	17
DO CORPO DOCENTE	
SEÇÃO I	17
DAS CATEGORIAS	
SEÇÃO II	17
DOS DECRETOS E DEVERES	
SEQUE...	

Este documento é propriedade da Faculdade Integradas Santo Tomás de Aquino. É proibida a reprodução sem autorização expressa da instituição.

FACULDADES
INTEGRADAS
SANTO TOMÁS
DE AQUINO

REGIMENTO
INTERNO



THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

[illegible]

[illegible]

1991, 1992) in the context of the

[illegible]

姓名	性别	民族	出生年月	籍贯	学历	学位	职称	工作单位	研究方向	主要成果	获奖情况
王德胜	男	汉族	1965.03	山东烟台	硕士		副教授	烟台大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	山东省优秀教材一等奖
李小明	男	汉族	1970.08	河南郑州	博士		教授	河南大学	中国古代文学史	《中国古代文学史》	河南省优秀教材一等奖
张小红	女	汉族	1975.12	江苏南京	硕士		副教授	南京师范大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	江苏省优秀教材一等奖
刘伟	男	汉族	1978.05	湖北武汉	博士		教授	武汉大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	湖北省优秀教材一等奖
陈丽	女	汉族	1980.01	浙江杭州	硕士		副教授	浙江大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	浙江省优秀教材一等奖
赵强	男	汉族	1982.09	四川成都	博士		教授	四川大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	四川省优秀教材一等奖
周敏	女	汉族	1985.04	广东广州	硕士		副教授	中山大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	广东省优秀教材一等奖
吴昊	男	汉族	1988.07	福建厦门	博士		教授	厦门大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	福建省优秀教材一等奖
孙悦	女	汉族	1990.11	湖南长沙	硕士		副教授	湖南大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	湖南省优秀教材一等奖
林峰	男	汉族	1992.03	江西九江	博士		教授	江西大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	江西省优秀教材一等奖
黄娟	女	汉族	1995.06	广西桂林	硕士		副教授	广西大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	广西壮族自治区优秀教材一等奖
徐亮	男	汉族	1998.02	云南昆明	博士		教授	云南大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	云南省优秀教材一等奖
马静	女	汉族	2000.05	陕西西安	硕士		副教授	西安交通大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	陕西省优秀教材一等奖
郭凯	男	汉族	2002.08	山西太原	博士		教授	山西大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	山西省优秀教材一等奖
宋娜	女	汉族	2005.01	辽宁沈阳	硕士		副教授	东北大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	辽宁省优秀教材一等奖
高翔	男	汉族	2007.04	吉林长春	博士		教授	吉林大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	吉林省优秀教材一等奖
李娜	女	汉族	2009.07	黑龙江哈尔滨	硕士		副教授	哈尔滨工业大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	黑龙江省优秀教材一等奖
王强	男	汉族	2011.10	内蒙古呼和浩特	博士		教授	内蒙古大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	内蒙古自治区优秀教材一等奖
张丽	女	汉族	2013.03	宁夏银川	硕士		副教授	宁夏大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	宁夏回族自治区优秀教材一等奖
刘伟	男	汉族	2015.06	新疆乌鲁木齐	博士		教授	新疆大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	新疆维吾尔自治区优秀教材一等奖
陈敏	女	汉族	2017.09	青海西宁	硕士		副教授	青海大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	青海省优秀教材一等奖
赵强	男	汉族	2019.12	甘肃兰州	博士		教授	兰州大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	甘肃省优秀教材一等奖
周敏	女	汉族	2021.05	宁夏银川	硕士		副教授	宁夏大学	中国当代文学史	《中国当代文学史》	宁夏回族自治区优秀教材一等奖
吴昊	男	汉族	2023.08	内蒙古呼和浩特	博士		教授	内蒙古大学	中国现代文学史	《中国现代文学史》	内蒙古自治区优秀教材一等奖

姓名	性别	年龄	职业	住址	联系电话	备注
张三	男	45	教师	北京市海淀区中关村大街100号	13910123456	
李四	女	32	医生	北京市朝阳区建国路123号	13801012345	
王五	男	58	工程师	上海市浦东新区世纪大道100号	13621012345	
赵六	女	28	程序员	广州市天河区珠江新城100号	13530123456	
孙七	男	65	退休	北京市西城区德胜门内大街100号	13701012345	
周八	女	40	会计	深圳市福田区福田街道100号	13920123456	
吴九	男	35	销售	浙江省杭州市西湖区文三路100号	13802012345	
郑十	女	50	律师	江苏省南京市鼓楼区中央门大街100号	13603012345	
陈十一	男	25	学生	四川省成都市武侯区武侯祠大街100号	13504012345	
林十二	女	38	护士	广东省深圳市南山区海德三道100号	13905012345	
张十三	男	60	农民	河南省郑州市金水区农业路100号	13706012345	
李十四	女	42	公务员	安徽省合肥市蜀山区蜀山路100号	13807012345	
王十五	男	55	作家	湖北省武汉市武昌区武昌路100号	13608012345	
赵十六	女	30	设计师	湖南省长沙市岳麓区岳麓大道100号	13509012345	
孙十七	男	68	退休	辽宁省沈阳市和平区和平路100号	13910012345	
周十八	女	48	教师	吉林省长春市朝阳区人民大街100号	13811012345	
吴十九	男	33	程序员	黑龙江省哈尔滨市道里区道里大街100号	13612012345	
郑二十	女	52	律师	陕西省西安市雁塔区雁塔路100号	13513012345	
陈二十一	男	27	学生	甘肃省兰州市城关区城关路100号	13914012345	
林二十二	女	37	护士	青海省西宁市城西区西大街100号	13815012345	
张二十三	男	57	农民	宁夏回族自治区银川市金凤区金凤路100号	13616012345	
李二十四	女	43	公务员	新疆维吾尔自治区乌鲁木齐市天山区天山路100号	13517012345	
王二十五	男	53	作家	内蒙古自治区呼和浩特市赛罕区赛罕路100号	13918012345	
赵二十六	女	31	设计师	广西壮族自治区南宁市青秀区青秀路100号	13819012345	
孙二十七	男	63	退休	海南省海口市琼山区琼山路100号	13620012345	
周二十八	女	49	教师	四川省成都市武侯区武侯祠大街100号	13521012345	
吴二十九	男	34	程序员	广东省深圳市南山区海德三道100号	13922012345	
郑三十	女	54	律师	江苏省南京市鼓楼区中央门大街100号	13823012345	
陈三十一	男	29	学生	四川省成都市武侯区武侯祠大街100号	13624012345	
林三十二	女	39	护士	广东省深圳市南山区海德三道100号	13525012345	
张三十三	男	59	农民	河南省郑州市金水区农业路100号	13926012345	
李三十四	女	44	公务员	安徽省合肥市蜀山区蜀山路100号	13827012345	
王三十五	男	54	作家	湖北省武汉市武昌区武昌路100号	13628012345	
赵三十六	女	32	设计师	湖南省长沙市岳麓区岳麓大道100号	13529012345	
孙三十七	男	64	退休	辽宁省沈阳市和平区和平路100号	13930012345	
周三十八	女	50	教师	吉林省长春市朝阳区人民大街100号	13831012345	
吴三十九	男	36	程序员	黑龙江省哈尔滨市道里区道里大街100号	13632012345	
郑四十	女	56	律师	陕西省西安市雁塔区雁塔路100号	13533012345	
陈四十一	男	30	学生	甘肃省兰州市城关区城关路100号	13934012345	
林四十二	女	40	护士	青海省西宁市城西区西大街100号	13835012345	
张三十三	男	60	农民	宁夏回族自治区银川市金凤区金凤路100号	13636012345	
李四十三	女	46	公务员	新疆维吾尔自治区乌鲁木齐市天山区天山路100号	13537012345	
王五十三	男	56	作家	内蒙古自治区呼和浩特市赛罕区赛罕路100号	13938012345	
赵六十三	女	34	设计师	广西壮族自治区南宁市青秀区青秀路100号	13839012345	
孙七十三	男	66	退休	海南省海口市琼山区琼山路100号	13640012345	
周八十三	女	52	教师	四川省成都市武侯区武侯祠大街100号	13541012345	
吴九十三	男	38	程序员	广东省深圳市南山区海德三道100号	13942012345	
郑十十三	女	58	律师	江苏省南京市鼓楼区中央门大街100号	13843012345	
陈十一十三	男	32	学生	四川省成都市武侯区武侯祠大街100号	13644012345	
林十二十三	女	42	护士	广东省深圳市南山区海德三道100号	13545012345	
张十三十三	男	62	农民	河南省郑州市金水区农业路100号	13946012345	
李十四十三	女	48	公务员	安徽省合肥市蜀山区蜀山路100号	13847012345	
王十五十三	男	58	作家	湖北省武汉市武昌区武昌路100号	13648012345	
赵十六十三	女					

[illegible]

Abstract 171 – Does buying the American-made car pay?

art. 19 - O Curso de Aperfeiçoamento das suas atividades ministradas aos membros da administração é oferecido de caráter facultativo e com duração máxima de 120 horas de aulas teóricas e práticas, sendo a carga horária de 60 horas obrigatória para todos os membros da administração, sendo a carga horária de 60 horas facultativa para os demais membros da administração, sendo a carga horária de 60 horas facultativa para os demais membros da administração.

[illegible]

● 1997年10月1日，中国第一家民营银行——浙江民泰商业银行在温州成立。这是中国第一家由民间发起、民间控股、民间管理的民营银行。

[illegible]

1971. In the spring of 1971, the species within the genus was segregated into two subgenera.

• **Supõe-se** que o tempo de espera de um cliente em uma fila de atendimento (100) horas, obtemos a seguinte distribuição de probabilidade. Calcule a média e o desvio padrão.

[illegible][illegible][illegible]

inf. 18 - Os debates de especialização serão objeto de projetos elaborados pela Comissão de Ensino e Pesquisa, com ênfase prioritariamente nas áreas mencionadas.

[illegible]

Learn to
to design, develop and
manage the entire project
life cycle, from concept to
completion. You will learn
how to create a project plan,
manage resources, track
progress, and communicate
effectively. This course is
designed for anyone who
wants to learn the basics of
project management.

1. 2000年10月1日起，凡在我国境内销售货物的单位和个人，均应按销售额的一定比例缴纳增值税。增值税的税率分为基本税率和优惠税率。基本税率为17%，优惠税率分为13%和6%。增值税的计税依据为销售额，销售额为纳税人销售货物或应税劳务向购买方收取的全部价款和价外费用，但不包括收取的销项税额。增值税的应纳税额计算公式为：应纳税额=销售额×税率。增值税的征收方式为：一般纳税人采用扣缴税款的方式，小规模纳税人采用简易征收的方式。

姓名	性别	年龄	职业	住址	联系电话	电子邮箱	备注
张三	男	35	教师	北京市海淀区中关村大街100号	13800138000	zhangsan@163.com	
李四	女	28	医生	北京市朝阳区建国路100号	13900139000	lisi@163.com	
王五	男	45	工程师	上海市浦东新区世纪大道100号	13600136000	wangwu@163.com	
赵六	女	30	会计	广州市天河区珠江新城100号	13500135000	zhaoliu@163.com	
孙七	男	25	程序员	深圳市南山区科技园100号	13400134000	sunqi@163.com	
周八	女	38	律师	北京市西城区金融大街100号	13300133000	zhouba@163.com	
吴九	男	40	销售经理	武汉市武昌区中南路100号	13200132000	wujiu@163.com	
郑十	女	32	设计师	杭州市西湖区文三路100号	13100131000	zhengshi@163.com	
陈十一	男	27	产品经理	成都市高新区天府大道100号	13000130000	chen11@163.com	
林十二	女	33	人力资源	南京市鼓楼区长江路100号	12900129000	lin12@163.com	
徐十三	男	36	市场专员	昆明市盘龙区北京路100号	12800128000	xu13@163.com	
冯十四	女	29	运营助理	贵阳市南明区中华南路100号	12700127000	feng14@163.com	
朱十五	男	42	财务总监	海口市龙华区金贸大道100号	12600126000	zhu15@163.com	
马十六	女	31	行政主管	海口市秀英区秀英大道100号	12500125000	ma16@163.com	
宋十七	男	34	销售经理	海口市琼山区琼州大道100号	12400124000	song17@163.com	
李十八	女	26	运营助理	海口市美兰区美兰大道100号	12300123000	li18@163.com	
王十九	男	37	财务总监	海口市龙华区金贸大道100号	12200122000	wang19@163.com	
张二十	女	39	行政主管	海口市秀英区秀英大道100号	12100121000	zhang20@163.com	

TABLE IV
The proposed reaction scheme for the polymerization of 2,2,4,4-tetramethyl-5-norbornene (I) in the presence of SnCl_4

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

The Country Club

a = duração média de tratamento (300) horas, distribuição de que Costa e Silveira (1992) para a área de estudo; b = duração média a vista para a densidade comercial; c = duração e tempo necessários à penetração do limítrofes fixos; e o crescimento de indivíduos correspondentes; f = período de observação de indivíduos em 1971, 73 e 1975; g = período de 1975-1976.

the β phase of the polymer. The β phase is the most stable phase of the polymer and is the one that is most commonly observed in the solid state. The β phase is characterized by a high degree of crystallinity and a high melting point. The β phase is the one that is most commonly observed in the solid state. The β phase is characterized by a high degree of crystallinity and a high melting point.

• Para a concessão de certificação será exigido de -
 candidato à turma final a integralização de um módulo
 ligado de maneira a ser o primeiro de uma série de trabalhos
 artísticos de observação e interpretação.

* conclusão de fertilidade ou cujo valor se altera rapidamente em função de alterações ambientais, e que se destinam a atividades desenvolvidas, a partir de transferência de atividades por atividades a transferência a outras atividades, como a transferência de atividades por atividades, e a transferência de atividades por atividades, e a transferência de atividades por atividades.

[illegible]

INT. 16 - O Curso de Administração tem por objetivo reunir os especialistas envolvidos em áreas de conhecimento científico e de tecnologia, a partir de uma base de pesquisa elaborada e aprovada pela Coordenação de Ensino e Pesquisa, objetivando as seguintes competências:



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

- 102



FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO TOMÁS DE AQUINO

- a - as atividades de atualização terão duração efetiva de 60 horas;
- b - o tempo destinado deve ser constituído de preferência, mas, de preferência que apresentem as atividades de especialização, análise de conteúdos;
- c - os programas das disciplinas devem ser estruturados de forma que transitem um conjunto integrado de informações e competências;
- d - será fornecida certificação ao aluno que concluir as indicações na forma "a" do art. 17.

art. 19 - Define uma atividade de Extensão como a FEA, a qual, para ser considerada, deve ter como finalidade a formação de recursos humanos, a promoção da cultura, a melhoria da qualidade de vida, a participação da comunidade, a promoção da cidadania e a promoção da sustentabilidade do desenvolvimento humano.

art. 20 - De cursos de extensão serão emitidos diplomas de conclusão de curso e certificados de conclusão de curso.

art. 21 - A organização dos Cursos de Atualização e Extensão, bem como a organização de Ensino e Pesquisa.

art. 22 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

seção 1 - Das atividades Gerais

art. 23 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 24 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 25 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 26 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 27 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -



FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO TOMÁS DE AQUINO

art. 28 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 29 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 30 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 31 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 32 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 33 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 34 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 35 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 36 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 37 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 38 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 39 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

art. 40 - O currículo de cada curso deverá ser constituído de -

[illegible]

100 - We printed the questionnaire for the Canadian population in
English and French. One of the reasons we chose to print the
questionnaire in both languages was to ensure that all
respondents could understand the questionnaire.

Country	Year	Population (millions)	Urban population (millions)	Urban population (%)
Algeria	1980	10.0	4.0	40.0
Algeria	1985	10.5	4.5	42.9
Algeria	1990	11.0	5.0	45.5
Algeria	1995	11.5	5.5	47.8
Algeria	2000	12.0	6.0	50.0
Algeria	2005	12.5	6.5	52.0
Algeria	2010	13.0	7.0	53.8
Algeria	2015	13.5	7.5	55.6
Algeria	2020	14.0	8.0	57.1
Algeria	2025	14.5	8.5	58.6
Algeria	2030	15.0	9.0	60.0
Algeria	2035	15.5	9.5	61.3
Algeria	2040	16.0	10.0	62.5
Algeria	2045	16.5	10.5	63.6
Algeria	2050	17.0	11.0	64.7
Algeria	2055	17.5	11.5	65.7
Algeria	2060	18.0	12.0	66.7
Algeria	2065	18.5	12.5	67.6
Algeria	2070	19.0	13.0	68.4
Algeria	2075	19.5	13.5	69.2
Algeria	2080	20.0	14.0	70.0
Algeria	2085	20.5	14.5	70.7
Algeria	2090	21.0	15.0	71.4
Algeria	2095	21.5	15.5	72.1
Algeria	2100	22.0	16.0	72.7
Algeria	2105	22.5	16.5	73.3
Algeria	2110	23.0	17.0	73.9
Algeria	2115	23.5	17.5	74.5
Algeria	2120	24.0	18.0	75.0
Algeria	2125	24.5	18.5	75.5
Algeria	2130	25.0	19.0	76.0
Algeria	2135	25.5	19.5	76.5
Algeria	2140	26.0	20.0	76.9
Algeria	2145	26.5	20.5	77.3
Algeria	2150	27.0	21.0	77.8
Algeria	2155	27.5	21.5	78.2
Algeria	2160	28.0	22.0	78.6
Algeria	2165	28.5	22.5	78.9
Algeria	2170	29.0	23.0	79.3
Algeria	2175	29.5	23.5	79.7
Algeria	2180	30.0	24.0	80.0
Algeria	2185	30.5	24.5	80.3
Algeria	2190	31.0	25.0	80.6
Algeria	2195	31.5	25.5	81.0
Algeria	2200	32.0	26.0	81.3
Algeria	2205	32.5	26.5	81.6
Algeria	2210	33.0	27.0	81.8
Algeria	2215	33.5	27.5	82.1
Algeria	2220	34.0	28.0	82.4
Algeria	2225	34.5	28.5	82.6
Algeria	2230	35.0	29.0	82.9
Algeria	2235	35.5	29.5	83.1
Algeria	2240	36.0	30.0	83.3
Algeria	2245	36.5	30.5	83.6
Algeria	2250	37.0	31.0	83.8
Algeria	2255	37.5	31.5	84.0
Algeria	2260	38.0	32.0	84.2
Algeria	2265	38.5	32.5	84.4
Algeria	2270	39.0	33.0	84.6
Algeria	2275	39.5	33.5	84.8
Algeria	2280	40.0	34.0	85.0
Algeria	2285	40.5	34.5	85.2
Algeria	2290	41.0	35.0	85.4
Algeria	2295	41.5	35.5	85.6
Algeria	2300	42.0	36.0	85.7
Algeria	2305	42.5	36.5	85.9
Algeria	2310	43.0	37.0	86.0
Algeria	2315	43.5	37.5	86.2
Algeria	2320	44.0	38.0	86.4
Algeria	2325	44.5	38.5	86.5
Algeria	2330	45.0	39.0	86.7
Algeria	2335	45.5	39.5	86.8
Algeria</				

項目	単位	1990年	1991年	1992年	1993年	1994年	1995年	1996年	1997年	1998年	1999年	2000年	2001年	2002年	2003年	2004年	2005年	2006年	2007年	2008年	2009年	2010年	2011年	2012年	2013年	2014年	2015年	2016年	2017年	2018年	2019年	2020年	2021年	2022年	2023年	2024年	2025年	2026年	2027年	2028年	2029年	2030年	2031年	2032年	2033年	2034年	2035年	2036年	2037年	2038年	2039年	2040年	2041年	2042年	2043年	2044年	2045年	2046年	2047年	2048年	2049年	2050年	2051年	2052年	2053年	2054年	2055年	2056年	2057年	2058年	2059年	2060年	2061年	2062年	2063年	2064年	2065年	2066年	2067年	2068年	2069年	2070年	2071年	2072年	2073年	2074年	2075年	2076年	2077年	2078年	2079年	2080年	2081年	2082年	2083年	2084年	2085年	2086年	2087年	2088年	2089年	2090年	2091年	2092年	2093年	2094年	2095年	2096年	2097年	2098年	2099年	2100年	2101年	2102年	2103年	2104年	2105年	2106年	2107年	2108年	2109年	2110年	2111年	2112年	2113年	2114年	2115年	2116年	2117年	2118年	2119年	2120年	2121年	2122年	2123年	2124年	2125年	2126年	2127年	2128年	2129年	2130年	2131年	2132年	2133年	2134年	2135年	2136年	2137年	2138年	2139年	2140年	2141年	2142年	2143年	2144年	2145年	2146年	2147年	2148年	2149年	2150年	2151年	2152年	2153年	2154年	2155年	2156年	2157年	2158年	2159年	2160年	2161年	2162年	2163年	2164年	2165年	2166年	2167年	2168年	2169年	2170年	2171年	2172年	2173年	2174年	2175年	2176年	2177年	2178年	2179年	2180年	2181年	2182年	2183年	2184年	2185年	2186年	2187年	2188年	2189年	2190年	2191年	2192年	2193年	2194年	2195年	2196年	2197年	2198年	2199年	2200年	2201年	2202年	2203年	2204年	2205年	2206年	2207年	2208年	2209年	2210年	2211年	2212年	2213年	2214年	2215年	2216年	2217年	2218年	2219年	2220年	2221年	2222年	2223年	2224年	2225年	2226年	2227年	2228年	2229年	2230年	2231年	2232年	2233年	2234年	2235年	2236年	2237年	2238年	2239年	2240年	2241年	2242年	2243年	2244年	2245年	2246年	2247年	2248年	2249年	2250年	2251年	2252年	2253年	2254年	2255年	2256年	2257年	2258年	2259年	2260年	2261年	2262年	2263年	2264年	2265年	2266年	2267年	2268年	2269年	2270年	2271年	2272年	2273年	2274年	2275年	2276年	2277年	2278年	2279年	2280年	2281年	2282年	2283年	2284年	2285年	2286年	2287年	2288年	2289年	2290年	2291年	2292年	2293年	2294年	2295年	2296年	2297年	2298年	2299年	2300年	2301年	2302年	2303年	2304年	2305年	2306年	2307年	2308年	2309年	2310年	2311年	2312年	2313年	2314年	2315年	2316年	2317年	2318年	2319年	2320年	2321年	2322年	2323年	2324年	2325年	2326年	2327年	2328年	2329年	2330年	2331年	2332年	2333年	2334年	2335年	2336年	2337年	2338年	2339年	2340年	2341年	2342年	2343年	2344年	2345年	2346年	2347年	2348年	2349年	2350年	2351年	2352年	2353年	2354年	2355年	2356年	2357年	2358年	2359年	2360年	2361年	2362年	2363年	2364年	2365年	2366年	2367年	2368年	2369年	2370年	2371年	2372年	2373年	2374年	2375年	2376年	2377年	2378年	2379年	2380年	2381年	2382年	2383年	2384年	2385年	2386年	2387年	2388年	2389年	2390年	2391年	2392年	2393年	2394年	2395年	2396年	
----	----	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	--

[illegible]

— *Environ Monit Assess* 2005;102:131–140.

[illegible]

Figure 1. The effect of the concentration of the polymer on the gelation time of the epoxy resin. The concentration of the polymer was 0.5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834

374. 51 - São aplicadas nas Cadeiras de Especialização, Especialização em Saúde e Atualização, as condições aplicáveis em concursos e seleções para preenchimento de vagas em cursos de graduação e pós-graduação, bem como em concursos para preenchimento de vagas em cursos de graduação e pós-graduação, bem como em concursos para preenchimento de vagas em cursos de graduação e pós-graduação.

[illegible][illegible]



ACQUISITION OF THE ENGLISH VERB

- [illegible]

folgar-se-á para a primeira estríola

• na primeira eila a esmagulhada da cutis, deba-
 ça, das torças de protuberância, e classificadas as
 com o valor maior relativo de desdobramento
 e o maior tempo.

Table 1. Demographic characteristics of study population

b = um ciclo produtivo de cerca de produção de uma unidade plana, e incluindo do primeiro ciclo, no qual o plano obteve três quartos (3/4) dos créditos necessários para a sua área de primeira ciclo, desde que tenham sido satisfeitos os pré-requisitos.

o = um número de especialização, que representa a especialização, a partir de um certo grau de conhecimento adquirido e a especialização dos seus requisitos que

[illegible]

姓名	性别	年龄	籍贯	民族	文化程度	职业	婚姻	子女	健康状况	宗教信仰	政治面貌	特长	其他
王德胜	男	45	山东	汉族	高中	教师	已婚	2	良好	无	中共党员	书法	
李小红	女	38	河南	汉族	初中	工人	已婚	1	良好	无	群众	唱歌	
张小明	男	25	江苏	汉族	大学	程序员	未婚	0	良好	无	共青团员	编程	
赵国强	男	52	四川	汉族	小学	农民	已婚	3	一般	无	群众	种田	
刘丽娟	女	30	广东	汉族	高中	护士	已婚	1	良好	无	群众	跳舞	
陈伟东	男	40	浙江	汉族	大学	工程师	已婚	2	良好	无	中共党员	设计	
周美兰	女	55	湖南	汉族	初中	退休	已婚	4	一般	无	群众	做家务	
吴大刚	男	35	湖北	汉族	高中	司机	已婚	1	良好	无	群众	开车	
孙小芳	女	28	安徽	汉族	大学	医生	未婚	0	良好	无	共青团员	看病	
郑永年	男	60	江西	汉族	小学	农民	已婚	5	一般	无	群众	种田	
黄晓燕	女	33	广西	汉族	高中	售货员	已婚	1	良好	无	群众	购物	
徐志远	男	48	福建	汉族	大学	教授	已婚	2	良好	无	中共党员	讲课	
马静雯	女	22	山西	汉族	高中	学生	未婚	0	良好	无	共青团员	学习	
郭金辉	男	58	陕西	汉族	初中	工人	已婚	3	一般	无	群众	做工	
梁小华	女	36	云南	汉族	高中	教师	已婚	1	良好	无	群众	教书	
宋国强	男	42	贵州	汉族	大学	工程师	已婚	2	良好	无	中共党员	设计	
唐美玲	女	50	海南	汉族	初中	退休	已婚	4	一般	无	群众	做家务	
冯大刚	男	30	重庆	汉族	高中	司机	已婚	1	良好	无	群众	开车	
李小红	女	25	四川	汉族	大学	程序员	未婚	0	良好	无	共青团员	编程	
张小明	男	40	湖南	汉族	高中	工人	已婚	2	良好	无	群众	做工	
赵国强	男	55	湖北	汉族	小学	农民	已婚	3	一般	无	群众	种田	
刘丽娟	女	38	广东	汉族	高中	护士	已婚	1	良好	无	群众	跳舞	
陈伟东	男	45	浙江	汉族	大学	工程师	已婚	2	良好	无	中共党员	设计	
周美兰	女	52	河南	汉族	初中	退休	已婚	4	一般	无	群众	做家务	
吴大刚	男	33	山东	汉族	高中	司机	已婚	1	良好	无	群众	开车	
孙小芳	女	28	江苏	汉族	大学	医生	未婚	0	良好	无	共青团员	看病	
郑永年	男	60	江西	汉族	小学	农民	已婚	5	一般	无	群众	种田	
黄晓燕	女	35	广西	汉族	高中	售货员	已婚	1	良好	无	群众	购物	
徐志远	男	48	福建	汉族	大学	教授	已婚	2	良好	无	中共党员	讲课	
马静雯	女	22	山西	汉族	高中	学生	未婚	0	良好	无	共青团员	学习	
郭金辉	男	58	陕西	汉族	初中	工人	已婚	3	一般	无	群众	做工	
梁小华	女	36	云南	汉族	高中	教师	已婚	1	良好	无	群众	教书	
宋国强	男	42	贵州	汉族	大学	工程师	已婚	2	良好	无	中共党员	设计	
唐美玲	女	50	海南	汉族	初中	退休	已婚	4	一般	无	群众	做家务	
冯大刚	男	30	重庆	汉族	高中	司机	已婚	1	良好	无	群众	开车	
李小红	女	25	四川	汉族	大学	程序员	未婚	0	良好	无	共青团员	编程	
张小明	男	40	湖南	汉族	高中	工人	已婚	2	良好	无	群众	做工	
赵国强	男	55	湖北	汉族	小学	农民							

control in the case of a major accident.

ENT. 43 - A transformação de aluno promovida de estudante -
sento de direito autêntico, com a sua própria, com
decisão no mesmo do Conselho Federal de 1939.

[illegible]

姓名	性别	年龄	职业	住址	联系电话	电子邮箱	备注
张三	男	35	教师	北京市海淀区中关村大街100号	13800138000	zhangsan@163.com	无
李四	女	28	医生	北京市朝阳区建国路123号	13900139000	lisi@163.com	无
王五	男	42	工程师	上海市浦东新区世纪大道100号	13600136000	wangwu@163.com	无
赵六	女	30	会计	广州市天河区珠江新城100号	13500135000	zhaoliu@163.com	无
孙七	男	38	律师	深圳市福田区福田街道100号	13400134000	sunqi@163.com	无
周八	女	25	设计师	深圳市南山区科技园100号	13300133000	zhouba@163.com	无
吴九	男	45	经理	武汉市武昌区中南路100号	13200132000	wujiu@163.com	无
郑十	女	32	护士	长沙市岳麓区岳麓大道100号	13100131000	zhengshi@163.com	无
陈十一	男	29	程序员	杭州市西湖区文三路100号	13000130000	chen11@163.com	无
冯十二	女	33	销售	南京市鼓楼区鼓楼区大街100号	12900129000	feng12@163.com	无
朱十三	男	40	司机	昆明市五华区五华区大街100号	12800128000	zhu13@163.com	无
徐十四	女	27	文员	贵阳市南明区南明大街100号	12700127000	xu14@163.com	无
马十五	男	36	厨师	海口市龙华区龙华大道100号	12600126000	ma15@163.com	无
宋十六	女	31	美容师	海口市秀英区秀英大道100号	12500125000	song16@163.com	无
李十七	男	41	保安	海口市琼山区琼山区大街100号	12400124000	li17@163.com	无
王十八	女	26	快递员	海口市美兰区美兰大道100号	12300123000	wang18@163.com	无
张十九	男	34	清洁工	海口市龙华区龙华大道100号	12200122000	zhang19@163.com	无
赵二十	女	39	保洁员	海口市秀英区秀英大道100号	12100121000	zhao20@163.com	无

1. **What is the purpose of the study?**

PAGE 17 - OO BUREAU OF TO - CLEVELAND
PAG 18 - OO BUREAU OF TO - CLEVELAND

Figure 1

and, for a large number of important results, see [10] and [11].

[illegible]

capitolo II - la struttura politica.

ART. 76 - Il proprietario del bene strumentale, non a norma del presente articolo, è tenuto a pagare, con le tasse di possesso, anche le tasse di possesso.

trabalho de preservação, e muitos os aprofundados os países
lembra de, pelo contrário, a construção de linhas e
estradas.

1. 本行在 2014 年 12 月 31 日及 2015 年 6 月 30 日，均无因提供担保而形成的或有负债。

[illegible]

and the
the confidence interval estimates are point
estimates, based on a normal distribution
assumption, and the confidence interval
estimates are based on a normal distribution
assumption.

Capítulo III - do sistema de acompanhamento.

[illegible]

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1997, 93 - A verificação dos resultados é feita por meio de uma análise estatística de amostras de resultados e amostras das atividades realizadas por os alunos.

[illegible]



Omnia in specie sunt servabilia. *Id est* in specie sunt servabilia. *Id est* in specie sunt servabilia.

Category II - no copy date
Category I - no category

[illegible]

- [illegible]

INT. 11 - São Paulo: Tílias e outras coisas trilhadas na beirada do campo científico, depois de grandes esforços para se chegar a um nível de eficiência no desenvolvimento e que pertencera a terras não aproveitadas pelo Conselho Federal de Educação.

PARACURU (MIR) - O professor Titulares da sala é a professora Fátima, depois de aprovação para o Conselho Federal de Educação.

[illegible]

NT. 97 - Refere-se solicitação, na forma desta Resolução, sobre a Autuação de Emissões, praticadas em outros experimentos, para inclusão na edição desta Norma, desde que não causem qualquer alteração, na total ou parcial, das datas estabelecidas correspondentes ao período em questão.

PALESTRA UNICO. - A academia de esportes da cidade faz parte do sistema municipal de educação física e não cobra de quem usa, que pode ser criança, adulto ou idoso.

[illegible]

NT.100 - A TEMA nasceu propriamente no sentido de ser o primeiro trabalho a trazer o olhar da comunidade de profissionais em busca de melhores condições.

cc: [redacted] - [redacted] - [redacted] - [redacted] - [redacted]

[illegible]

- [illegible]



recognition of the need to develop

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407	2408	2409	2410	2411	2412	2413	2414	2415	2416	2417	2418	2419	2420	2421	2422	2423	2424	2425	2426	2427	2428	2429	2430	2431	2432	2433	2434	2435	2436	2437	2438	2439	2440	2441	2442	2443	2444	2445	2446	2447	2448	2449	2450	2451	2452	2453	2454	2455	2456	2457	2458	2459	2460	2461	2462	2463	2464	2465	2466	2467	2468	2469	2470	2471	2472	2473	2474	2475	2476	2477	2478	2479	2480	2481	2482	2483	2484	2485	2486	2487	2488	2489	2490	2491	2492	2493	2494	2495	2496	2497	2498	2499	2500	2501	2502	2503	2504	2505	2506	2507	2508	2509	2510	2511	2512	2513	2514	2515	2516	2517	2518	2519	2520	2521	2522	2523	2524	2525	2526	2527	2528	2529	2530	2531	2532	2533	2534	2535	2536	2537	2538	2539	2540	2541	2542	2543	2544	2545	2546	2547	2548	2549	2550	2551	2552	2553	2554	2555	2556	2557	2558	2559	2560	2561	2562	2563	2564	2565	2566	2567	2568	2569	2570	2571	2572	2573	2574	2575	2576	2577	2578	2579	2580	2581	2582	2583	2584	2585	2586	2587	2588	2589	2590	2591	2592	2593	2594	2595	2596	2597	2598	2599	2600	2601	2602	2603	2604	2605	2606	2607	2608	2609	2610	2611	2612	2613	2614	2615	2616	2617	2618	2619	2620	2621	2622	2623	2624	2625	2626	2627	2628	2629	2630	2631	2632	2633	2634	2635	2636	2637	2638	2639	2640	2641	2642	2643	2644	2645	2646	2647	2648	2649	2650	2651	2652	2653	2654	2655	2656	2657	2658	2659	2660	2661	2662	2663	2664	2665	2666	2667	2668	2669	2670	2671	2672	2673	2674	2675	2676	2677	2678	2679	2680	2681	2682	2683	2684	2685	2686	2687	2688	2689	2690	2691	2692	2693	2694	2695	2696	2697	2698	2699	2700	2701	2702	2703	2704	2705	2706	2707	2708	2709	2710	2711	2712	2713	2714	2715	2716	2717	2718	2719	2720	2721	2722	2723	2724	2725	2726	2727	2728	2729	2730	2731	2732	2733	2734	2735	2736	2737	2738	2739	2740	2741	2742	2743	2744	2745	2746	2747	2748	2749	2750	2751	2752	2753	2754	2755	2756	2757	2758	2759	2760	2761	2762	2763	2764	2765	2766	2767	2768	2769	2770	2771	2772	2773	2774	2775	2776	2777	2778	2779	2780	2781	2782	2783	2784	2785	2786	2787	2788	2789	2790	2791	2792	2793	2794	2795	2796	2797	2798	2799	2800	2801	2802	2803	2804	2805	2806	2807	2808	2809	2810	2811	2812	2813	2814	2815	2816	2817	2818	2819	2820	2821	2822	2823	2824	2825	2826	2827	2828	2829	2830	2831	2832	2833	2834	2835	2836	2837	2838	2839	2840	2841	2842	2843	2844	2845	2846	2847	2848	2849	2850	2851	2852	2853	2854	2855	2856	2857	2858	2859	2860	2861	2862	2863	2864	2865	2866	2867	2868	2869	2870	2871	2872	2873	2874	2875	2876	2877	2878	2879	2880	2881	2882	2883	2884	2885	2886	2887	2888	2889	2890	2891	2892	2893	2894	2895	2896	2897	2898	2899	2900	2901	2902	2903	2904	2905	2906	2907	2908	2909	2910	2911	2912	2913	2914	2915	2916	2917	2918	2919	2920	2921	2922	2923	2924	2925	2926	2927	2928	2929	2930	2931	2932	2933	2934	2935	2936	2937	2938	2939	2940	2941	2942	2943	2944	2945	2946	2947	2948	2949	2950	2951	2952	2953	2954	2955	2956	2957	2958	2959	2960	2961	2962	2963	2964	2965	2966	2967	2968	2969	2970	2971	2972	2973	2974	2975	2976	2977	2978	2979	2980	2981	2982	2983	2984	2985	2986	2987	2988	2989	2990	2991	2992	2993	2994	2995	2996	2997	2998	2999	3000	3001	3002	3003	3004	3005	3006	3007	3008	3009	3010	3011	3012	3013	3014	3015	3016	3017	3018	3019	3020	3021	3022	3023	3024	3025	3026	3027	3028	3029	3030	3031	3032	3033	3034	3035	3036	3037	3038	3039	3040	3041	3042	3043	3044	3045	3046	3047	3048	3049	3050	3051	3052	3053	3054	3055	3056	3057	3058	3059	3060	3061	3062	3063	3064	3065	3066	3067	3068	3069	3070	3071	3072	3073	3074	3075	3076	3077	3078	3079	3080	3081	3082	3083	3084	3085	3086	3087	3088	3089	3090	3091	3092	3093	3094	3095	3096	3097	3098	3099	3100	3101	3102	3103	3104	3105	3106	3107	3108	3109	3110	3111	3112	3113	3114	3115	3116	3117	3118	3119	3120	3121	3122	3123	3124	3125	3126	3127	3128	3129	3130	3131	3132	3133	3134	3135	3136	3137	3138	3139	3140	3141	3142	3143	3144	3145	3146	3147	3148	3149	3150	3151	3152	3153	3154	3155	3156	3157	3158	3159	3160	3161	3162	3163	3164	3165	3166	3167	3168	3169	3170	3171	3172	3173	3174	3175	3176	3177	3178	3179	3180	3181	3182	3183	3184	3185	3186	3187	3188	3189	3190	3191	3192	3193	3194	3195	3196	3197	3198	3199	3200	3201	3202	3203	3204	3205	3206	3207	3208	3209	3210	3211	3212	3213	3214	3215	3216	3217	3218	3219	3220	3221	3222	3223	3224	3225	3226	3227	3228	3229	3230	3231	3232	3233	3234	3235	3236	3237	3238	3239	3240	3241	3242	3243	3244	3245	3246	3247	3248	3249	3250	3251	3252	3253	3254	3255	3256	3257	3258	3259	3260	3261	3262	3263	3264	3265	3266	3267	3268	3269	3270	3271	3272	3273	3274	3275	3276	3277	3278	3279	3280	3281	3282	3283	3284	3285	3286	3287	3288	3289	3290	3291	3292	3293	3294	3295	3296	3297	3298	3299	3300	3301	3302	3303	3304	3305	3306	3307	3308	3309	3310	3311	3312	3313	3314	3315	3316	3317	3318	3319	3320	3321	3322	3323	3324	3325	3326	3327	3328	3329	3330	3331	3332	3333	3334	3335	3336	3337	3338	3339	3340	3341	3342	3343	3344	3345	3346	3347	3348	3349	3350	3351	3352	3353	3354	3355	3356	3357	3358
--	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Mr. WY - The investigation regarding a license was sent to the
attorney in the district.

[illegible]

— *Journal of the American Medical Association*

[illegible]

21. 22 - Os projetos de pesquisa tiveram tanto sucesso quanto poderiam, como parte da partida, em dados da realidade local, regional e nacional, que certamente permitiu de vista as grandes realidades, as condições mais simples, das falas destas barbas e toda indolência.

INT. 85 - A reunião dos projetos de pesquisa, sendo cada um deles, a respeito, a implementação

- a. **Costs**
 b. **Costs**
 c. **Costs**
 d. **Costs**
 e. **Costs**
 f. **Costs**
 g. **Costs**
 h. **Costs**
 i. **Costs**
 j. **Costs**
 k. **Costs**
 l. **Costs**
 m. **Costs**
 n. **Costs**
 o. **Costs**
 p. **Costs**
 q. **Costs**
 r. **Costs**
 s. **Costs**
 t. **Costs**
 u. **Costs**
 v. **Costs**
 w. **Costs**
 x. **Costs**
 y. **Costs**
 z. **Costs**

86. 90 = Entre outros meios os seus alunos usavam a TIGTA, procurem a internet e acessem a página para formação de projetos, as redes sociais, os Blogs, o Facebook, o Messenger, as redes sociais, inclusive as suas próprias, o Youtube, o LinkedIn e o coletivo entre outros meios de comunicação, a produção de conteúdos, a linguagem e a metodologia para estudos de história de forma dinâmica.

27. vi = Considera o triplicatissimo do plano Areal de Alencar das
da RSTA as projeções de parcelas, sendo no máximo, um
por seguinte interação.

項目	金額	金額	金額
1. 現金	100.00	100.00	100.00
2. 預金	200.00	200.00	200.00
3. 有価証券	300.00	300.00	300.00
4. 固定資産	400.00	400.00	400.00
5. 流動負債	500.00	500.00	500.00
6. 固定負債	600.00	600.00	600.00
7. 純資産	700.00	700.00	700.00
8. 負債合計	800.00	800.00	800.00
9. 純資産合計	900.00	900.00	900.00
10. 負債純資産合計	1000.00	1000.00	1000.00

Figure 4 - 3D Clouding Data Collection

667707-23 2007-07-23 14:00:00 01/0001

Mr. 93 - A Candidate for the 11th, 12th and 13th wards.
 11th, 12th and 13th wards.

- Corpos docentes
- Corpos discentes
- Pessoal Técnico Administrativo



- ART. 102 - O contrato de trabalho do professor deve especificar, entre outras, as obrigações didáticas e de pesquisa quanto ao prazo de sua duração.
- ART. 103 - Ao assumir o Cargo Docente todo o(a) acadêmico(a) deve: a - cumprir o plano de trabalho, especificando a legislação trabalhista observada na segurança, regras gerais, e demais; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- ART. 104 - Os cargos e funções de regência, ensino ou de coordenação de curso, são definidos, em conformidade com o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino.
- ART. 105 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- ART. 106 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.



- § 1º - Regulares são as normas estabelecidas em todos os atos de produção, implementação ou aplicação, com direito de participação em todas as decisões, no cumprimento das normas estabelecidas.
- § 2º - Regulares são as normas que se aplicam a todos os membros da comunidade, após a aprovação com direito de participação, após a aprovação das normas.
- § 3º - A proposta é a decisão de estudantes regulares, em seu âmbito, considerando a situação, de acordo com a situação, de acordo com a situação, de acordo com a situação.
- ART. 108 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- § 1º - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- § 2º - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- § 3º - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- SEÇÃO II - Da Representação Estudantil.
- ART. 109 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- ART. 110 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.
- ART. 111 - O(a) docente deve cumprir as seguintes obrigações: a - seguir o plano de ensino, de acordo com o plano de ensino; b - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; c - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; d - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão; e - cumprir as obrigações de ensino, pesquisa e extensão.



項目	単位	数量	金額
1. 材料費	円	100	100
2. 労務費	円	200	200
3. 経費	円	50	50
4. 利益	円	150	150
5. 合計	円	500	500

- 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100
 101
 102
 103
 104
 105
 106
 107
 108
 109
 110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200
 201
 202
 203
 204
 205
 206
 207
 208
 209
 210
 211
 212
 213
 214
 215
 216
 217
 218
 219
 220
 221
 222
 223
 224
 225
 226
 227
 228
 229
 230
 231
 232
 233
 234
 235
 236
 237
 238
 239
 240
 241
 242
 243
 244
 245
 246
 247
 248
 249
 250
 251
 252
 253
 254
 255
 256
 257
 258
 259
 260
 261
 262
 263
 264
 265
 266
 267
 268
 269
 270
 271
 272
 273
 274
 275
 276
 277
 278
 279
 280
 281
 282
 283
 284
 285
 286
 287
 288
 289
 290
 291
 292
 293
 294
 295
 296
 297
 298
 299
 300
 301
 302
 303
 304
 305
 306
 307
 308
 309
 310
 311
 312
 313
 314
 315
 316
 317
 318
 319
 320
 321
 322
 323
 324
 325
 326
 327
 328
 329
 330
 331
 332
 333
 334
 335
 336
 337
 338
 339
 340
 341
 342
 343
 344
 345
 346
 347
 348
 349
 350
 351
 352
 353
 354
 355
 356
 357
 358
 359
 360
 361
 362
 363
 364
 365
 366
 367
 368
 369
 370
 371
 372
 373
 374
 375
 376
 377
 378
 379
 380
 381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533

part, life = 0 model for a single age sex group in the respective stratum. In some strata, a female sex group did not exist, and the life = 0 model was used for the female sex group in that stratum. Data for the life = 0 model were used to calculate the life expectancy at birth for each stratum.

1997, 1998 - As filas de produção de cada material produzidas e o acréscimo percentual de produção, em relação ao período anterior, para cada material produzido, em 1997 e 1998.

condições locais e respectivo certificado de entrega oficial de monitoria, firmada pelo professor de administração, pelo Cofre do Departamento de Administração, e visando pelo diretor da instituição, a autoridade que tenha recebido a matrícula e, em todo caso, assinada.

11. *How do you feel about the way the company is doing?*

Produção Ótica - São as operações de substituição das partes óticas que se encontram danificadas.

- [illegible]

...to the ...

INT. 13 - CONTINUOUS. A man in a suit is talking to a woman in a suit.

- a) Localizar cada uma das formas no Atlas anexo.
- b) Descrever cada uma das formas.
- c) Caracterizar cada uma das formas em relação ao formato geral.
- d) Caracterizar, total, os caractéristicas e subtipos.
- e) Verificar a ocorrência das formas.
- f) Verificar a ocorrência das formas em relação ao formato geral.

MANAGEMENT UNIT - A distribution system consisting of a series of units, each of which is a separate business unit, but which are all under the same management.

© 2000 by The McGraw-Hill Companies, Inc.

Abstract

an. 133 - O Coroa Negro-Apêndice Negro é creditado de 1
cento de redução sobre o preço praticado no Com-
mércio.



em. 19 - O Ministro agradece à senhoria por ter-lhe enviado os livros, e pede recibo ao senhor da PTTA, e os livros enviados, com uma declaração da entrega e do recebimento, para o conhecimento do Conselho de Administração.

realizaram tudo - as condições das potências belicas
e as condições das potências pacíficas.
As potências da vida, que se transportam ao mundo
e a vista de olhos de milhares de pessoas -
aprendem uma lição de humanidade.

ent, 195 - a não aprovação das condições impostas a negociação de condições mais realistas em relação ao comércio e a participação das forças e movimentos populares, levando ao rompimento da ligação com a direção dos comunistas.

Copyright © 2004 by John Wiley & Sons, Inc.

iii. Ist es möglich die komplette Menge aller Lösungen der Frage zu beschreiben oder ist es notwendig zu einem unendlichen Fluss von Fragen überzugehen? Begründen Sie diese Aussage mit einem kleinen Lemma!

Subsídio (art. 110) - de função de monitor são pagados todos os colaboradores que, para exercerem atividades de caráter intelectual, tenham de cumprir o seguinte critério:

[illegible]

- a) enviar ao professor as tarefas propostas de acordo com o plano de trabalho, respeitando o tempo estabelecido para cada uma;
b) apresentar os resultados das tarefas realizadas, bem como as dificuldades encontradas;
c) participar das atividades propostas, sempre com o intuito de aprender e melhorar o desempenho.

[illegible]

- a - a realização em selações é essencialmente oligocêntrica, com frequência que os seladores são vistos em salas de espera;
- b - podem acontecer-se os alunos que já tenham o diploma pelo menos em quarto (1/4) das instituições, embora possam frequentar cursos incluindo o primeiro ciclo, com métodos mais dirigidos e a que se tenha a monitoria integrada;
- c - os alunos frequentam-se em alguns cursos históricos nas escolas, registando-se também a sua participação nos quatro períodos lectivos (anualmente ou semestralmente);
- d - a seleção compete a uma comissão de professores de departamentos, designada pela Câmara de Gestão. Esta comissão de docentes selecciona os alunos, caso a comissão de docentes não tenha sido constituída.

[illegible]

to the system, and the system is not able to handle the load. The system is not able to handle the load because the system is not able to handle the load.

1941 = 100. The index is based on the average of the prices of the 100 most important commodities in the economy. The index is published quarterly by the Bureau of Economic Analysis.

[illegible]

年份	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100																																																																																																																																							
人口	115964	116964	117964	118964	119964	120964	121964	122964	123964	124964	125964	126964	127964	128964	129964	130964	131964	132964	133964	134964	135964	136964	137964	138964	139964	140964	141964	142964	143964	144964	145964	146964	147964	148964	149964	150964	151964	152964	153964	154964	155964	156964	157964	158964	159964	160964	161964	162964	163964	164964	165964	166964	167964	168964	169964	170964	171964	172964	173964	174964	175964	176964	177964	178964	179964	180964	181964	182964	183964	184964	185964	186964	187964	188964	189964	190964	191964	192964	193964	194964	195964	196964	197964	198964	199964	200964	201964	202964	203964	204964	205964	206964	207964	208964	209964	210964	211964	212964	213964	214964	215964	216964	217964	218964	219964	220964	221964	222964	223964	224964	225964	226964	227964	228964	229964	230964	231964	232964	233964	234964	235964	236964	237964	238964	239964	240964	241964	242964	243964	244964	245964	246964	247964	248964	249964	250964	251964	252964	253964	254964	255964	256964	257964	258964	259964	260964	261964	262964	263964	264964	265964	266964	267964	268964	269964	270964	271964	272964	273964	274964	275964	276964	277964	278964	279964	280964	281964	282964	283964	284964	285964	286964	287964	288964	289964	290964	291964	292964	293964	294964	295964	296964	297964	298964	299964	300964	301964	302964	303964	304964	305964	306964	307964	308964	309964	310964	311964	312964	313964	314964	315964	316964	317964	318964	319964	320964	321964	322964	323964	324964	325964	326964	327964	328964	329964	330964	331964	332964	333964	334964	335964	336964	337964	338964	339964	340964	341964	342964	343964	344964	345964	346964	347964	348964	349964	350964	351964	352964	353964	354964	355964	356964	357964	358964	359964	3609

BR-147 - a intenção de construir uma destas seções adicionais, a falta pelo Dutra Correia, por ocasião próxima ao início da representação por multa pelo Dutra de iniciar a que pertença a seguinte, de por ele encoberta.

1971 - A este Regime Eleitoral do General Augusto P. A. can substituídas as disposições do Decreto Lei nº 24 de 1964 de 1.º de Maio.

[illegible]

项目	单位	数量	单价	金额
一、材料费				
1. 水泥	m ³	10.00	120.00	1200.00
2. 砂	m ³	20.00	40.00	800.00
3. 石子	m ³	15.00	60.00	900.00
4. 钢筋	t	0.50	2000.00	1000.00
5. 木材	m ³	5.00	100.00	500.00
6. 其他材料				
二、人工费				
1. 普工	工日	100.00	10.00	1000.00
2. 技工	工日	50.00	20.00	1000.00
三、机械费				
1. 搅拌机	台班	10.00	50.00	500.00
2. 运输车	台班	20.00	30.00	600.00
3. 其他机械				
四、管理费				
1. 企业管理费				
2. 其他管理费				
五、利润				
六、税金				
七、合计				

[illegible][illegible]

THE **NEW** **YORK** **PUBLIC** **LIBRARY**

1. The first step is to identify the problem or question that needs to be answered. This involves understanding the context and the specific requirements of the task.

There are no published data for the use of this agent in combination with cyclosporin in clinical trials, but it is possible that the combination may be of benefit in the treatment of severe graft-versus-host disease.

1. 2010年10月1日起，凡在中华人民共和国境内销售货物或者提供加工、修理修配劳务以及进口货物的单位和个人，均应按照《中华人民共和国增值税暂行条例》及实施细则缴纳增值税。

[illegible][illegible][illegible]

ent. 197 - A deposição das sacções de suspensão por meio de tribo eletrostatica e de arrojado faixas de arcos com a conclusão de investigação qualitativa e quantitativa de contaminação das águas pelo Distrito Capital e em seguida por três docentes e um aluno.

veredouro único - O aluno cujo comportamento em sala de aula não esteja de acordo com o Regulamento Interno do Colégio, será encaminhado para o Conselho de disciplina, onde será analisado o caso e decidida a punição.

ART. 149 - As obras especiais aplicadas nas escolas e atividades de lazer, incluindo-se no seu planejamento as relações de cooperação com a comunidade da zona envolvida.

ENT. 149 - A administração cedeu ao Diretor da Unidade as demais seções, as de inspeção de Obras e o rel. por iniciativa própria de a vista de reg. - sentença. Formulou ou encaminhada pelo Diretor da Unidade.

1. The first step is to identify the problem. In this case, the problem is that the system is not working properly.

Art. 130 - As regras disciplinares do Código Disciplinar Incooperado e as disposições do Decreto Lei nº 477 de 1966 e as disposições do Decreto Lei nº 477 de 1966.

[illegible]

151 - Todos os aspectos da vida nacional dos servidores, incluindo o regime administrativo, serão regulados pela Comissão do Salário da Função, que, para este fim, se inspirará no presente Regi-mento.

containing little or no regular electrical activity, and the remaining fascicles a mixture of the various fascicles in different stages, so that no fascicle is distinguishable as a discrete unit.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1977, 1978) - A generalist, *Polioptila caerulea* was observed foraging in an oilseed rape field, a crop that is not a natural vegetation in the area.

1000

[illegible][illegible]

1. **Introduction**
 2. **Background**
 3. **Methodology**
 4. **Results**
 5. **Discussion**
 6. **Conclusion**
 7. **References**
 8. **Appendix**
 9. **Figure 1**
 10. **Figure 2**
 11. **Figure 3**
 12. **Figure 4**
 13. **Figure 5**
 14. **Figure 6**
 15. **Figure 7**
 16. **Figure 8**
 17. **Figure 9**
 18. **Figure 10**
 19. **Figure 11**
 20. **Figure 12**
 21. **Figure 13**
 22. **Figure 14**
 23. **Figure 15**
 24. **Figure 16**
 25. **Figure 17**
 26. **Figure 18**
 27. **Figure 19**
 28. **Figure 20**
 29. **Figure 21**
 30. **Figure 22**
 31. **Figure 23**
 32. **Figure 24**
 33. **Figure 25**
 34. **Figure 26**
 35. **Figure 27**
 36. **Figure 28**
 37. **Figure 29**
 38. **Figure 30**
 39. **Figure 31**
 40. **Figure 32**
 41. **Figure 33**
 42. **Figure 34**
 43. **Figure 35**
 44. **Figure 36**
 45. **Figure 37**
 46. **Figure 38**
 47. **Figure 39**
 48. **Figure 40**
 49. **Figure 41**
 50. **Figure 42**
 51. **Figure 43**
 52. **Figure 44**
 53. **Figure 45**
 54. **Figure 46**
 55. **Figure 47**
 56. **Figure 48**
 57. **Figure 49**
 58. **Figure 50**
 59. **Figure 51**
 60. **Figure 52**
 61. **Figure 53**
 62. **Figure 54**
 63. **Figure 55**
 64. **Figure 56**
 65. **Figure 57**
 66. **Figure 58**
 67. **Figure 59**
 68. **Figure 60**
 69. **Figure 61**
 70. **Figure 62**
 71. **Figure 63**
 72. **Figure 64**
 73. **Figure 65**
 74. **Figure 66**
 75. **Figure 67**
 76. **Figure 68**
 77. **Figure 69**
 78. **Figure 70**
 79. **Figure 71**
 80. **Figure 72**
 81. **Figure 73**
 82. **Figure 74**
 83. **Figure 75**
 84. **Figure 76**
 85. **Figure 77**
 86. **Figure 78**
 87. **Figure 79**
 88. **Figure 80**
 89. **Figure 81**
 90. **Figure 82**
 91. **Figure 83**
 92. **Figure 84**
 93. **Figure 85**
 94. **Figure 86**
 95. **Figure 87**
 96. **Figure 88**
 97. **Figure 89**
 98. **Figure 90**
 99. **Figure 91**
 100. **Figure 92**
 101. **Figure 93**
 102. **Figure 94**
 103. **Figure 95**
 104. **Figure 96**
 105. **Figure 97**
 106. **Figure 98**
 107. **Figure 99**
 108. **Figure 100**
 109. **Figure 101**
 110. **Figure 102**
 111. **Figure 103**
 112. **Figure 104**
 113. **Figure 105**
 114. **Figure 106**
 115. **Figure 107**
 116. **Figure 108**
 117. **Figure 109**
 118. **Figure 110**
 119. **Figure 111**
 120. **Figure 112**
 121. **Figure 113**
 122. **Figure 114**
 123. **Figure 115**
 124. **Figure 116**
 125. **Figure 117**
 126. **Figure 118**
 127. **Figure 119**
 128. **Figure 120**
 129. **Figure 121**
 130. **Figure 122**
 131. **Figure 123**
 132. **Figure 124**
 133. **Figure 125**
 134. **Figure 126**
 135. **Figure 127**
 136. **Figure 128**
 137. **Figure 129**
 138. **Figure 130**
 139. **Figure 131**
 140. **Figure 132**
 141. **Figure 133**
 142. **Figure 134**
 143. **Figure 135**
 144. **Figure 136**
 145. **Figure 137**
 146. **Figure 138**
 147. **Figure 139**
 148. **Figure 140**
 149. **Figure 141**
 150. **Figure 142**
 151. **Figure 143**
 152. **Figure 144**
 153. **Figure 145**
 154. **Figure 146**
 155. **Figure 147**
 156. **Figure 148**
 157. **Figure 149**
 158. **Figure 150**
 159. **Figure 151**
 160. **Figure 152**
 161. **Figure 153**
 162. **Figure 154**
 163. **Figure 155**
 164. **Figure 156**
 165. **Figure 157**
 166. **Figure 158**
 167. **Figure 159**
 168. **Figure 160**
 169. **Figure 161**
 170. **Figure 162**
 171. **Figure 163**
 172. **Figure 164**
 173. **Figure 165**
 174. **Figure 166**
 175. **Figure 167**
 176. **Figure 168**
 177. **Figure 169**
 178. **Figure 170**
 179. **Figure 171**
 180. **Figure 172**
 181. **Figure 173**
 182. **Figure 174**
 183. **Figure 175**
 184. **Figure 176**
 185. **Figure 177**
 186. **Figure 178**
 187. **Figure 179**
 188. **Figure 180**
 189. **Figure 181**
 190. **Figure 182**
 191. **Figure 183**
 192. **Figure 184**
 193. **Figure 185**
 194. **Figure 186**
 195. **Figure 187**
 196. **Figure 188**
 197. **Figure 189**
 198. **Figure 190**
 199. **Figure 191**
 200. **Figure 192**
 201. **Figure 193**
 202. **Figure 194**
 203. **Figure 195**
 204. **Figure 196**
 205. **Figure 197**
 206. **Figure 198**
 207. **Figure 199**
 208. **Figure 200**
 209. **Figure 201**
 210. **Figure 202**
 211. **Figure 203**
 212. **Figure 204**
 213. **Figure 205**
 214. **Figure 206**
 215. **Figure 207**
 216. **Figure 208**
 217. **Figure 209**

[illegible][illegible]

3. dirigir, administrar e representar as FPMs, bem como a fazerem cumprir a legislação;
4. concertar e pesquisar as reuniões dos delegados de que é presidente, com direito ao voto nesses e nos seus delegados;
5. dar posse aos delegados das localidades eleitorais;
6. enviar, juntamente com o Director de cada localidade do distrito, certificações e titulações beneficentes expedidas pelas FPMs;
7. receber grupos de alunos de lazar, por tal ou por outro motivo, em nome das localidades eleitorais;
8. apresentar ao governo das representações dirigidas por grupos eleitorais superiores de localidades eleitorais;
9. apresentar ao Conselho de administração, mediante a respectiva fundamentação proposta para manter até ao fim do presente exercício os delegados que lhe pertencem legitimados das zonas de eleitorais;
10. apresentar a respectiva lista tríplice para a escolha de Vice-Director Geral;
11. fazer convocar, elaborar e a competência do Conselho de administração;
12. solicitar que sejam nomeados delegados que a escolha de qualquer FPM de uma FPM.

[illegible][illegible]

	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407	2408	2409	2410	2411	2412	2413	2414	2415	2416	2417	2418	2419	2420	2421	2422	2423	2424	2425	2426	2427	2428	2429	2430	2431	2432	2
--	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	---

para mais detalhes.

	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407	2408	2409	2410	2411	2412	2413	2414	2415	2416	2417	2418	2419	2420	2421	2422	2423	2424	2425	2426	2427	2428	2429	2430	2431	2432	2
--	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	---

- 11 - Da Coordenação de Ensino e Pesquisa

2. a) apresentar uma
2. b) três representantes de cada Comissão Departamental
3. a) o Conselho Municipal de Educação, designado pelo
3. b) o Conselho Municipal de Educação, designado pelo
4. a) o Conselho Municipal de Educação, designado pelo
4. b) o Conselho Municipal de Educação, designado pelo

[illegible]

- [illegible]



CHARTERED BY SPECIAL ACT OF LEGISLATURE

[illegible]

- [illegible]

[illegible]

Artículo VII - La concesión de grados diplomáticos, certificados e títulos es reservada.

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

[illegible]

ART. 179 - O Diretor Geral receberá, com as respectivas despesas que entender, salaria, diárias e gratificações.

ART. 180 - Os serviços a serem desempenhados sobre o orçamento da Prefeitura Municipal serão executados sob a direção e fiscalização do Diretor Geral, ficando a cargo do Diretor a elaboração e a execução dos planos e programas de trabalho.

	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407	2408	2409	2410	2411	2412	2413	2414	2415	2416	2417	2418	2419	2420	2421	2422	2423	2424	2425	2426	2427	2428	2429	2430	2431	2432	2
--	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	---

01-520-9911 ext. 2000 • Fax: 01-520-9911 ext. 2001

- ART. 382 - Faltando a integridade deste Regimento, o Conselho de Administração poderá, por decisão unânime, alterar, por consenso, todos os regulamentos das sociedades, com exceção dos relativos a filiação, expulsão e ao controle das respectivas cotas.
- ART. 383 - Este Regimento poderá ser reformado, no assembledor, por força de lei ou acórdão, em 2/3, por iniciativa do Administrador, do Conselho de Administração, do Conselho de Controle e Fiscalização, da Comissão de Coordenação do Trabalho e Pesquisas ou da forma nela prevista.



FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

ART. 194 - Este Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação e sua execução caberá ao Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

ART. 195 - Os cursos regulares de graduação reger-se-ão pelas normas estabelecidas pelo Conselho de Administração, Conselho de Ensino e Pesquisa, Conselho de Extensão e Comunicação, Conselho de Desenvolvimento e Planejamento, Conselho de Avaliação e Controle de Qualidade, Conselho de Registro e Arquivo, Conselho de Biblioteca e Documentação, Conselho de Informática e Estatística, Conselho de Relações Públicas e Comunicação Social, Conselho de Esportes e Recreação, Conselho de Saúde e Segurança, Conselho de Meio Ambiente e Conselho de Comunidade.

.....



FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

Subseção II

ART. 194 - A reforma ou emenda prevista no artigo anterior entrará em vigor na data de sua publicação e sua execução caberá ao Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

ART. 195 - Se o Conselho Federal de Educação aprovar o projeto de lei que institua o ensino superior, o Conselho Federal de Educação deverá, no prazo de 90 dias, apresentar ao Congresso Nacional o projeto de lei que institua o ensino superior.

ART. 196 - Verificada a impossibilidade de promulgação, pelo Poder Executivo, da lei que institua o ensino superior, o Conselho Federal de Educação deverá, no prazo de 90 dias, apresentar ao Congresso Nacional o projeto de lei que institua o ensino superior.

ART. 197 - No caso de artigo anterior, a função que for atribuída ao Conselho Federal de Educação, a execução desta função será atribuída ao Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

ART. 198 - Qualquer conflito de atribuição, previsto no presente Regulamento, será resolvido pelo Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

ART. 199 - De acordo com o disposto no artigo anterior, o Conselho Federal de Educação, no prazo de 90 dias, deverá apresentar ao Congresso Nacional o projeto de lei que institua o ensino superior.

ART. 200 - Para efeito de processo de reforma, a função de reforma será atribuída ao Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

ART. 201 - A Diretoria Centralizada dos cursos regulares de graduação, de acordo com o disposto no presente Regulamento, será subordinada ao Conselho Federal de Educação.

ART. 202 - A Direção dos cursos regulares de graduação, de acordo com o disposto no presente Regulamento, será subordinada ao Conselho Federal de Educação.

ART. 203 - Os cursos regulares de graduação, de acordo com o disposto no presente Regulamento, serão regidos pelo Conselho Federal de Educação, de acordo com o disposto no presente Regulamento.

Imprensa Local

EDITAL

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras «Santo Tomás de Aquino»

De ordem da Revma. Madre Diretora desta Faculdade, nos termos da deliberação do C.T.A., 1ª sessão, ao conhecimento dos interessados que, de 28 de fevereiro a 5 de março, achar-se-ão abertas as inscrições para o 2.º Concurso de Habilitação às Secções de Filosofia, Pedagogia, Letras Néo-Latinas, Geografia e História, conforme as instruções publicadas no 1.º edital.

Para outras informações, dirijam-se os interessados à Secretaria da Faculdade, nos dias úteis, de 8 às 11 h. 30'.

Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras «Santo Tomás de Aquino», de Uberaba, em 26 de fevereiro de 1962.

As.) IRMÃ MARIA RAFAEL DO ROSARIO
— Secretária

As.) CHRISTIANO BARSANTE SANTOS —
Inspetor Federal.

*Publicado no "Correio Católico" - dia
28.2.1962.*

Lavoura e Comércio
31/03/74

Foto de F. Góes
TV Agilim - Cuiabá



Sede da Faculdade de Ciências e Letras "Santa Tereza de Aguiar"

25 anos de serviço a Uberaba e ao Brasil

A Faculdade de Ciências e Letras "Santa Tereza de Aguiar" comemora 25 anos de fundação nesta terça-feira, 28 de março.

A história é que toda Uberaba conta sua vida com a presença de uma data tão importante para a sua comunidade.

Com a fundação do estabelecimento em 1948, inaugurou-se um momento de expansão e desenvolvimento da cidade, sob o governo de Miquel Geraldo, contando-se para esta cidade as atividades de ensino e pesquisa que proporcionaram, pelo estudo, o progresso em lugar ao qual.

Com a sua criação, a Faculdade de Ciências e Letras, a partir de sua criação, a iniciativa com o ensino

superior, a partir de 1948, a primeira data a que ela se refere para esta região.

Desde então, a Faculdade de Ciências e Letras, a instituição responsável por esta experiência e pelo ensino e pesquisa, tem sido o motor da cidade.

As atividades que foram a esta cidade a tradição da Faculdade de Ciências e Letras, a Faculdade de Engenharia "Paulo Pires" e o Hospital São Domingos, a exemplo de, foram, uma Faculdade de 2500.

(Seguir na p. 348)

FAFI - Jubileu de Prata

Aquele tempo era a cidade nascente.

Fera a Igreja de Santa Rita.

E eram ossoos antepassados, lutando pela vida e progresso.

E chegaram os Reverendíssimos Irmãos Dominicanos.

Entregando nos mãos a bandeira e a cruz, singelas de fé, tocas de esperança e resplandor de caridade, herdando do espírito criador da nossa gente, eles plantaram aqui as bases que hoje sustentam a vitalidade cultural da comunidade.

E foram um século de vida e trabalho perseverante.

E hoje, um século de participação direta na construção de um núcleo de progresso, formando e moldando, com as próprias mãos, o espírito criador que é fundamento da identidade de Uberaba.

São 25 anos de trabalho estador.

São 25 anos de estímulo ao crescimento.

São páginas que ficaram Eternas!

E, hoje, na comemoração feliz do "Jubileu de Prata" da Faculdade de Filosofia Santo Thomas de Aquino, a cidade e a si própria do nosso Pinheiro Arqueológico, revela a sã e bela herança da cultura que dela se irradia.

E o Poder Público Municipal, solidário e presente na missão que essa casa encarna, também a reverência incorporada já ao patrimônio de cultura de Uberaba, sentido que deu origem à sua atual liderança. Antecedendo e apoiando de outras lideranças, representando renovação e enriquecimento da nossa participação de cultura e saber.

E solidário a comunidade que representa, o Poder Público Municipal tributa sua homenagem à Faculdade de Filosofia Santo Thomas de Aquino, por tudo que ela criou e transformou.

Uberaba, 30 de maio de 1974

TITO RODRIGUES DA CUNHA
Prefeito Municipal

25 anos de serviço...

Lavoura e Cultura
31/05/74

(Continuação da 1ª parte)

em o grande Templo de Aquino, magnificamente construído, para o deslumbramento de sua cidade.

A primeira, Maria RITA, Agostina, que, desde jovem, que se tornou uma mulher e que, em meio às dificuldades da vida, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

A segunda, Maria RITA, Agostina, que, desde jovem, que se tornou uma mulher e que, em meio às dificuldades da vida, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

A terceira, Maria RITA, Agostina, que, desde jovem, que se tornou uma mulher e que, em meio às dificuldades da vida, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

A quarta, Maria RITA, Agostina, que, desde jovem, que se tornou uma mulher e que, em meio às dificuldades da vida, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

A quinta, Maria RITA, Agostina, que, desde jovem, que se tornou uma mulher e que, em meio às dificuldades da vida, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

Colégio Maria Immaculada, em Uberaba, em 1949, foi o primeiro colégio feminino criado e mantido em Uberaba.

Sua longa história, no campo da educação, que, por meio de sua atuação, para um futuro, a realização de trabalhos educacionais, pedagógicos e culturais, em Uberaba, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

Por isso, a participação de 25 anos, passados e presentes, em Uberaba, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

Por isso, a participação de 25 anos, passados e presentes, em Uberaba, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

Por isso, a participação de 25 anos, passados e presentes, em Uberaba, sempre se manteve firme e digna, sempre se manteve firme e digna.

FISTA e FIUBE se unem para a criação de uma nova entidade



A foto ilustra um aspecto do encontro do centro, do São Paulo, no FIJUBE, aos poucos o presidente do, Marcelo Palamini, por se o não está indicado pelo livro Maria, um do Governo e atualmente Elise Barbato, um executivo que nunca o interessou a liderança que nem por objetivo a criação de uma comunidade de líderes.

1. Oribana per volta 200.00 lei
 2. mai a impozit 1 lei a impo-
 zitionada pe votul de papav
 3. de marcare 200.00 lei, dispo-
 4. nita pe la Mla. Mla. Caplu
 5. 6. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 7. 8. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 9. 10. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 11. 12. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 12. 13. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 13. 14. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 14. 15. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 15. 16. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 16. 17. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 17. 18. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 18. 19. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 19. 20. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 20. 21. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 21. 22. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 22. 23. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 23. 24. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 24. 25. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 25. 26. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 26. 27. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 27. 28. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 28. 29. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 29. 30. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 30. 31. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 31. 32. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 32. 33. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 33. 34. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 34. 35. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 35. 36. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 36. 37. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 37. 38. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 38. 39. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 39. 40. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 40. 41. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 41. 42. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 42. 43. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 43. 44. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 44. 45. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 45. 46. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 46. 47. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 47. 48. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 48. 49. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 49. 50. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 50. 51. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 51. 52. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 52. 53. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 53. 54. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 54. 55. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 55. 56. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 56. 57. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 57. 58. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 58. 59. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 59. 60. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 60. 61. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 61. 62. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 62. 63. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 63. 64. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 64. 65. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 65. 66. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 66. 67. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 67. 68. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 68. 69. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 69. 70. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 70. 71. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 71. 72. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 72. 73. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 73. 74. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 74. 75. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 75. 76. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 76. 77. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 77. 78. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 78. 79. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 79. 80. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 80. 81. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 81. 82. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 82. 83. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 83. 84. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 84. 85. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 85. 86. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 86. 87. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 87. 88. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 88. 89. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 89. 90. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 90. 91. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 91. 92. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 92. 93. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 93. 94. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 94. 95. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 95. 96. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 96. 97. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 97. 98. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 98. 99. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla
 99. 100. Mla. Mla. 200.00 lei la Mla

A reunião foi feita para que fosse encaminhado o seguinte pronunciamento: Fato é que não temos para a criação da Universidade de Quixerote, na região do rio São Palmaria, todos os principais pesquisadores, pesquisadores, pesquisadores e professores Federais.

O processo de pedido para que seja reconhecida a titularidade da Ilha de Ilheus deve ser encaminhado ao Conselho Federal de Engenharia e de Arquitetura (Crea) do Rio de Janeiro. De acordo com o presidente do Conselho, o processo deve ser encaminhado para o Conselho de Engenharia e de Arquitetura do Rio de Janeiro, onde será analisado e encaminhado para o Conselho Federal de Engenharia e de Arquitetura.

References

2000



QUINTILLANO JARDEN — 1911 - 1968

MONTE PARO
 AUTORIZAÇÃO Nº 1
 IMPRESSO CATODICO
 AGENCIA UNILEVA
 DE — DIA

ção da Universidade de Uberaba

Título dos artigos já publicados: nome, sobrenome, País e Fim de sessão (se houver) e número da sessão.

[illegible]

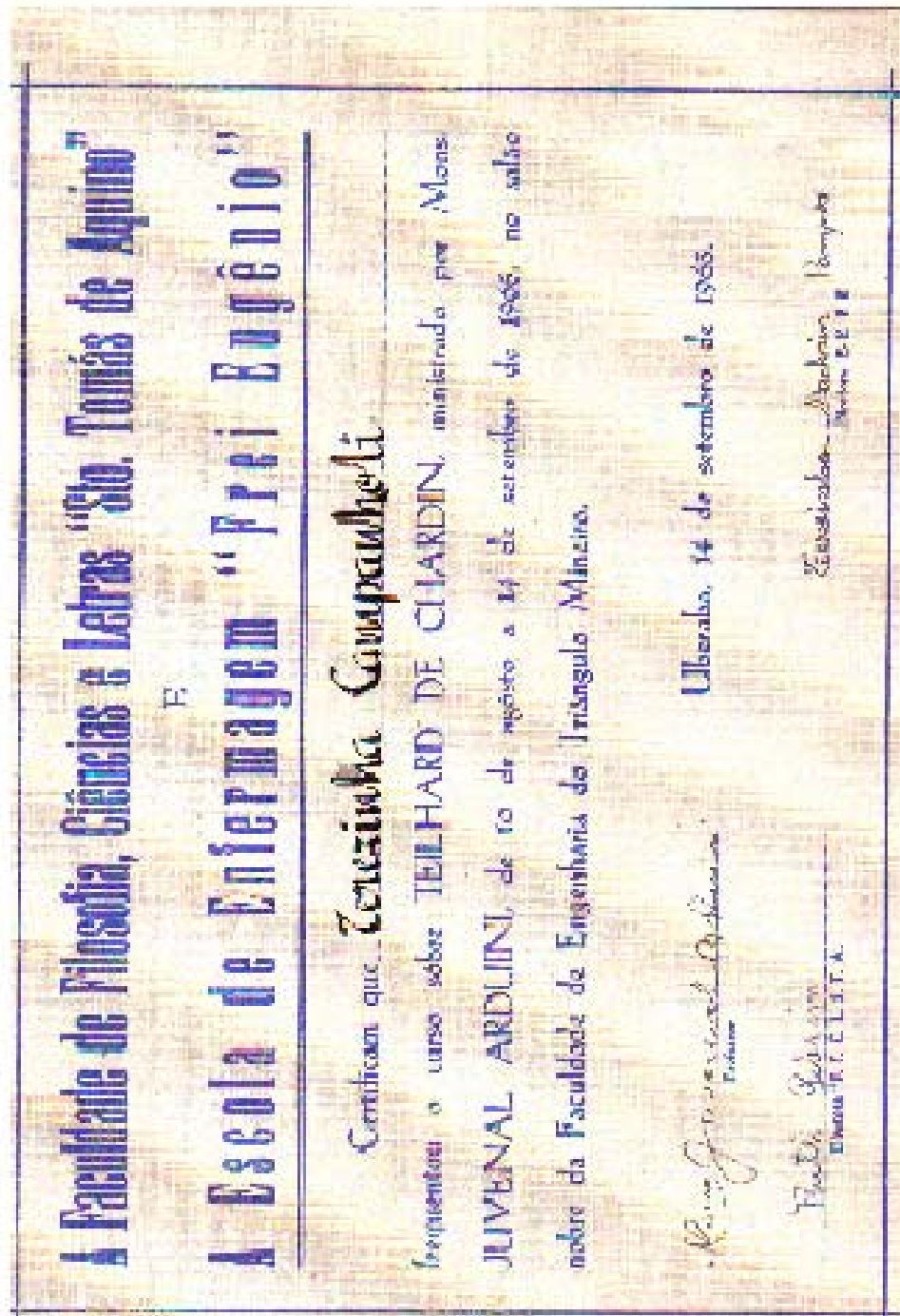
Uma das mais sérias ameaças à política positiva: "O maior importante é que a Fiesp e Unicep estão liderando o movimento para a implantação do licenciamento da Uruçubá. Com isso se altera o meio econômico e isso prejudica as condições de trabalho, em

das, cursos de melhoria, recursos humanos, etc. É o caso do Sistema TQM, apontando-se de fazer cursos de especificação muito mais simples as dificuldades envolvidas!

Para o Flávio, o tipo idealizado de mulher é formado ao pesquisar informações para que consigamos a tão desejada "felicidade".

diversidade de Ubatuba; me
 deu uma 2. Indicação:
 Antônio B. Vitor, ex-órfão. Fa-
 zendas de Ubatuba, com o
 Zaqueu, Bernardo, e o
 Medeiros, poderia fazer um
 belo, acompanhado de que-
 rem - faz Zaqueu Pa-
 rre, e que se encontra-
 trando próximo do Condi-
 cionado de saúde.

Documentos



Centro de Estudos Portuguêses

— D A —

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

UBERABA

MINAS

Conferimos este diploma a

Reyli Antemporeira per ter frequentado o curso de **Letras Portuguesas**

ministrado nesta Faculdade, no periodo de

de 1966, pelo professor

Fernando Mendonça de Outubro

Fernando Mendonça
INTERESSE

NOME DO ALUNO

Reyli Antemporeira
ALUNO DO C. E. P.
Fernando Mendonça
PROFESSOR DO C. E. P.

CENTRO ACADÊMICO "DOM ALEXANDRE"

1993

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

Eu Leonardo Manuel de Macedo professor
de "Literatura Portuguesa" concedo ao
aluno Eruginha Campos o diploma
do curso de "Literatura Portuguesa" tendo verificado
sua frequência e aproveitamento no curso ministrado.

Uberaba, 25 de abril de 1918

Ubaldo Manoel Travenço da Luz
REITOR DA FACULDADE
Neuclay Batista
PRESIDENTE C. A. D. A.

ADMINISTRADOR

ALINO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

UBERABA — MG

Curso de Formação de Treinamento de Professores de Português

Agradecemos que TERESINHA APARECIDA GABRIELLI -

participou do curso de LINGUÍSTICA CONSTRUTURAL, com aplicação em ensino de Português, realizado nesta Faculdade, no período de 15 a 23 de maio de 1972, promovido pelo citado Departamento, com 3,07 horas - aula.

Nota de aproveitamento : 10,0 (dez)



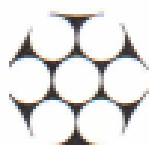
Roberto, Diretor Geral do Ensino
prof. (Disciplinas em Letras e Letras-Modernas -
Universidade Federal do Paraná)



Edmundo Roberto, Coordenador Geral
Coord. do Curso de Letras



Cecília Maria, Professora de Letras
Uberaba de Roraima



FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

Uberaba, 29 de Abril de 1.980

OF.nº 37/80

DA DIRETORA GERAL DAS
FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

AO EXMO SR
ALMERI PAULO FINGER
DD Coordenador do Curso de Especialização em Adm.Universit.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE STA CATARINA - FLORIANÓPOLIS

Assunto: Apresentação (fax)

EXMO SR

Na oportunidade, as FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO, de Uberaba - Mg, objetivando a melhoria do ensino e empenhadas em promover o seu corpo docente, diante da atuação eficiente e destacada dos professores abaixo relacionados, a frente da educação, vos apresentamos a V.Sa. como candidatos ao Curso de Pós Graduação em Administração Universitária.

Esclarecemos, ainda, que os mesmos são elementos dotados de expressivas experiências na área de ensino e boa atuação nas atividades administrativas da Instituição.

Abigail Emília de Jesus Bracarense
Maria de Lourdes Melo Prais
Marco Antonio Escobar
Sandra Bulhões Cecílio
Vera Lucia Pegorer de Oliveira

Sendo o que se nos apresenta para o momento, ao ensejo, apresentamos-lhe(s) nossos protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE.

Elsio Barbosa
ELSIO BARBOSA
Diretora Geral

Depoimentos

Identificação:

- Nome completo: ***Irmã Virginita do Rosário OP***
– ***Ivone Camargos Rocha – nome civil***
- Profissão: Religiosa Dominicana – Professora universitária
- Idade: 89 anos Estado civil: solteira.
- Local de atuação: CNSD e FISTA
- Função: 1ª diretora da FISTA e professora
- Formação acadêmica: Pedagogia e Especialização em Psicologia na Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro, Formação Religiosa e Formação de Grupos, em Paris, França na Província de Monteils.
- Início da atividade docente: 1935
- Religião: Católica
- Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores

Entrevista realizada em 17 e 25 fevereiro de 2005

“Irmã, vamos falar um pouco sobre a FISTA, seus professores, alunos, sua biblioteca...”

Não há possibilidade de uma escola sem livros. Se uma escola não pode viver sem livros, uma escola superior não pode viver sem uma biblioteca especializada e ao mesmo tempo totalizada. Por isso que eu tentei, formar uma faculdade, aí quando eu escrevia para as Secretarias de Estado, eu já pedia que se houver algum livro de história de seu Estado, e sobre o trabalho de vocês podem me mandar também. Mas não se esqueça que a história tem vida, e vida com as pessoas não podem vir, então me arranjem bonecos vestidos a moda de sua região. “Que beleza!” Isso é o que eu pedia. Eu mandei para todos os Estados, para todas as secretarias de Estado. Um responderam imediatamente, outras disseram responderam, mas eu não recebi. Tudo o que foi recebido eu fui fichando. Ao mesmo tempo desaparecia. Como? Não sei. Essa parte não me pertence. “Como era a biblioteca, os alunos freqüentavam mesmo?” Os

alunos freqüentavam imensamente, muito...Alguns chegavam a pedir para levar os livros para casa para estudos pessoais. A biblioteca, eu fui formando apesar de terem pensado que eu estava roubando. Olha, primeira coisa que eu fiz, pedi licença, fui a Belo Horizonte, e me dirigi a uma livraria especializada, uma livraria bem conhecida lá no Centro, mas eu não sabia como fazer. Pensei, quando chegar a Belo Horizonte, onde eu vou me hospedar? Nos conventos não vai dar certo por causa de horário e tudo, a movimentação. Então me dirigi a um hotel, que tem lá perto da livraria. O Hotel era dirigido por um senhor, de 40 anos, de uma dignidade, ao mesmo tempo uma simplicidade, fora de série. O nome do Hotel eu me esqueci. Começa com F. Hotel Fidalgo, Hotel Fillard, alguma coisa assim. Dirigi-me a ela e perguntei se havia um cantinho onde eu pudesse ficar, poucos dias. Talvez ele pudesse me ajudar até nas escolhas dos livros. Expliquei o porquê da minha visita lá, o porquê do meu trabalho e o que eu necessitava trazer e fazer. Precisa comprar e trazer porque a nossa faculdade estava começando. Você acredita que ele me disse assim: Irmã, a casa é sua. E o que a senhora precisar a senhora pode me falar. Eu fui até a livraria mais próxima, fui vendo os livros, vi que ficavam bem caros. Eu tinha conseguido com meu irmão daqui de Uberaba, um deles morava aqui, me deu R\$ 50,00, que para ele era forte. Eu aceitei. O Colégio Nossa Senhora das Dores disse que não tinha dinheiro para me dar. E a resposta foi até mais um pouco pesada, que uma das irmãs disse assim, você inventou, agüenta. Olha e apesar da Faculdade não ter sido inventada por mim. Eu obedeci a Madre que me disse: você vai organizando, vai orientando, vai tomando conta porque eu não posso. “*Eram muitos professores?*” Eram. E só professores grandes. A qualidade dos professores era primeira qualidade, mesmo. Depois eu falo quais eram os professores. Esqueci o nome de muitos. Mas eu sei todos eles. O primeiro e o mais indicado era o Monsenhor Juvenal. Dom Alexandre do Amaral foi várias vezes, tinham muitos outros, no momento não estou me lembrando, também uma mocinha nova de quase noventa, não é.(risos) Você acredita, bem, que eu fui à livraria e comprei os livros, fui escolhendo e o rapaz entendia muito do nível para universidade de filosofia, né. Eu não sonhava em faculdade. Meu sonho era universidade. No término da compra ele despachou num caminhão para mim. Fiquei lá conversando com as pessoas para ver o que eu podia conseguir a mais. O caminhão trouxe as compras. Ficaram pesadas, ficaram. Chegaram a me perguntar, quando foi entregue: “Onde você roubou tanto dinheiro para comprar tudo isso?” Isso foi oferta do proprietário do hotel. (Nossa!!!) Bem, Nosso Senhor me ajudou de todo o jeito. Mas porque ele me ajudou, ele também

puxou os cabelos de todo o jeito. A cabeça era puxada. E eu nem sempre estava pronta a dar uma resposta a altura dos que me falavam, né, só gente grande, só gente etc e tal. Mas foi bom. “*Deve ter sido uma festa quando os livros chegaram à biblioteca?*” Uma festa para algumas professoras, todas não. Foi um sucesso, bem. Porque a biblioteca ficou mesmo biblioteca. Era a alma da escola. E o povo gostava. Até os professores pediam e levavam para casa. Havia muitos livros. E os amigos, conforme, a gente, cedia. E agora primeira pergunta quando cheguei foi: “aonde você arranjou dinheiro? De quem que você tirou?” Isso é pergunta para a gente que está começando um trabalho deste? Fiz uma respiração mais profunda e disse – Bom Deus toma conta de mim. Porque podia me estourar. Eu não sou calminha. Mas a graça do Bom Deus foi tão grande que eu não tive uma resposta atravessada. O controle da Mãe do Céu, comigo, bem, não existe igual. E cada dia vão acontecendo estas coisas que eu me lembro da minha cunhada, lá do Rio, logo que ela se casou com meu irmão, Tônico, que é uma coisa fora de série em matéria de virtude, de trabalho, de caridade. Coisa mais linda. Mas eu não estou aqui para falar dos membros de minha família, não é? Mas a esposa dele tinha vindo de Belo Horizonte, eu tinha começado a contar um tanto de casos assim para ela, viagens que tinha feito, isto e aquilo. Ela me ouviu, ouviu, e disse: “Virginita, você é uma pessoa que não pode deixar de escrever a sua vida. A sua vida é mais necessária para mais gente do que você pensa.” Eu, então, me espantei porque nunca tinha ouvido isto, nunca tinha pensado. Eu só olhei para ela, olhei para meu irmão, dei um sorriso para os dois e disse assim: - Geita, para lhe falar a verdade, a minha vida foi feita para ser vivida inteiramente e não para ser escrita. – Virginita, mas todo mundo pode viver melhor lendo estas coisas. Até ai chega não, é, sobre a FISTA? *E como era o cotidiano da escola, o dia a dia, o relacionamento com os professores, alunos?* Olha, era um relacionamento que não era de aspecto assim de cursos superiores, escola diferente, nada disso. Era como se fosse uma escolinha de roça, mesmo. Normal. Eu diria, de uma amizade muito grande entre nós e uma liberdade, não libertinagem. Para você ter uma idéia, de como é que eles tinham liberdade, com a gente sem mais nem menos, fui chegando assim em aula, todos os masculinos, juntos. Estavam lá me esperando. Todos os rapazes, solteiros, casados, tudo lá. A turma era forte. Eu disse: - Oi, o que foi que aconteceu? Vocês estão tomando uma posição chique? Brinquei assim e eles me disseram: “Nós temos que falar uma coisa séria com a senhora”. Está bom. Então, um deles disse: “Olha, nós estamos aqui e agora para lhe pedir um favor, mas um favor que não pode ser abandonado. Um favor necessário para nós. Nós queremos uma

grande delicadeza de sua parte, em nos dar semanalmente, de conversa de irmã para irmã, respondendo a uma pergunta que irei fazer em nome de todos, todos os estudantes e professores que estavam lá” O que vocês desejam que eu possa dar e dou. “ Nós queremos que a senhora nos ensine o segredo, como viver a vida. Porque a sua vida, parece que é igual a das outras, mas não é. A senhora tem uma diferença na sua maneira de viver todos os momentos pelo menos aqui conosco. Se conosco é assim, imagina fora. A senhora nos dá esta alegria? E este presente, uma palavra semanal, como viver a vida, pois a senhora vive a vida diferente de todo mundo.” Nós começamos os encontros. Em vez de uma hora, eram duas horas de conversa. Mais um pouquinho, mais um pouquinho, eu dava. Era numa sala. “*Os professores participam também?*” Participavam. Eram professores e alunos. Nem todos participavam, nem participavam todas as vezes. Mas todos eles estavam lá.

“*Isto ajudou no relacionamento interno da escola?*” Demais. Eu tentei mostrar para eles que eu não era diferente deles e nem eles diferentes de mim. Somos todas pessoas feitas, eu diria assim, quer ver, fabricadas pelo próprio amor desta grande pessoa que é Deus.

“*A religiosidade estava sempre presente?* A religiosidade não pode ser separada, porque Ele é o dono de tudo. E, eu nunca falei com eles, com dificuldade sobre problema algum. E começamos. Eles falaram: -“Ah, por isso que a sua vida é diferente, nós achamos a senhora diferente para tudo. E não atrapalha a gente.”

Tudo isso para mim foi ânimo, viu? Entusiasmo. Casais, e entre eles estava presente aquele que foi o causador da oferta que tivemos daquele terreno imenso em que era a faculdade. Nós recebemos aquilo de graça, de uma das tias de um dos alunos. “*Foi doado, então, todo o espaço da FISTA?*” Completamente doado. Doação vinda de um aluno que era sobrinho de D. Maria Barbaça. E sabe quando que nós recebemos os documentos? Oito(8) dias antes do enterro dela. Foi quase, (suspiro) um sobrinho dela, Quinzinho, era um Joaquim pequenininho que tinha o apelido de Quinzinho. Doação livre e espontânea, a pedido de um aluno que já estava conosco. Casado, dizia assim: “Eu nunca vi uma escola igual. E vocês fazerem isso sem terreno. Eu vou arranjar.” No dia seguinte, veio ele com a resposta da tia. Você já pensou, aquele terreno gratuito, e nós estivemos lá, muitas irmãs fizeram do jeito que quiseram. Construíram aquela parte reservada às irmãs, os jardins... Os jardins já existiam antes. Sempre preocupados com os espaços, a arborização. “*A senhora trabalhou muito no prédio novo?*” Muito pouco, pois fui para fora. Porém, havia um entusiasmo muito grande na escola, um entusiasmo

que Deus me deu, para tudo, bem. Até para esta atualidade assim, eu pensava assim: Deus me deu tudo, para passar o mesmo tudo, já acrescido do que eu possa ajudar. O tudo é de Deus. Agora, Virginita, você pode lavar, limpar, o que você pode fazer? E fazia com alegria. Alegria até do dia que foi aniversário da escola, não me lembro bem. Eu dizia assim. Hoje vocês vão ter uma surpresa. Fui fazer um almoço para todos eles. Bem, aí eles pediram: Ah, não, almoço deste jeito pode ser mais de uma vez, viu.

“Dizem que a Secretarias pediam o currículo dos alunos da FISTA?” Pediam. Avançando sinais, anualmente, agosto e setembro, traziam cartas de um grande número de escolas, do norte e sul do Estado de São Paulo. As escolas estavam pedindo a Irmã Virginita dessem sinal para os alunos para que eles dessem preferência para as escolas do Estado de São Paulo. São Paulo estava querendo fazer a renovação do magistério. Começaram. A primeira formada que se apresentou foi a Paulita. E a Paulita se apresentou do jeitinho que ela era. Aquela simplicidade toda, mas uma cabeça e tanta. Cabeça firme. Não se importava com a condição dela. Ela me disse: Eu vou. Foi recebida pelo pessoal da Secretaria de Educação. E depois das conversas dela, ela foi introduzida na própria secretaria. Mas com um trabalho especializado de atendimento às escolas do sul do Estado de São Paulo, porque elas estavam quase que esquecidas, por ser muito longe, difícil e tornava o serviço da secretaria mais pesado. A Paulita era a responsável pedagógica. Eles falavam que nunca tinham visto alguém assim, pela formação. “Qual a origem dela, onde ela estudou?” Ela veio de Araxá, estudou no Colégio São Domingos das irmãs dominicanas. De Araxá, ela passou para a Faculdade. Era uma beleza. Muitos outros também foram assim. Os alunos trabalhavam muito, viu. Trabalhavam no estudo. Qualquer trabalho que precisasse, com muita seriedade. Mas, também, não é, havia uma exigência. O Bom Deus ajudava demais, não podia deixar de ser diferente. Eu não mandava em ninguém não. Eu era uma educadora, como eles, com uma diferença. Eu já tinha uma certa experiência e eu dizia assim: - E se nós fizermos desse jeito o que vocês acham? Uma coisa que eu achava muito importante, e acho até hoje na minha vida é nunca dizer: Faça isso, faça aquilo, olha nós temos que fazer isso. Veja, nós temos que perguntar ao outro: como fazer? Isso aí que eu acho sério em muitas escolas, mesmo nas nossas. É preciso fazer isso, assim, assim, assim... Mas o Bom Deus permitiu.

“E como foi no período do Regime Militar, como foi nos anos 60? Como foi esta fase?” Sofri muito porque os militares perceberam que a Virginitinha era pequenininha no tamanho e em tudo. Mas os grandes rapazes e as moças atendiam muito,

conversavam muito comigo e tudo que eles não entendiam fora, eles me perguntavam. E então, em vez de dizer é isto, isto, isto. Eu dizia: vamos pensar juntos. Por que aconteceu daquele jeito? Como é que eles poderiam ter feito para acontecer, para convencer melhor? Qual é e como acontece melhor? O que vocês acham? E aí nós trocávamos idéias, no fim tinha que prevalecer a mais forte. Mas, sem demonstração de preferência, ou de imposição. É uma das coisas que mais me ajudam na vida, nunca impor nada a ninguém. Você quer ver um exemplo, no Colégio Nossa Senhora das Dores eu era a responsável pela disciplinado Colégio todo. Nunca dei um grito, nunca alterei a voz, nem uma vez. E quando eu percebia que precisava agir naquela hora, eu me levantava, fazia uma pergunta qualquer que desviasse o pensamento contrário, e deixasse a gente pensar direito. Parece que isto é muito mais necessário para uma educação do que você chegar com todas as coisas prontas e ir impondo. Isso é fundamental. Você deixar que eles próprios cheguem a reagir por si mesmos. Há poucos dias me encontrei com uma senhora que foi aluna daqueles tempos. Olha o que ela veio me dizer. Irmã Virginita, eu não me esqueço da sua maneira de levar a gente a resolver a ser o melhor e a fazer o melhor. A senhora nunca disse, em primeiro lugar, vamos fazer isto, vamos fazer assim. A senhora sempre dizia: se por acaso disserem a vocês isto, isto, isto, como é que nós vamos resolver? Tudo mundo fala ao mesmo tempo? Todo mundo grita? Como? O que é melhor para acabar depressa? Não, não se trata de acabar depressa, nós queremos é acabar direito. Olha que para uma aluna de ginásio falar isto ... Se queremos acabar direito é porque a senhora nunca mandou nem gritou . A senhora pergunta. O que acham se a gente fizer desta ou daquela forma? *“E a senhora orientava aos professores nesta linha de questionamentos?”* Nós tínhamos a mesma teoria. Eu, entre eles era uma professora comum. Nunca impus uma posição, uma decisão, tenho esta consciência. E quando percebia que eles erravam, mesmo que seja por pouquinho, às vezes a gente erra, eu olhava mais forte para ele sem que os outros percebessem; era o que eu fazia. E depois sozinha eu falava. Não sei se eu já contei para você aquela posição que eu tomava com o Colégio inteirinho, não dano ordens ou soluções para as coisas ali no momento do nervosismo dos alunos, da excitação. Para você ver, qual era a minha atitude com eles, a resposta positiva deles na totalidade dos alunos . Um exemplo: na ocasião que começou a Ação Católica aqui em Uberaba, o senhor bispo foi lá, e me pediu para começar o trabalho. É claro que nós nos dispusemos. Então combinamos com as professoras, especialmente aquelas que já estavam trabalhando com ele no grupo da Catedral. À medida que elas recebiam lá, elas

transformavam em linguagem de criança ou mesmo de jovem para apresentar à turma. Foi e a primeira vez reunimos todos os alunos naquele pátio próximo ao anfiteatro. Pusemos as cadeiras lá para caber todas as crianças. Você acredita de como eles estavam acostumados, com atitude que nós estávamos acostumados tendo com eles encontros assim. Eles sabiam que eu não chamava a atenção naquela hora. Sabia que eu não dava ordens, antes combinávamos. Foi o que fiz com eles. Antes de D. Alexandre chegar, todas as moças que iam trabalhar na Ação Católica foram também. Elas iam fazer o trabalho com eles, pois não competia a nós, irmãs. A gente ajudava, né! Quando os alunos estavam todos lá, apresentei o Dom Alexandre e disse que ele queria uma fala conosco. Para a reunião, eu pensei: “Onde eu devo ficar? São mais de 700 crianças, jovens ainda. Eu coloquei a minha cadeira na metade exata, do grupo de alunos eu fiquei contra a parede da rua e com a visão de toda a escola. Dom Alexandre estava na frente. Era uma conversa de gente de grande. Pois todos estavam sendo escolhidos pelo Bom Deus para serem aqueles que levam as coisas boas que recebem na escola, levam para fora, para as outras pessoas. Esperava que prestassem atenção. Começou a reunião. Dom Alexandre rezou. Vou explicar porque coloquei a cadeira no meio do salão. O meu lugar era no meio deles. Se eu não ficasse no meio, nem todo mundo poderia me enxergar. O ponto crítico que eu achei foi a metade exata do salão, contra a rua, a cadeira lá e me assentei no meio deles. No momento de dar o intervalo, houve um tumulto e os alunos falavam todos ao mesmo tempo. Ir Virginita interveio, perguntando-lhes o que vocês acham, se voltarmos daqui a uma hora, é bom para vocês? Todos concordaram. Dom Alexandre a parabenizou pela forma de conduzir. É Deus que me ajudava e até hoje. Se eu quero ajudar a resolver as coisas, eu tenho que dar o primeiro passo. Houve um silêncio absoluto. Dom Alexandre deu apoio a FISTA, foi o fundador da Ação Católica. A Faculdade funcionou assim. Um calava para ouvir o outro. Um gesto, um olhar. Como vocês tiveram coragem de fechar aquela escola que dava aquela formação?

Irmã Olívia:

Os alunos eram muito amigos, uma amizade só vendo. A Irmã Glícia, a diretora, era muito humana, os alunos que não podiam pagar, conversavam e não saiam ser uma resposta. Os alunos prestavam serviços com a Ir. Loreto, nos laboratórios de geologia, ajudavam nas seleções das pedras, era tudo muito organizado. Vendeu com tudo, tudo foi embora. O material das salas ambientes era enviado das regiões, enviados

pelas secretarias. Junto com o material mandavam as plantas características, o coco, a uva do sul, etc. A disciplina era muito boa. Nunca vimos uma greve. No período da revolução, o Padre Prata, sofreu muito, era dito como comunista. O livro de Dom Alexandre: “Um certo Dom”, fala muito sobre a Faculdade, o golpe de 1964. Dom Alexandre era defensor da Igreja, rígido. Na faculdade havia uma capela, salas espaçosas. O funcionamento era de manhã e à noite. Vinham muitas pessoas de fora, de outras cidades de ônibus: Conquista, Igarapava, Sacramento, Conceição. Eram vários ônibus.

Ir. Virginita: Conforme a diretoria o funcionamento acompanhava aquela metodologia. A Irmã dando sinais de que ela era ela. Não era a diretoria ou esta ou aquela, mais importante não havia isto, era o mesmo nível humano. Cada um é cada um, tem valores, falhas e uma das grandes forças que a Faculdade ia despertando é que cada um fosse ele mesmo, que tivesse a coragem de manter a sua personalidade em qualquer situação. E ao mesmo tempo, respeitar o outro de qualquer modo que fosse que ele tivesse agido. Isto aí eu achava fantástico. Não havia discussão, briga, parecia uma irmandade. Os alunos tinham liberdade de expressão.

Ir. Olívia: Havia muitos alunos com gratuidade, inadimplentes, e os professores precisavam receber bem. Muitos trabalhavam e estudavam. Trabalhavam, prestavam serviços, na própria faculdade e isto propiciava maior união dos alunos com os professores e o professorado entre si.

A faculdade tinha uma boa relação com a prefeitura, lutavam para trazer o asfalto, melhorias nas ruas próximas a faculdade. Tudo era mato, muito barro. Empenho de Ir. Loreto e Irmã Glícia.

Identificação:

Nome completo: **Padre Thomaz de Aquino Prata**

Profissão: Padre . Data de nascimento: 22/12/1922

Naturalidade: Uberaba

Mãe: Maria Rosita Prata Pai: Alberto Prata

Função: Religioso e professor

Formação acadêmica: Filosofia e Ciências Sociais

Início da atividade docente: 1947- em Belo Horizonte

Atividades desenvolvidas: Professor de Filosofia, Capelão do Colégio São Paulo de Belo Horizonte, Assistente Eclesiástico da Juventude Universitária Católica.

1950 a 1951- Diretor do Colégio Cristo Rei de Uberlândia

1952- Professor no Seminário e na FISTA até 1955

1956 e 1957 – Extensão Universitária em Ciências Sociais, nos Estados Unidos, e pároco na Paróquia de Santa Mônica, na Philadelphia

1957 a 1975 – Professor na FISTA e na Faculdade de Filosofia de Uberlândia- Sociologia Geral, Sociologia da Educação, História da Educação e Religião Comparada

1958 a 1960- Capelão no Colégio Marista Diocesano

Pároco da Catedral de 1987 a 1989 e responsável pela Capela de São José, no bairro Tutunas durante 20 anos. Atualmente, aposentado, presta assessoria nos cursos de Liderança Cristã, grupos de jovens, encontros de casais e outros.

ENTREVISTA REALIZADA EM 17 ABRIL - 2005

Formei-me em Filosofia no Seminário e o curso não era reconhecido. Na FISTA havia um curso especial, intensivo para aqueles que tinham a formação; e formei-me em Ciências Sociais nos Estados Unidos. Fui aluno e professor da Elsie Barbosa. Tive duas etapas na FISTA de 1950 a 1952. Em 1952, vim de Uberlândia . Fui para os Estados Unidos e depois voltei para a FISTA, em 1958 e comecei a lecionar. Neste tempo era um tempo de muito efervecência política. Porque havia movimentos na Igreja, principalmente os movimentos juvenis, estudantis, a juventude estudantil católica, para as pessoas que estavam no ginásio, e a juventude universitária católica,

nas universidades. Eu era o assistente eclesiástico da JEC e o Monsenhor Juvenal da JUC. Os estudantes eram muito politizados. Hoje, você não vê jovens politizados, estão nos barzinhos; o grupo de estudantes, pelo menos a maioria se preocupava com a situação política, econômica do país. E líamos livros, discutíamos, existiam os grêmios nos colégios e os diretórios acadêmicos, nas universidades, DALO. Todas as escolas tinham muitas palestras. Por isso, quando em 1964, estourou o Golpe Militar, a Madre Georgina, Irmã Glícia, Irmã Heloisa, estavam na faculdade e criou-se uma onda que ermos comunistas. Um grupo de representantes da Revolução esteve na faculdade, fizeram reunião conosco e a gente sofreu muito, perseguições. Monsenhor Juvenal, Professor Paulo Rodrigues, Irmã Georgina respondeu inquérito, fui detido, não preso, respondi a inquéritos por mais de 05 horas, sentado num tamborete, diante de uma comissão militar. Perguntaram muitas coisas: porque eu defendia Marx, o que eu lecionava, seu eu conhecia algum padre marxista, um tanto de bobagens. Aqui Dom Alexandre nos defendeu, levou-nos ao quartel e diante dele, expôs a situação do clero e disse que se um padre meu for preso eu virei junto. Faça um sela para todos que eu virei também. Foi uma confusão. Ele ia fazer barulho. O que aconteceu é que houve uma lei de profissionalização do ensino, para ocupar cargos com pessoas capacitadas. No final do ano era bomba mesmo. Não havia recuperação. Na recuperação todo mundo passava. Esta lei trouxe muita decadência para o ensino, e falavam um slogan para o ensino: a missão do estudante é estudar. Com a vigilância em cima houve uma decadência não só na formação política do estudante como também profissional, cultural. Os livros muito fiscalizados. Uma série de livros que ninguém podia ler. Invadiam as bibliotecas e tomavam os livros. Agora, há pouco tempo, percebemos que os melhores professores da UNIUBE, os mais gabaritados passaram pela Fista: Escobar, Newton Mamede, Dedê, Vera Resende, Vânia Resende, Irmã Loreto, Dr. José Mendonça, vários irmãos maristas, Tescarolo, Ir. Joaquim Panini. Os Irmãos Maristas foram pioneiros. Dr. Paulo Rodrigues era de uma inteligência, de uma cultura fora do comum. Não sabia línguas, mas era de um conhecimento de filosofia, sociologia de um modo geral, muito bom. Foi muito perseguido. Eu o levei para Uberlândia, ele sofreu muito. Havia lá uma cadeira livre onde veio muito gente de fora: Florestan Fernandes, Frei André. Era muito interessante. Naquele tempo, a escola de Filosofia de Uberaba era uma escola séria. Quem sabia ia para frente, quem não sabia, não ia mesmo. A avaliação era muito rigorosa. Hoje muitas faculdades os diretores recomendam nomes. Professores na hora de corrigir as provas, recebem nomes. O vestibular era comum a todos os cursos da

Faculdade, eram conhecimentos básicos, exames escritos e orais. Muitos passavam, porém muitos não passavam. A qualidade era exigente. Já tive um fato com uma aluna sociality que no exame final, não aceitou minha nova, saía no jornal todo dia. Arrumou um advogado, montou-se uma banca, e ficou com média 2. Havia seriedade. O relacionamento entre alunos e professores era muito bom. Hoje os professores são mais abertos e acolhedores, mas também os alunos têm mais liberdade, desrespeitam mais os professores. Alguns professores eram pessoas muito altas, não era por causa do clima era porque se achavam, não conversavam com os alunos fora de aula, entrava dava aula e saía. Outros tomavam lanche com os alunos, aquela integração. Havia os importantes: Santino Gomes de Mattos, era o maior conhecimento de Língua Portuguesa de Uberaba, uma sumidade. Médicos que davam aula na FISTA, professor de Anatomia e dava aula de Teologia. Ótimos professores. O professor se sentia seguro ele era estável. Entrei e sai quando quis. Professor José Mendonça, Frei Paulo, Frei Bruno, Santino Gomes, Monsenhor Juvenal e outros ficaram até aposentar. Hoje, o pessoal não tem segurança. Pode ser mandado embora até por telefone. Ou um recadinho por terceiros. Quando muito podia ser chamado à atenção. Hoje não tem isso não. O diretor conversava, nenhum professor foi dispensado. Escolhiam os melhores, vinham outros de fora. Eles se empenhavam muito. Todos os professores se conheciam. Mesmos os de Uberlândia. Os daqui eram mais integrados. Uns cinco ou seis eram de Uberaba. Uberaba era mais antiga, tradicional. Dei aula na Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia. Os laboratórios da FISTA eram muito bons, bem montados. Em matéria de biblioteca, Uberaba está a frente. Outra professora excelente de francês, Belmita, inglês, D. Yuki. Há coisas que a gente arrepende na vida. Tenho um arrependimento de não ter feito um curso de línguas. Leio várias línguas, só falo duas. Outro curso que arrependo é não ter feito curso de história. Nós éramos muito consultados pelos outros professores. Hoje temos a internet. Dom Alexandre tinha uma biblioteca muito boa. A JEC era muito forte. Tive uma vez que substituir a Ir. Georgina, sobre Hegel, difícil. Ela me chamou depois, agradeceu e disse que eu era inteligentíssimo, só que, os alunos gostaram muito, só não dava aulas melhores, porque era preguiçoso. (risos) Para falar a verdade tinha preguiça de falar de Hegel, tese, antítese, dialética hegeliana, e outros. Maritain tinha muita interferência. O humanismo cristão, tenho este livro, comprei outro, vários livros sobre arte, direitos humanos, tinha toda a coleção. Ele trabalha o relacionamento espiritual e temporal, um judeu convertido, mostrava que a esfera do poder espiritual é uma e o temporal é outra. Ele desenvolvia aí o que chamávamos de humanismo cristão.

Ele começou a quebrar o sistema de cristandade, aquela organização política que tinha o poder, se julgava poderosa a ponto de interferir nas coisas do temporal. Assim como a política temporal, não deve interferir no espiritual, a igreja também não tem que meter a cara lá. Assim é o humanismo cristão. Outro livro que comprei “Igreja, carisma e poder” de Leonardo Boff. Tenho este livro, todo riscado, Leonardo Boff, fala da igreja enquanto poder, tem a coragem de falar do papado. Ele nunca veio a Uberaba, Paulo Freire veio várias vezes. O curso de Pedagogia era de sair daqui a Ribeirão Preto para visitas a escolas inovadoras, totalmente diferentes, avançadas. E a educação libertadora, montessoriana, houve uma influência grande de uma escola inglesa chamada Summer Rio, outro professor muito apreciado aqui era Anísio Teixeira, veio a Uberaba, para encontros na FISTA, era um homem de peso. Florestan Fernandes, uma especialista carioca que esqueci o nome, Padre Eddie, Padre Vicente, deu aulas na Escola Agrocténica. Pe Eddie era professor de psicologia. Fui professor de História da Educação até 1976. Leciona com prazer, sabia bem. Um irmão marista meu aluno, escreveu um livro sobre a história da educação.

Acho que mudou de FAFI para FISTA- Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino. Tinha tudo a ver. Uma vez a Ir. Maria chamou-me a atenção, tinha um respeito até para chamar a atenção. Gostei de ler Maritain antes de formar, ele era um livro proibido. Nós que formamos na década de 50 éramos todos apaixonados por Maritain, líamos e discutíamos com muita seriedade. O bispo não gostava de Jacques Maritain, ele era muito avançado, Dom Alexandre o combatia. Aconteceu que, por azar de Dom Alexandre, o embaixador francês, nomeou para o Vaticano o Jacques Maritain, e o Papa Pio XII, aceitou fez um discurso elogiando, foi valorizado e o bispo teve que aceitá-lo. Tive vontade de falar. Puebla precedeu o Concílio Vaticano II, foi em 1962. Houve uma mudança enorme, a missa passou a ser em português, a igreja abriu, tornou-se o povo de Deus. Quando se celebra uma missa, o povo é celebrante com o padre. A Igreja não era uma pirâmide, havia uma cúpula lá em cima que mandava, e outra aqui, embaixo que obedecia; a igreja era o povo de Deus. Era o povo que marchava junto para sua libertação. Isto mudou tudo, não digo que foi uma mudança de paradigma, porque não chegou até lá. Foi uma mudança substancial. Que a Igreja atualmente precisa urgentemente de uma mudança de paradigma, não é mudar algumas coisinhas aqui e ali, é mudar na liturgia, na disciplina, e no Ensino Religioso, é preciso uma reviravolta profunda. É uma incógnita ainda este novo papa. Temos que aguardar e não podemos fazer julgamentos precipitados. Ontem mesmo encontrei-me com um padre que viveu

muito tempo em Roma e disse-me que o Ratzinher vai nos surpreender. Vamos ficar surpreendidos, estamos esperando. Num litro d'água joguei uma gotinha. Na ação católica, no setor universitário a JUC teve uma influência muito grande na politização e na tomada de consciência política do jovem brasileiro. Tão grande, mas tão grande que ela foi muito perseguida pela revolução. De um modo geral, os jucistas eram grande parte deles foram presos. José Serra foi da JUC, Frei Betto, Aldo Arantes, criou uma ala radical AP – Ação Popular, dita como a ala comunista. Muitos foram presos, assassinados. A base filosófica da AP foi feita por padres dominicanos, atuantes, Frei Tito, davam a base a estes movimentos. Eram tão fortes que o governo tinham medo deles. Eram politizados, não ficavam presos a tolices, queriam criar, superar a situação atual. Superar o capitalismo, liam Marx. A JUC era muito forte. Uma maravilha....

Identificação:

Nome completo: **Evandro da Silva Martins**

Profissão: Professor universitário. Idade: 52 anos

Estado civil: casado

Local de atuação: Universidade Federal de Uberlândia

Função: Coordenador do Mestrado em Lingüística

Formação acadêmica: Letras

Entrevista realizada em 21 de abril de 2005

A minha formação acadêmica começou na FISTA, onde fui aluno e professor. Fui o primeiro professor espírita da faculdade com uma certa rejeição. É tanto que um dia a Ir. Loretto, me falou: “Evandro, já tentamos tantas vezes trazer o Carlos Peres que era uma sumidade, mas era espírita. Eu comecei na FAFI, entrei em 1968, eu ia para São Paulo, fazer na USP(...olha como a vida é, tinha sido exilado iria para a Europa), e uma amiga minha, Marlene Barbosa, que era aluna lá, fazia Letras, da turma do Eduardo, disse: “Evandro, você gosta muito de escrever, você podia fazer Letras, vamos”. Decidi e estudei, pois naquela época o vestibular era muito apertado. Vestibular na FISTA era escrito e oral. Nós fazíamos uma prova escrita e éramos sorteados e convidados a fazer a oral. Recordo-me que o texto que caiu na prova foi sobre a tríade parnasiana. Sempre gostei muito de escrever. Quando estava na prova escrita, na presença de Luiz Alberto, Madre Georgina e outra irmã, ele pegou a prova e ficou olhando. Depois fui para a oral. Uma prova de Língua Portuguesa, Literatura e como tinha me inscrito em Francês, fiz de conhecimentos gerais também. Tive o privilégio de passar em primeiro lugar. O problema da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino, tem um grande diferencial da educação que é o humanismo. Eu tenho a impressão que o grande drama que estamos vivenciando hoje na educação é o problema do humanismo. As nossas escolas não estão trabalhando mais no humanismo. Não estamos formando mais educadores. Formamos professores. E professores, como diz o Rubem Alves, é igual ao eucalipto, tem em todo o lugar. Vai ser o diferencial que é o educador. E lá realmente já trabalhava isto. Era um ensino voltado para esta área humanista. Por exemplo, você pegava o latim. Não tinha só um curso de Latim. Nós tínhamos, por exemplo nesta época, que a Ir. Heloisa, antes Ir. Isolina, criou junto ao curso de latim, o clássico humanitário de academia. Nós tínhamos então uma academia

de Letras Clássicas no Latim. Então as atividades culturais, como por exemplo, representação de peças, músicas em latim, uma série de atividades faziam com que o latim não fosse uma matéria desagradável. E assim isto acontecia com a literatura. Quantas vezes o Paulo Pedro, professor de Literatura, o Luiz Alberto, a gente saía da sala de aula e ia para São Paulo assistir peça de teatro, isso era algo normal. Você pegava o diretório acadêmico que naquela época já mudou o sentido do vestibular, aquela questão do trote, mudou. Era um trote cultural. Isto nós estamos falando do período de 68 e 69, o Brasil estava em plena ditadura. Os grandes momentos da ditadura brasileira de 68 e 70, com grandes perseguições, e a escola mantinha isso. Era muito diferente. Esta semana mesmo eu estava conversando lá em casa e falando isto; interessante, fazia-se algo diferente, por exemplo, quando nós já professores, na sala do café, você tinha pão de queijo, rosquinha, leite, café, quer dizer havia um ambiente. Lá não se ficava falando, se pusesse um microfone lá, estava se falando de educação, discutindo o que vamos fazer nesta turma, assim, assim... Coisa que isto desapareceu. Aqui, por exemplo, na UFU, é federal com o luxo de ser a única federal do Triângulo Mineiro, com 33 cursos, mais de 25 cursos de mestrado e doutorado. Mas em compensação, não temos espaço de encontro, as nossas salas de convivências não existem, professor lá dentro não há. Isto é um grande diferencial, que eu acho, quando eu vim para cá, senti muito.

Voltando a linha inicial, eu me formei em 1971, em outubro de 71, a diretora que era a Madre Alexandra, falou;” Evandro, você não quer ficar conosco. Nós tínhamos 12 aulas de Língua Portuguesa. Com a saída de D. Edmáris que estava doente. E pedi uns dias para pensar, porque naquele tempo, já era professor do Estado. Comecei a lecionar no 2º ano, Então a senhora aguarda um pouco para ver se tem condição. Ai, passado uns dias, aceitei. Então naquela época eu lecionava no Estado e tive a oportunidade de compartilhar com o ensino de 1º, 2º e 3º graus simultaneamente. Isto ajudou muito. Eu tinha uma visão do que estava lá e o que podia repercutir lá. Foi uma vida difícil porque eu lecionava nos 03 períodos. Hoje sinto que meus filhos não me viram e eu não os vi crescer. Mas em compensação como eu morava ali perto, tinha uma relação muito grande, eles não saíam da faculdade, todo mundo conhecia os meninos. A minha mulher fez História Natural, então nos casamos em 1972 e já morando em Uberaba, ela foi minha aluna, inclusive na História Natural, no primeiro ano. Porque nós tínhamos nos primeiros anos Língua Portuguesa. Então praticamente, nós não éramos muitos. Eu lecionava nos primeiros anos para os cursos de Matemática, História, Ciências e

Geografia. Eu me lembro de experiências, uma vez o Padre Prata, que dava Sociologia, o Professor Paulo, outro professor de Bioquímica, que não me lembro o nome; o que que acontecia, a gente pegava, veja como a faculdade era adiantada no tempo, nós pegávamos o mesmo texto, onde cada um fazia uma abordagem. Eu fazia uma abordagem lingüística, outro fazia a abordagem histórica e assim por diante. E a avaliação também era uma avaliação em conjunto. Hoje se fala em interdisciplinaridade e nós já fazíamos naquela época, é um absurdo isto aí, quando eu vejo como o ensino regrediu em termos de avaliação. Em 1972, nós fomos convidados a assumir e ficamos. Com o tempo foram aumentando as aulas e durante muitos anos, eu trabalhava com a Letras, no primeiro, segundo e terceiro anos, como o curso era anual eu ficava três anos com os alunos. No quarto ano é que passava para o Newton Mamede. Então praticamente a gente criava toda uma história, porque três anos juntos. E é claro, hoje eu vejo que é muito bom a gente se especializar em determinadas áreas. Na época não havia isto. Em compensação, no meu caso foi importante porque praticamente eu fui obrigado a conhecer várias áreas: semântica, fonologia, estilística, morfologia, sintaxe. Se a gente não aprofundava, pelo menos, tinha o conhecimento. Isto me ajudou muito aqui na UFU. Quando eu fui fazer o mestrado, tive também o privilégio de ser também o primeiro colocado, a banca me disse: Por que você não faz o doutorado direto? Já tinha vinte anos de faculdade. Então, acho que não foi mérito, o problema é que não tinha tempo, a experiência me ajudou muito. Se não tivesse a oportunidade de trabalhar deste jeito, ficaria difícil. Então eu vejo isto, Lourdinha, que a grande característica que a gente sentia lá era isto aí. Vivia-se para, tinha uma vida universitária, eu pensava que aqui na UFU por ser uma universidade teria muito mais, quando eu vim, senti que não era bem isso. Como esta nasceu num período militar, não se criou uma cidade universitária. Veja que aqui nós somos o Umuarama, ficamos com a Medicina, a Psicologia, a Biologia, a Odontologia. Ai nós pegamos aqui a Educação Física, pegamos aqui a Letras, o Cetec, onde estão as Engenharias e os cursos de licenciatura. Mas não se encontram. Como um candidato a Reitor, uma vez colocou em uma reunião, fazem propaganda na época de eleição, isto inclusive é uma proposta militar: separar para que não houvesse encontro de professores, evidentemente não fomentaria greves etc e tal. É um absurdo mas o que acontecia na época. Perdemos a oportunidade de termos uma cidade universitária, que já tinha até uma proposta numa fazenda da universidade; a cidade teria crescido para lá. Assim como a USP, nós não criamos. Hoje eu vejo que os espaços estão diminuindo, daqui uns tempos não há mais espaço aqui, criar uma cidade

universitária é impossível porque os custos são muito grandes, quer dizer, isto nós tínhamos. Inclusive, o Eduardo Guimarães que está hoje na UNICAMP, muito bem, eu acompanho o Eduardo porque faço parte da Associação Nacional dos Professores Pesquisadores, então a gente sempre se encontra. Este ano, inclusive o Eduardo é da diretoria da ANPOL – esta associação- devo encontrar com ele, agora no dia 19 de junho, nós vamos ter um encontro dos pesquisadores e coordenadores e estou dirigindo um GT de minha área que é o GT de Lexicologia, lexicografia e terminologia. De dois em dois anos muda a direção, 2005 e 2006, sou o diretor, porque sou diretor, eu vou me encontrar com ele, com o pessoal todo em São Paulo. Eu vejo, por exemplo, do caso aqui do Eduardo, uma vez conversando com ele, falou: “Evandro, você sabe que nos estatutos da FISTA havia lá inclusive, no regimento, um dos artigos lá, que vislumbrava a possibilidade de se criar a universidade.” Percebe-se que quando conversei com Ir. Alexandra, ela até me disse que arrependeu amargamente, porque foi um péssimo negócio. Hoje, analisando o tempo passa, muitos anos, eu falo assim que as irmãs falharam um pouco em não confiar nos filhos, que somos nós, se elas tivessem feito uma reunião, e falado: “Olha, gente, a situação está assim, estamos com dificuldades econômicas,... Por que não criar uma sociedade anônima? Manter não manter 51% conosco e vocês vão lutar por esta universidade”. Nós somos pessoas que estamos em vários lugares do Brasil e se criasse a universidade para nós seria bom. E acho que como não houve isso aí, é claro que houve aquela fantasia de que uma instituição como a FIUBE e não é aqui nenhuma crítica, quero que eles cresçam também, trabalhei lá , mas é claro que a visão de mundo é outra. Não se pode nem comparar. O problema todo é que a visão deles não é uma visão mercantilista, mas é uma visão, por exemplo, do lucro. Coisas que nós não tínhamos lá. Por exemplo, o curso de Letras, o grupo do Eduardo, estavam um ano na minha frente, da Marlene, a quem já me referi, e outros meninos, eles, o curso deles, tinha no máximo 08 alunos. O meu curso nós tínhamos 07 em francês e 07 de inglês. As meninas que faziam o curso antes de mim eram duas alunas. Você deve estar pensando: como é que um curso se mantém num número tão pequeno! Mas acontece que as irmãs não visavam o lucro em si, quantas vezes a pessoa ficava devendo e o Sr. Nassim que era o tesoureiro: “ Não, o mês que vem você aumenta um pouquinho mais, tal”... Estava sempre quebrando o galho. Com isso, é claro, se não tinha lucro, mas também se mantinha. Acredito que nesse momento houve a falha. Não pensaram em comunicar e criar a universidade que sonhavam. Com o tempo eles não pensavam que a coisa seria diferente, porque quem

está visando o lucro não pode querer um curso deficitário e aí começa o que aconteceu. Eu senti muito isso. Se hoje tem uma universidade, mas ainda não se chega ao que se pensava. Quem sabe às vezes até, e isso é da história. Nós tínhamos um professor aqui da Letras, o Prof. Oswaldo Gonçalves, chamado Vadico, que lecionava Filologia Romana, gostava muito de mim, conversávamos muito. Naquela época, não é como hoje, nós tínhamos o nosso delet- o departamento de letras- nós tínhamos mais de 60 professores neste departamento. O professor Vadico, um dia me disse: “ Prof. Evandro, Uberlândia trata muito bem quem vem de fora, principalmente aqueles vem para fazer crescer a cidade. Uberlândia, por exemplo, professor, ainda em 1945 tinha 15 mil habitantes. Boa parte veio de fora. Daí a expressão uberlandenses e uberlandinos (os de fora). Ai ele me contou a história que não consta no oficial, o grupo político de Uberlândia foi à Brasília para se criar a universidade, porque nós tínhamos várias faculdades particulares, da Medicina, das Irmãs e de direito e tal. E eles foram. Chegando lá, a direção do Mec falou: “ Por que vocês não voltam para Uberaba. Lá nós temos a Medicina e vocês têm a Engenharia que são federais. Vamos criar a Universidade Federal do Triângulo Mineiro e ai fica a reitoria 04 anos em Uberlândia e 04 anos em Uberaba. E eles foram. Só que para criar a universidade, todo mundo cede o patrimônio para a União, porque isso aqui é da União, é federal. Quando procuraram o Sr. Mário e quando falou em doar para a União, o Sr. Mário, caiu fora, é claro, a menina dos olhos que só ganha dinheiro para a família toda. E ai é claro que ele não aceitou. Voltaram para cá. Nós tínhamos, o Rondon Pacheco que era chefe da Casa Civil e ai o pessoal assinou e criou-se a universidade aqui em 1970. Uberaba perdeu a grande oportunidade. Você já imaginou o Triângulo Mineiro com uma universidade federal!? Uma universidade de ponta. Isto nem chegou nas irmãs. Estava lá e não vi movimento nenhum. Eu imagino que isso chegou direto no Palmério. Eles tinham mais faculdades, as irmãs só as licenciaturas. Talvez se tivessem ido, poderiam ligar-se à Medicina e ai o que se queria era a doação de todo o patrimônio para a União. Ai sim nós teríamos uma Universidade Federal do T. M. Fico pensando o tanto que o Triângulo teria crescido como um todo. Porque as cidades satélites como Patrocínio, Patos, Coromandel, e outras iriam se criar os chamados campus avançados, as faculdades isoladas, porém ligadas. A Federal de Goiás tem; a UFG tem; quer dizer isto era possível. Se você vai a Conquista, Araxá, Sacramento hoje, eu tenho muita ligação por causa do movimento espírita você vê pessoas ligadas a imprensa, com as faculdades todos eles ligados a FISTA. Prefeitos, ex-alunos. No Triângulo Mineiro em todo lugar você encontra ex-

alunos com esta formação. Interessante isso: é importante ressaltar, não ficou apenas no eruditismo, eu procuro inclusive em minhas aulas para a prática de ensino. Percebeu-se que o melhor é você se ligar a todas as disciplinas, e como no doutorado eu voltei para a área morfológica. Fiquei com o pé nos dois lugares. Mas como eu gosto muito desta área eu sempre falo assim, olha gente o importante na área de prática de ensino é tentar quebrar um pouco esse eruditismo, essa visão tecnocrática, e voltar para o humanismo. Quando houve o concurso aqui do Estado, a chamada escola Sagarana, a escola virtual do Neidson, ele fala muito nisto aí. Se o Estado trabalhar muito nesta área, nós vamos diminuir os focos de violência. A violência existe porque não há o humanismo. O Humanismo por parte da direção, dos professores, a sociedade não é humanista, a nossa sociedade prefere aumentar os soldados na rua, os portões eletrônicos e tal, do que realmente trabalhar para diminuir o analfabetismo, aumentar as escolas. É interessante isso. Nós convivemos com a violência, a sentimos na pele e não fazemos nada socialmente. O caminho é este. É o caminho cristão, é amar o homem. Ai eu me lembro, esta semana mesmo, numa fala sobre uma educadora de Sacramento, criou um Lar escola, que hoje é uma escola modelo em Sacramento, Corina Novelino, e ela trabalhava nisso aí. E eu me lembro que fazendo esta palestra, sábado para o grupo, fiz menção ao homem libertação, o mestre é o ser da palavra, que palavra é ser palavra, de Monsenhor Juvenal Arduini. Se não pensa nisso, não vai resolver.

Interessante, a presença de padres e espíritas: A Irmã Patrícia dizia, nós temos uma coisa em comum que é Jesus Cristo, o resto não vale a pena discutir. Havia um respeito. Acho que cada um de nós temos uma mensagem que é nossa vida. A despeito de o homem ser falho em muita coisa, eu acho que naquele momento eu tenho que mostrar essa visão de mundo. Ai que acho interessante. Quantas vezes, tivemos longas conversas com Pe. Prata, em Sociologia, com Monsenhor Juvenal, na área Filosofia e outros cursos, então todo mundo tinha essa formação. É como se reunisse ali, um grupo preocupado, a massa pensante daquele momento de Uberaba. As irmãs não interferiram, nunca vi me chamar na sala para conversar alguma coisa. Sempre era aquela preocupação. Eu me lembro uma vez que eu estava já na UNIUBE, em 1981, na venda, eu já era professor da FIUBE, já compartilhava com os dois. Entrei na época do Sr. Mário estava lá, dava aula na engenharia. E foi até marcante, porque quem dava na engenharia era engenheiro, não entendia nada de português. Ele perdia e no final do curso...E eu cheguei lá e comecei a dar a visão de língua, e não pode ser desse jeito, vocês são engenheiros, mas, vocês falam, vocês escrevem. Tudo bem. O que me

chamou a atenção, é que a Irmã, na hora da aula não tinha a preocupação que alguém estava se censurando. Eu tinha três turmas de Odontologia na FIUBE. E este fato foi interessante, eu me lembro que um aluno foi reclamar com a vice-diretora, Elsie Barbosa. Ela me chamou lá. Mas eu tinha uma visão legalista muito grande, trabalhei em cartório muitos anos, nunca joguei prova de aluno fora, tudo arquivado, tal... E aí, disse a ela: está aqui a prova. Na realidade estamos desenvolvendo aqui, um trabalho assim, assim, assim... Na época, criamos um livrinho de sintaxe que partimos do seguinte princípio: quem não escreve é porque às vezes, não tem o domínio dos processos sintáticos da língua. O processo sintático está junto ao léxico. Então, eu, o Heli e o Mamede criamos um livrinho que nunca foi editado, mas que mostrei esta publicação no doutorado, era manuscrito. Você está vendo, nós fazemos isto. O problema todo destes meninos, Elsie, ou este que veio aqui, é que eles, sabem a análise sintática para classificar orações, não sabem construir períodos. A dificuldade está nisso aí. E é claro que não deu em nada. Então, este tipo de chamada nunca aconteceu nas irmãs. Eles confiavam no nosso trabalho. Lembro-me uma vez que eu tinha 40 alunos na Letras, houve dezenove reprovações. Um absurdo, quase a metade da turma. Mas chamei os alunos e disse: Gente, vocês vão me xingar durante muito tempo. Só que não adianta, lá fora a vida vai ser diferente. Lá vocês vão ser cobrados, inclusive financeiramente. Prefiro que vocês me xinguem. Porque naquela época, veja como são as coisas, durante muitos anos nós trabalhamos com Mattoso Câmara Júnior, A estrutura da língua portuguesa. A turma sofria com Mattoso. Nós fomos obrigados a tirar aqui do exame de seleção de Mestrado, porque os alunos não estavam entendendo Mattoso. Eu dava Mattoso naquela época. Quando fui fazer o Prepis, em 72 e 73 na PUC, tive o privilégio de conhecer a Ângela Guarneão, que é uma sumidade. A Dra. Ângela era amicíssima do Mattoso. Quando o Romão (YaKobson) veio ao Brasil ficou hospedado na casa dela, ela falava as nove línguas neolatinas. E ela nos deu o Mattoso que eu já dava para os meus alunos em Uberaba. Eu e um colega éramos os únicos que conhecíamos. Ela foi obrigada a retomar tudo porque ninguém conhecia. Um absurdo, não é! Veja o tanto que estava adiantado. E por isso que quando eu vejo estes ex-alunos se sobressaindo é muito fácil. O Mattoso quando a gente vai conhecendo profundamente a vida dele percebe-se que ele era profundamente humanista. Tenho praticamente boa parte da obra dele. Eu vejo, por exemplo que ele era este grande lingüista, e era professor de 5ª série no Rio de Janeiro. Então, a gente vê que aquilo que estava acontecendo, lembro-me que quando começamos em 1972, eu peguei semântica, e

tínhamos um livro em francês, *Semantic Structurale*, do Gramair, que eu traduzi diversos capítulos para dar aos alunos, pois nem tinha sido traduzido ainda e nós já dávamos semântica estrutural. Ninguém nem falava. Na UFU, não ouvia ninguém falar em Gramair, e foi um nome na história da lingüística, dentro do estruturalismo que falava sobre os sentidos ele criou um livro. Então eu vejo o tanto que lá era adiantado e aqui nós ainda não chegamos ainda nisso. Semiologia, ninguém falava em semiologia e naquela época nós já trabalhávamos com história em quadrinhos. É claro que descobria esta visão da língua, não é meramente só gramatical. Até a escolha do livro didático tinha a ver com a filosofia da escola. Não adianta pegarmos hoje um livro hoje chamado *Comunicação e Expressão* cheio de desenhos se você não mostra que um texto, ele tem que aproveitar de todos os elementos, não há obra fechada, tem tudo ali. Essas coisas que aconteciam lá foram coisas de uma época muito importante, a década de 70 foi uma década muito rica. Foi a época das traduções, traduziu muito, a lingüística cresceu muito no Brasil, a partir de 70. Antes de 70, a sintaxe, a morfologia já era ativa, o Chomsky até 70 não se preocupou muito com morfologia, de 70 para frente ele escreveu um artigo e seguidores dele desdobraram neste campo da morfologia. Mas eu falo assim que não pode esquecer que a lingüística, ela é por momentos, vai tendo etapas, a gente não pode negar o passado. Num artigo recente, falei sobre a questão do lexo da educação, na etimologia da palavra educação, instrução, docente, discente, como tem sempre algo em comum. Mas eu mostrava isto, a gente fica muito preocupado com a parte da instrução, a importância de se deve dar não aos modismos que a gente vive neste país, muda o nome da língua, achando que mudando o nome vai melhorar, comunicação e expressão, é a velha língua portuguesa. O que pode mudar é o enfoque, como trabalhar a língua. É diferente. Então eu acho que as contribuições da lingüística nestes últimos anos, lingüística textual, análise do discurso, isto tudo colaborou muito para facilitar o trabalho; que ainda está tateando. Eu vejo muito uma diferença enorme entre prática e teoria. A gente aqui na escola preocupa-se muito com teoria e pouca prática; aí complica.

A relação entre professor-aluno era importante, primeiro porque o ensino era anual, então você conhecia bem todas as pessoas. Ai você tinha uma relação com a família, não era uma relação meramente de sala de aula. Aí que mudava muito. Como a gente preocupava com atividades extra-classes, naquela época já se falava em pesquisa de campo, saía do ensino acadêmico e vivia outras realidades. As famosas festas de Halloween, com D. Yuki. É claro que Uberaba não era tão grande quanto hoje. Mas já

era uma metrópole. Praticamente, guardadas as proporções era uma das mais importantes cidades do Triângulo. Veja que Uberlândia deu uma explosão populacional 65 e 70, porque não era assim. Nós podíamos contar nos dedos. Lá era a sede. Eu me lembro de um livro que li sobre a história de Uberaba, Prof. Hildebrando, Uberaba em 1911, a câmara Municipal criou um curso de francês e de inglês; porque nós já estávamos indo para a Índia os Zebus. Olha a visão que nós tínhamos. É claro que isto refletia também na faculdade porque eram ex-alunos que tinham esta visão, que mantinham esta cultura que caracterizou Uberaba durante muitos anos. Hoje, não sei, porque não estou lá. Neste período a gente percebia as livrarias que nós tínhamos, os jornais, o centenário Lavoura e Comércio que acompanhou a história do Brasil, mesmo que tenha uma visão que reflete a realidade, aberto às polêmicas, lembro-me inclusive do ponto de vista religioso, lingüístico, a famosa polêmica do Prof. Santino Gomes de Mato com Dom Alexandre sobre língua. Dom Alexandre com Dr. Inácio sobre espiritismo. Era importante porque a cidade estava sempre atenta, porque onde tem polêmica ganha todo mundo, a cidade vive a efervescência, a brotação, a discussão. Isto enriqueceu muito. É uma cidade gozada: o núcleo do movimento espírita pois, foi durante muitos anos a cidade de Chico Xavier; que é um expoente do movimento espírita brasileiro e mundial. Do outro lado nós temos também um bispado com um movimento forte, com seminários e tal. As irmãs na área da educação. Como é que conseguiu, é claro que, se tem um ou outro que deixa a desejar eu vejo no todo um trabalho muito integrado, na minha visão de mundo. Por exemplo, eu vou citar uma pessoa que não se fala muito hoje, mas que para nós espíritas, temos um carinho especial que é o Padre Sebastião Carmelita. Ele era amicíssimo do Chico. Inclusive no dia da morte dele, estava o bispo de um lado e o Chico do outro. Padre Sebastião tinha uma correspondência intensa com o presidente da Federação Espírita Brasileira. Inclusive com uma grande médium brasileira chamada Ivone Amaral Pereira, que era esperantista e ele também era. Até o irmão dele era dono da livraria ABC, que tinha ali na Praça Rui Barbosa, risonho.

Ir. Georgina durante o seu doutorado conseguiu mais de 4000 (quatro mil livros) com o Fidelino de Figueiredo, seu professor, para sua biblioteca. A biblioteca era invejável na área de latim, línguas clássicas, da literatura portuguesa, com muitas raridades, dicionários antigos. Alguns livros foram para Araxá e Barbacena. Muitos dicionários do século passado.

Sobre o Esperanto, conheceu em Uberaba. A sede do movimento esperantista em Amsterdã, na Holanda, onde funciona a associação internacional. Em cada país, nós

temos as associações nacionais. No Brasil, temos a língua de esperanto – ABEL-. E veja o ecumenismo da FISTA, realizou-se na Fista, o congresso nacional de esperanto, na biblioteca e tivemos inclusive a palestra de um dos grandes líderes espírita do país Divaldo Pereira Franco; que falou sobre os problemas da lingüística daqui e da chamada espiritualidade. Veja com as irmãs. Já no outro ano, na FIUBE, o Prof. Danival, me chamou e disse: Evandro, você não vai poder fazer de novo porque as pessoas estão dizendo que é espírita. Absurdo. Nas irmãs fizemos um congresso nacional. O movimento esperantista não é espírita, não nasceu para ser religioso, nasceu como língua auxiliar, para médicos, escoteiros, ferroviários, espíritas, umbandistas, para qualquer pessoa, é para ligação, tanto que é uma língua auxiliar. E temos hoje no movimento católico esperantista que é fortíssimo, é claro que cada um aproveita da língua para divulgar suas idéias. Inclusive nestes encontros nacionais, você tem missa em esperanto, assim como culto. O que eu acho bonito é isso a FISTA abriu as portas, abriu o salão lá e tivemos gente do Brasil todo e alguns do exterior falando em esperanto. Muita gente esqueceu, mas gosto de guardar na memória estas boas coisas. Nomes de colegas lembrados: Mamede, que fez filosofia e depois Letras; Dedê, Danival, o Heli, fez letras e tinha o CAD, era leigo que não formado mas tinha o conhecimento, como o Prof. Santino, era uma sumidade, mas não tinha o curso superior. Então Heli, tinha o seminário, foi meu aluno. Inclusive foi professor de latim, quando a irmã se afastou. Quando foi para a FIUBE, também professor, foi fazer lá Odontologia. Abandonou a área e ficou mais com a odontologia. D. Zilma Burgiatto Faria, Abgail Bracarense, Prof. João Batista. Não podemos ficar no ufanismo e elogios, é ver a prática, o que sinto é isso, se você for acompanhar a história, aquele que saiu e está no magistério, aquele que saiu e está na direção de um colégio, aquele que saiu e está na universidade, num cargo público, como é a vida dele lá. Nós somos aquilo que fomos. O nosso ontem marca a nossa vida. Eu tenho o privilégio de quando eu vim para cá, como espírita, já facilitou muito, entrei na vida do movimento aqui, criei aqui a confraternização do movimento Espírita de Uberlândia, cinco anos eu trabalhei com isto. Liguei-me muito a superintendência. Comecei a dar cursos, nos governos estaduais, começavam a enumerar estes cursos de atualização. Rodei Minas inteirinha, desde as corruelas de Iraí de Minas até Patos de Minas, cidade maior, dei curso para todo lado. Em todo lugar sempre encontrava alguém da FISTA. Em Perdizes, Araxá, sempre tinha alguém, da Matemática, de Letras, “está lembrado de mim...”; Então comecei a ver que no Triângulo Mineiro teve um reflexo enorme das irmãs, nós devemos muito, a todos os

professores, porque lá era diluído, a gente não sentia diferenças. Era uma escola confessional que nunca foi confessional, não fosse pública neste sentido agia como escola pública. Eu nunca vi interferência religiosa na vida de ninguém. Ao contrário quando alguém tinha um problema, estava lá tentando ajudar. Do ponto de vista religioso, eu tinha assim uma irmã física, que eu não tive irmã, que era a Irmã Heloisa. Fomos grandes amigos, “uma relação amorosa”. E a gente discutia muito, até assuntos religiosos, ela sabia da minha vida assistencial, perguntava como estava indo. Cada mourão tem que ficar na sua cerca, cada um fazendo sua parte. Há alunos por toda parte do país: Belmita, de Araxá, no francês, Carmelita, sociality. Marília Montes, Tereza Hueb, muita gente. Paulo Roberto estudou na Itália e lecionou na FISTA, diretor da FEU. Tentei trazer o Mamede e Escobar para cá. Pois aqui na Universidade é diferente de UNIUBE. Lá você tem um número grande de aulas, aqui você tem tempo para estudar, tempo para ler, para pesquisa, isto não existe lá. No privado você é só professor, não é pesquisador.

Quanto à reforma: As leis existem, mas que vale são seres humanos. A gente vê que como havia uma estrutura que já vinha, uma coisa que muita gente desconhece, nós tínhamos o curso de italiano lá, espanhol, não sei onde está esta biblioteca que eu vi, havia livros de literatura italiana e espanhola, com tradição. Tenho colegas mais velhos que conviveram com tudo isso aí. A reforma de 62 que fez toda esta alteração; e o Brasil vive das chamadas reformas sem ouvir bases, nunca ouve as bases e acha que vai mudar e não é bem assim. Como tinha um ensino solidificado, não houve grandes alterações. A gente fazia adaptações para agradar a lei, mas continuava o trabalho. É isso que mantinha. A história se prendeu a isto, foi um período de 30 anos que manteve uma coesão porque existia um fio condutor. Este fio condutor que chamo de humanismo.

Em plena revolução, em 1969, havia filosofia na Letras. A Madre Alexandra é quem dava. Lembro-me que um dos livros que estudamos foi o Homem-Libertação. Período de repressão, em que houve a prisão dos meninos em Ibiúna, o congresso a UNE, onde prendeu gente até de Uberaba. As irmãs sofreram na carne foram perseguidas, e neste aspecto, a honra seja feita, principalmente o Dom Alexandre ajudou muito. Ele jogou dos dois lados, era amigo dos militares, e como religioso não deixou de dar o apoio. Ajudou muito. Monsenhor Juvenal sofreu muito, o Padre Prata, a Madre Alexandra e outros alunos, muitos tiveram que esconder.

Identificação:

- Nome completo: ***Irmã Loreto OP***
– Ruth Gebrim – nome civil
- Profissão: Religiosa Dominicana – Professora universitária
- Data de nascimento: 11 de fevereiro de 1918
- Naturalidade: Formosa
- Local de atuação: CNSD, FISTA (professora e diretora) Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro(professora e diretora) e UNIUBE(docente)
- Função: 1ª professora da FISTA de Geografia
- Formação acadêmica: Geografia, História e Teologia Especialização em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado na Universidade de Sorbonne, na França
- Início da atividade docente:1936 – Disciplinas: Matemática, Português, Piano e Canto
- Religião: Católica
- Escola de Origem: Colégio São José – Formosa- Goiás

Fiz a minha faculdade no Rio de Janeiro onde cursei geografia, história e teologia. Em 1943, terminei meus cursos e vim para Uberaba. Aqui eu lecionei até 1951, a faculdade foi fundada em 1949. Durante este tempo, no período de férias eu ia para fazer pós-graduação, especialização no Rio. Em 1952, eu fui para a França, para Sorbonne, fazer o doutorado. Lá eu fiquei cinco (05) anos, de 52 a 57, durante este tempo eu preparei duas teses, todas as duas tiveram este título específico de geologia e geografia. Como a geomorfologia está no meio das duas, ambas, tiveram este título específico de geomorfologia. Eu escolhi uma região muito diversificada no ponto de vista de afloramentos rochosos. De um lado rochas magmáticas e metamórficas, e de outro uma série sedimentar riquíssima que ia desde o período paleozóico até a época atual. Então, estas duas regiões, estavam divididas por um acidente geológico chamado “falha”, a terra quebrou numa distância maior do que daqui(Uberaba) a Araxá. E um lado subiu e o outro desceu. E a evolução nesse período fez com que houvesse um afloramento muito diversificado de rochas. Quando eu notei que estudando um daqueles lados, que ao subir ele apresentava rochas de uma série muito antiga. O outro que desceu e desceu condoleando formando placas anticlinais. Então, eu notei que um ajudaria na defesa do

outro, assim, eu resolvi fazer dois trabalhos. Individualizados. Um deles eu defendi na França e o outro aqui no Brasil. E o daqui do Brasil se chamou “Contribuição Geo Morfológica da Pára Bacia do Rio de Averno”. E o da França que eu defendi na Embaixada, com cinco examinadores, também foi o estudo da Bacia Geomorfológica do Rio da Servene.

Antes de ir para a FISTA, fui a primeira religiosa professora na faculdade; porque tinha o curso de Geografia, filosofia e história onde lecionava geografia física, climatologia e oceanografia. Em outro ano dei geografia humana e antes de ir para a França até história eu lecionei também. Quando eu voltei da França eu me restringi no meu campo: geografia física com três disciplinas: climatologia, oceanografia e geomorfologia e também dei cartografia.

O currículo obedecia ao Ministério que tinha um currículo mínimo. A gente sempre acrescentava certas disciplinas formadoras da pessoa humana ou então formadoras do educador com metodologia especial para que os alunos que saíssem daqui soubessem de fato dar aulas. Então era bem mais rico que o currículo mínimo. Eu por isso, dei também, durante quatro anos, a didática da geografia.

Todos os anos, a gente fazia uma, duas excursões longas aqui nos arredores; várias visitas com a finalidade de enriquecer o currículo tanto da geografia humana, da econômica como da minha área específica, a Geografia Física. Nós estivemos numa excursão no Rio Araguaia durante vários dias; fomos também numa região chamada Buraco das Araras, ao norte de Formosa, onde havia relevo específico de região calcária. Aqui nos arredores, a gente fez várias excursões para ver afloramentos de vários tipos de basalto. Esta região é muito variada em basalto, tiabásico, muitas vezes, víamos traquitos, felitos... Então, onde havia rocha diferente, a gente ia para ilustrar as aulas de petrografia. Nessa época a geologia já era dividida em mineralogia, petrografia, geologia e paleontologia. Cada ano dava uma dessas disciplinas. E essa região é muito rica no ponto de vista de rochas magmáticas assim como sedimentares. É muito rica também em depósitos fossilíferos. Tudo isso era muito estudado. O curso era bom.

A avaliação era desde uma simples avaliação em cada aula até as avaliações semestrais de provas orais, práticas e escritas. A avaliação de cada aula eu fazia assim: depois de desenvolver um assunto eu pedia a algum aluno para fazer a síntese do que eu tinha dado. No meu diário eu marcava um sinal: uma cruz ou um traço de acordo com a contribuição dele. E como para adulto é muito chato ficar chamando a atenção, quando notava havia um grupo que estava distraído, não estava dando atenção; eu não falava

nada. Acabava de desenvolver um tópico eu falava: “Agora eu queria que alguém fizesse uma síntese do que eu acabei de dizer. Fulano, você poderia fazer?” E é claro que ele não dava conta. Eu não falava nada, mas ele me via colocando um traço diante de seu nome. Um traço negativo. E eu notava que quem estava prestando atenção e falava: “Você pode falar?” Assim, ele às vezes sintetizava o que eu tinha dito, melhor do que eu, numa linguagem mais atualizada para o nível deles. Depois perguntava: “Alguém já leu alguma coisa a respeito disso, que possa contribuir?” Sempre vinha um ou outro que falava. Depois eu ainda perguntava: “Ficou alguma dúvida? Tem algum ponto que vocês queiram esclarecimentos?” E a pessoa que contribuía, me via também fazendo a cruzinha diante do nome. Houve um aluno que um dia chegou perto de mim e disse: “Nossa, que coisa boa! Meu nome está parecendo uma sepultura no cemitério!” Isto porque estava cheio de cruzinhas. Muitos que não estavam prestando atenção chegavam a sair lá de trás e vinham ocupar uma cadeira na frente. Como dizem, ‘lá atrás eu vou ficar conversando, deixe-me prestar atenção’. Eu tinha o cuidado em perguntar a mesma pessoa e ele me via apagar o traço. E houve um período que os alunos estavam chegando muito atrasados. Uma turma desinteressada saía para fumar, eu não gostava de chamar a atenção, porque depois de uma certa idade, não é bom. A pessoa fica muito mais revoltada do que antes. Então, o que eu fazia? Eu combinei com eles: “Se você não chegou na hora que fiz a chamada, quinze minutos depois que começou a aula, eu vou colocar, quando você chegar atrasado, só meia presença. Se duas vezes, você chegar atrasado eu coloco uma falta e uma presença. E também, quem chegar, responde presente e depois sai, eu também vou tirar metade da presença. Então eles achavam muito graça, mas ninguém nunca brigou comigo por causa disso.

Quando eu ia corrigir e a prova estava muito ruim eu chamava o aluno e mostrava. E às vezes e ele que me consolava, no lugar de consolá-lo. Agora, às vezes também, eles ficavam revoltados e falavam com os pais. E uma vez veio um pai se queixar e queria revisão de prova. Eu falei: “Olha, talvez o senhor vá ficar decepcionado. Porque por enquanto, está faltando um ponto que ele pode conseguir na segunda época.” O exame de segunda época somava com a primeira nota e dividia por dois. Ele disse: “Mais eu quero!” Então, eu falei: “Qual o professor que o senhor quer que venha para ajudara corrigir. Ele disse o nome de um amigo dele, não me lembro. Eu sempre tinha o costume de não corrigir as provas quando eu estava muito cansada u quando estava enervada. Eu sempre pensava: “Oh, meu Deus, coitado, isto aqui eu vou deixar passar!” Então, este homem ficou na maior decepção porque o professor que eu e

ele analisamos a prova. “ Olha aqui um erro que eu esqueci de corrigir.É ou não é.” O professor dizia: “É!” Pá! Menos meio ponto! A prova dele estava com cinco, passou para 3,1. O pai disse: “Não, agora deixa a nota anterior!” Eu disse a ele: “Não senhor, aqui foi feito uma coisa que o senhor pediu. Agora, resultado: Em vez de ele ganhar 07 pontos, ele vai ter que ganhar 8,5 pontos para poder passar de ano. Tem que ser coerente. O pai saiu cabisbaixo.

Um aluno que hoje já está aposentado foi durante muitos anos o diretor do Horto Florestal de São Paulo, ele estudou aqui. Seu nome era Onildo Barbosa. Ele tinha um problema nervoso, que ele, na hora de escrever tinha dificuldades. Suas provas eram péssimas. Eu sabia que ele tinha preparado. Então eu fazia assim: ele fez uma prova e tirou 03 pontos. Eu o chamei e disse a ele: “Olha, agora você vem e fazer uma prova oral comigo. Na sua prova oral, eu vou somar as notas de suas respostas. Vou te dar um outro papel e você vai copiar as respostas que você me deu certas no exame oral. Ele tirou nove. Gente, ele guarda até hoje uma gratidão e amizade comigo, que só você vendo.

Lembra-se de Sebastião Moreira, diretor do Colégio Dr. José Ferreira juntamente com Danival Roberto Alves? Ele morreu a pouco tempo. Ele foi bombeado em mineralogia. Eu disse a ele: “Pois é Moreira, como que você um rapaz inteligente, não pode. Você sabe que estou aqui, durante a semana, venha estudar, me pergunta o que você não compreendeu, e entra numa segunda época; para você não ficar repetente.” Ele falou: “ Venho, vou fazer e vou tirar dez.” Ele falei: “ Não meu filho, não sonha com coisa muito difícil. Se você tirar seis(06), eu já estou contente”. Ele reforçou: “Eu vou tirar de”. O danado tanto estudou que tirou dez. Eu com os olhos, deste tamanho, assustada, quando ele acabou a prova. Ele me perguntou: “Irmã, quanto eu ganhei?” “Você foi excelente, claro, tirou dez.” Ele respondeu: “A senhora me fez estudar, e o estudo me fez tomar gosto pela mineralogia. A batida agora vai ser diferente”. É interessante!

Agora eu não deixava aluno me passar para trás. Tinha uma aluna que hoje é uma senhora muito respeitada, mas naquela época era medíocre como aluna. Num exame oral, eu fazia parte da banca com o Dr. Hederbal, professor de Mineralogia. Naquele tempo tinha uma lista de dez assuntos que os alunos tinham que preparar para a prova oral. O aluno tirava um papelzinho e falava o número. Por exemplo, 04(quatro). O professor lia o assunto. O aluno ia se assentar numa cadeira, no fundo da sala, virado para a parede para se concentrar e ficar recordando, enquanto o colega, anterior fazia a

prova. Então a tal, veio, tirou e disse: “Ponto dois (02)”. Falou e pôs o papel no bolso. O professor leu o tema e ela saiu para lá. Eu fiquei pensando: “Ela, tão medíocre como aluna, com esta ‘carinha’, não deixou o papelzinho aqui, levou no bolso”. O professor Hederbal, tão mansinho e tão crente, nem percebeu nada. A menina fez a prova e ele a chamou. Quando ele chegou eu disse: “Telma, o papelzinho que você pôs no bolso...” “Que papel?” “O papel que você pôs no bolso, minha filha. Nós precisamos de todos aqui.” Ele o pegou, dobrou e o colocou na mesa. Eu fui, peguei e disse: “Ah, Dr. Hederbal, o ponto é o número cinco(05) e não o dois(02)”. Ela mudou de cor. Quando ele falou, fez as perguntas, ela não respondeu nada. Ficou de segunda época.

Para adulto, não adianta falar que não tem brilho. Basta dizer: “Bem, vá estudar! Você fica para segunda época, mas estuda a lista inteira”.

Nós realizávamos muitas excursões. Eu fazia assim: “Olha, cada um de vocês levará folhas de papel, para tomar notas. Quando voltar da excursão, cada um me entrega esta placa. Por mais desordem que tenha, entregue. Porque não compre os apontamentos do outro para fazer o seu relatório. Não terá nota. Eu quero ver, depois eu devolvo.” Era um jeito que eu tinha para os preguiçosos não colarem. Até podem fazer se quiserem, o que eu vi que vocês tomaram nota, poderá ser entregue em grupo, mas eu exigia. Outra coisa que eu exigia era o seguinte: “Tem violão, pode trazer.” Aqui tem até hoje uma folha de papel que até hoje eu tenho, com cantos com aquelas músicas de carnaval que eram tão bonitinhas. Uma delas era assim: “ Você pensa que a Irmã Loreto é sopa, Irmã Loreto não é sopa não, deixa a turma arrebatada, quando faz uma excursão. Posso perder tudo na vida. Amor, feijão e pão. Pode me faltar comida, e dormir sem o colchão. Posso emagrecer dez quilos, com isso eu não importo não! Só não quero que me falte Irmã Loreto na excursão.” Eles riam, cantavam, contavam anedotas, mas eles já sabiam. O ônibus saía e eu via um afloramento interessante eu tinha um apito no pescoço. Businava aquele apito, todo mundo calava a boca e o chofer ia devagarzinho. Bem alto, eu explicava: “Estão vendo este afloramento é de tal coisa, não sei o que ...” Quando eu acabava, recomeçava a brincadeira. Na volta, como sempre a gente aproveitava o sábado e domingo; à noite de sexta e domingo era viajando. Então sempre tinha um aluno durante a noite, encarregado de perto do chofer, conversando com ele, para ele não dormir. Eu, a maior parte do tempo ficava também. Eram turmas muito unidas.

Na década de 60 até 64 houve uma intervenção militar, a ditadura, tivemos a presença da igreja. Na década de 60, Uberaba foi convidada para fazer parte do Projeto

Rondon em Altamira. E os professores que foram fundar antes de enviar a primeira turma foram: Dr. Guerra, um contador chamado Ivan, Dr. Ronaldo Cunha Campos e eu. Nós ficamos lá em Altamira. Deram para nós uma cadeia velha e o prefeito sob nossa orientação organizou, melhorou esta cadeia e quando estava tudo pronto, a turma então começou a ir. Durante este tempo nós podemos fazer um planejamento de trabalho, conversar com o prefeito, ver pistas de atividades para vários cursos, medicina, engenharia, ciências humanas etc. Foi muito, muito interessante! Eu fiquei dois meses lá para fazer esta montagem. Eu ia nas agrovilas, uma ou duas vezes em Belém, na parte mais educativa eu trabalhei, o Dr. Ronaldo nas ciências, direito e economia. O Dr. Guerra na parte de saúde. Nós demos várias pistas, para que os alunos tivessem um trabalho organizado. Depois disso, nós, em 1960 viemos para cá.

Na época da ditadura, não sei se antes ou depois, havia coisas que não podíamos aceitar. Padre Prata, Monsenhor Juvenal Arduini, Irmã Georgina foram apertados, chamados, eu fui a Belo Horizonte. O Padre Prata quase foi preso. Mas nesta ocasião, Dom Alexandre, segundo minha opinião, foi o melhor bispo que nós já tivemos. Aquele era pastor, inteligente, sólido nas convicções religiosas, sólido na teologia, mas humano. Ele era bispo e pai. Soube realizar o ideal de um pastor. Ele nos defendeu com unhas e dentes.

Os professores tinham um acervo para preparar suas aulas que abriam horizontes de liberdade responsável. Não precisava de nenhuma força ditatorial, ficar lá em cima, para fazermos certo as coisas. Tínhamos autonomia e responsabilidade.

Em relação ao Vaticano II que foi um pouco mais tarde, a gente já estava aberto para isso. Os dominicanos sempre foram mais avançados para uma visão de alto. Uma visão aberta, então tivemos conferências muito interessantes, de Pouerccenir, Padre Congar, Lebrér. Lebre esteve uma temporada bem grande aqui no Brasil. Então a gente avançou bastante.

A FISTA teve uma essência está nisso, nos valores. Mesmo porque a pessoa que tem esses valores morais ajuda a desabrochar para as ciências porque elas têm uma consciência do estudo e da reflexão que quem vive hoje, na bebida, na droga, na cerveja, no vídeo game, no jogo, dispersa. O homem é limitado. Não pode assambarcar o mundo com as pernas. Naquele tempo, esses valores discortinavam horizontes para a somatória de valores novos de acordo com as mudanças do tempo. E aquilo ia dando uma solução de continuidade na evolução histórica. O que hoje é tudo cheio de descontinuidade.

A Faculdade não tinha lucro. A congregação estava sempre ajudando a Faculdade. Porque vinha uma pessoa que não tinha condições, ela tinha bolsa de estudo. Trabalha 04 horas naquilo que estava estudando, o que foi desabrochando e dando vez para ela melhorar e ao mesmo tempo tinha o estudo gratuito pelo trabalho de 04 horas. Mas muitos e muitos alunos estudaram assim. De modo que havia nesse bairro, famílias humildes que até hoje, os pais não sabem ler e as filhas brilham. A Paulita que trabalhou até na Prefeitura de São Paulo, com muito êxito. Em Araxá, era um João Ninguém. Mas era inteligente. Estudou gratuitamente e pronto. Aqui houve isso da gente dar abertura para as pessoas que não tinham vez, mas tinham cabedal para melhorar sua personalidade, seu nível cultural. E isso para a Faculdade foi a maior coroa, a mais brilhante coroa da FISTA foi esta. De estar sempre dando a mão àqueles que precisavam.

Com toda esse êxito que a FISTA foi tendo, despertou ambição em outras faculdades, aqui de Uberaba. Por exemplo, nós pensamos em abrir o curso de Arquitetura e eu era encarregada de ficar entre o Ministério e a Faculdade. Por isso, eu posso dizer que o processo estava certinho, montadinho, tudo que faltava nós arranjamos e ele já estava em dois gabinetes, antes de chegar no Ministro para ele assinar. O processo sumiu! Porque outras faculdades daqui, não queriam que nós tivéssemos o curso de Arquitetura. Todo o nosso trabalho foi perdido. A gente trabalhou para valer. Então, quando foi fundado curso de Ciências Econômicas a mesma coisa aconteceu. O curso de Ciências Econômicas ficou amarrado. Nunca que saía a licença. Já estava no quarto ano e os alunos iam formar não tinha ainda a permissão para o funcionamento. Quando tudo estava encaminhado, parava. Neste tempo, eu era uma simples professora de Geografia Econômica, lá na Faculdade de Economia. Aí, a ACIU me chamou, me suplicou para pegar a direção porque eles sabiam que eu é que olhava os papéis da FISTA lá no Ministério. Eles estavam com dificuldades e sabiam que é porque havia forças contrárias querendo impedir. Em uma religiosa dominicana eles acreditariam que não haveria compra de nem validade. Então me levaram em São Paulo para pedir a licença especial da Madre. Ela deu e antes de assinar como diretora eu só assino se vocês se comprometerem de me dar demissão no dia que eu pedir. Porque eu não tenho jeito para isto, nem gosto, minha área é outra. Eu olhei tudo quanto era processo, vi tudo que estava faltando e estava faltando muita coisa, porque o diretor de lá estava sendo coagido. Eu dizia que precisa ir a Igarapava para ver um professor tal e estava lá o

carro. Tudo o que eu precisei eles puseram a minha disposição. Um ano depois a Faculdade estava aprovada. Então pedi demissão. Eles não queriam dar, mas deram.

Fui professora em Araxá, em Araguari durante uns doze anos e em Ituiutaba, quinze anos. Todo final de semana eu estava ausente. Aqui, em Uberaba, na Faculdade de Ciências Econômicas, na FISTA e na UNIUBE.

Eu gosto muito de geologia, de ciências da natureza e tal. Então, quando fui para a FIUBE, eles me disseram:” Faça um desenho de como você quer o bloco de geologia. Eu fiz e saiu. Fiquei entusiasmada. Pedi uma excursão, tava pronta. Assim, o tempo que eu estive lá, fui muito acatada. A ponto de o Museu de Geologia tem meu nome, há uma placa lá. Agora eu não estou de acordo com eles, é de cercear o trabalho de outras entidades. Porque que não dá a mão. Isto não é amar Uberaba. Mas em Uberaba é assim mesmo. A diferença entre Uberaba e Uberlândia é essa. Uberlândia é a cidade do Brasil onde o senso de urbis é maior. Até um varredor de rua tem. E Uberaba desde o dia que ela começou a se formar o senso é de clã, de família. Aqui tem uma família, aqui tem outra, ali tem outra, tudo que ser feito para elas. Não tem senso de urbanização, de melhoria. Uberaba teria muito mais condição de ser um grande centro do que Uberlândia. A começar pela falta de água. Uberlândia tem o Rio Uberabinha que é um trezinho de nada. Aqui nós temos o Rio Grande e uma porção de afluentes pequenos que se lançam nele. Mas aqui tudo foi feito a ponto do Rio Grande hoje não tem nem condição de servir a cidade. Porque foi contaminado por uma usina de açúcar que podiam muito bem terem sido feitas, mas a juntante do rio para aproveitar a água da montante para servir a Uberaba e as indústrias.

O diretório acadêmico da FISTA, muitas vezes, abria os horizontes para nós. E muitas vezes nós freamos os avanços perigosos para eles. Irmã Glícia acompanhou os alunos do diretório.

Em minha sala de aula eu era a rainha. Sempre ajudei na FISTA na parte burocrática, na liberação dos cursos no Rio de Janeiro. Quando passou a capital para Brasília, Irmã Glícia e Irmã Georgina tomaram conta desta parte.

Identificação:

Nome completo: ***Maria Terezinha de Sousa Pádua***

- Profissão: Professora universitária
- Data de nascimento: 29/11/1942 Estado civil: viúva.
- Filiação: João Venceslau de Sousa e Almandina Rosa de Sousa
- Formação acadêmica: Pedagogia - Administração Escolar na FISTA. Orientação Educacional e Supervisão Escolar na Universidade Católica de Goiás; Especialização em Metodologia do Ensino Superior e especialização em Educação Brasileira na Universidade Federal de Goiás.(1972 Mestrado em Educação Brasileira na Universidade de Brasília na linha de Currículos e Programas. Mestrado em Psicopedagogia em São Paulo e Psicopedagogia avançada na Argentina.(durante 04 anos)
- Atuação atual: Assessora da Pro-reitoria da Universidade Católica de Goiás (UCG); professora de Metodologia do Ensino Superior, no curso de Gestão do Comando da Segurança Pública; Professora de Psicopedagogia na UCG; Docência Universitária em Rubiataba e na Universidade Federal de Goiás
- Religião: Católica

Entrevista realizada no dia 26 de março de 2006, em Goiânia.

Lecionar e estudar na FISTA foi uma experiência fantástica, era um campo de estágio para a gente. Estava começando a entrar em vigor a nova Lei Universitária, de Roberto Campos, que era a Lei nº5692. Roberto Campos estava naquela luta para fazer uma educação dentro da linha da escola superior de guerra, da educação em desenvolvimento. Nós lutávamos contra, pois eles queriam tirar a filosofia, a sociologia, queriam tirar todas essas matérias que eram críticas, em virtude da teoria técnica que estava entrando. Porque a proposta mesmo de teoria técnica, tecnológica e o behaviorismo na educação foi no período de 69, quando obrigou a profissionalização para todos, em

todos os sentidos, aí entrou Taylor, no currículo, Tyler na administração, teoria dos sistemas na organização dos sistemas. Tudo montado no sentido da escola comportamental. Assim, isto mudou toda nossa vida, porque estávamos acostumadas desde o colégio a poder falar em humanismo, em educação por um homem consciente, a gente alfabetizava por área. Nós tínhamos a JUC, JEC e a JOC. No ginásio tinha a JEC, os meninos eram da JEC. Vários ginásios tinham a JEC. No ginásio da FISTA os alunos também faziam parte da Juventude Estudantil Católica. Nós éramos da JUC – Juventude Universitária Católica com o grupo da Engenharia, o grupo da Medicina e, nós, da FISTA. Neusa Tauata e Neusa Lisboa, na época eram as cabeças; e a Maria Helena ficava com o Pratinha. Posterior a elas, eu entrei para o Centro Acadêmico. Fui presidente na época que fechou, com o AI 5, fim de 67 e começo de 1968, mais ou menos. Porque nesta época que me casei em 70 e saí de lá. Porém nós, não cedemos. Por isso que eu te falei para você ler o “Cristo do Povo” e a Força do Povo de Márcio Mariral porque não foi algo que a gente abriu mão, para o pessoal de direito lá de Belo Horizonte; entregando na bandeja não. Sabe, Dom Alexandre deu uma durra neles; “Ai, de quem tocar em uma de minhas ovelhas”! E ele estava gravando, aí ele levantou e a turma foi embora, sumiram de Uberaba. À tarde, a Ir. Alexandra me chamou, a Madre Georgina, o próprio Dom Alexandre, os membros do Centro Acadêmico novo e antigo, e disseram: “É mais prudente não darmos o nosso pescoço à força. Nós não podemos”. E era o que “eles” queriam. “É mais prudente, neste momento histórico, nós mesmos destituirmos, desconstruir o Centro Acadêmico, acabou, até poder, novamente, ter uma linha.” Neste período, afastou da Faculdade todas as ações políticas. A gente reunia a turma da JUC, lá no Geraldo Miguel. A casa do Geraldo Miguel tinha um porão e a gente reunia lá para discutir as coisas; discutir os documentos do AI 5; os decretos, a própria proposta de educação. Era um grupo muito consciente. Tinha um filho do professor de Português Geraldo Guimarães, que fazia Letras, Eduardo Guimarães, muito consciente. Danival era maravilhoso e atuante. Tinha um grupinho de Igarapava bom e outro mais quietinho. Tínhamos grupo de estudos; a gente estudava assim: pegávamos os temas, a gente ia para a biblioteca e a Irmã Alexandra nos orientava. Organizava o esquema, com quem a gente estudaria: se era com a Antonieta, com o Padre Eddie, se era com o Monsenhor, Luiz Alberto. A gente tinha as matérias optativas que não constavam na grade mas ajudavam na formação da gente. Era extra-curricular, quando entrou a Irmã Laura Chaer, que veio para a Católica de Goiás, quando ela chegou de sua tese na Espanha, deu um curso para nós lá, a respeito da questão feminina. A primeira

vez que trouxe o feminismo para um grupo de estudo. A gente monitorava também algumas aulas. A Irmã Éster, por exemplo, me pegou como monitora. Ela dava algumas aulas e ela só me dava visto nas unidades de trabalho quando tivesse pesquisado em tudo. Elas ensinavam a gente a tomar o lugar delas, se elas afastassem. A gente não sabia bem qual era a lógica delas, em apertar a gente tanto, mas era a preparação delas. Para que a gente pudesse assumir. Nós escrevíamos no jornal do Centro Acadêmico, não me lembro se era Paulo Freire. Era uma revista: CEP. Devo ter algum número dela por aqui. A gente escrevia com papel jornal, com o mimeógrafo a tinta ainda, primeiro a álcool, tinha que digitar tudo no stencil, a gente tinha um jornalzinho onde circulavam artigos e notícias. Às vezes fazíamos síntese de livros, de vez em quando as irmãs deixavam um aberto, entre uma janela. Para que todo mundo ficasse com aquele espaço em aberto e naquele momento, um grupo ou um aluno fazia-se uma sinopse daquele livro novo, mais atual, para o pessoal atualizar-se. Veja que visão! A gente tinha responsabilidade. Não era obrigatório, era opcional. Naquele horário, todo mundo já sabia, quem queria andava, outros iam para a sala, sentavam-se e às vezes a Dedê, a Aparecida, a própria Neusa, quem estava lá fazia uma resenha. A gente apresentava a resenha e começava o debate do livro. Foi na época que saiu “Educação como prática da liberdade”, e a “Pedagogia do Oprimido”, depois foi banido, barrado. Naquela época, a gente já estava discutindo o que era educação bancária, o que era educação libertadora, a concepção de uma e de outra. Porque que a gente estava alfabetizando adultos e não crianças. Porque que, nós, da Juventude Católica era chamada, era mais rápida a conscientização para o voto. Paulo Freire achava que demoraria muito se ele pegasse a Educação Infantil. Então, pegando os operários analfabetos teria uma maior atuação. Então, um grupo grande da Faculdade e outro da Engenharia, o Prof. Paulo Roberto, o Mauro Miranda daqui também, eles eram alfabetizadores. Nós fizemos um grupo de alfabetização na Igreja São Judas Tadeu, e outro no Externato São José. Lá tinha uma sala de graça. A gente trabalhava no Colégio Nossa Senhora das Dores e à noite lecionava de graça no Externato São José. E tinha um grupo de alfabetização de adultos, que era inclusive o pessoal do mercado municipal, os açougueiros, verdureiros... A gente tinha uma sala ali e a Irmã Irene era a diretora. A Irmã Irene nos chamou e falou: “Olha, você tem as aulas que você dá no ginásio, para as meninas que trabalham no Colégio Nossa Senhora das Dores, para se alfabetizarem aqui, é uma coisa voluntária, mas nós queremos que você tenha uma turma de alfabetização de adultos aqui.” Éramos voluntárias, não ganhávamos nada. Eu era professora de Estatística no Magistério e

professora na primeira série do Ensino Fundamental. À noite, a gente dava aula lá no Externato São José. Tanto o ginásio das meninas que trabalhavam lá como para o entorno dali, os trabalhadores do mercado, do laticínio, que não podiam ir lá na Abadia ou no Fabrício, onde nós tínhamos uma turma. Assim, nós tínhamos uma turma lá no Fabrício, na Caixa D'Água, com os pedreiros, construtores semi-analfabetos. Tinha outra turma ali com os açougueiros. Depois nós fizemos o curso com Paulo Freire. O pessoal incentivou muito a gente. O Grupo Escolar Minas Gerais nos emprestou uma sala e o Secretário da Educação Prof. José Thomaz da Silva Sobrinho encampou a idéia e nós fizemos duas turmas de Alfabetização de Adultos em 40 horas, na metodologia de Paulo Freire. Nós éramos da Faculdade, e a gente ia assistir com a D. Geni Chaves a aula dela. Após assistir a aula, em duplas, nós aplicávamos a aula dela, alternadamente. Enquanto uma assistia, a outra aplicava a metodologia em outra turma. Dentro do método Paulo Freire ela fez o método dela. O método dela alfabetizava o adulto de uma maneira, pois ele não tem a visão global como a criança, ele vai dos pedaços para o todo, vai abrindo. Então, nós pegamos as sílabas, ensinamos pela sílabação; o que nós fazíamos: a gente ganhava da Prefeitura o papel e agulha de máquina de costurar. A gente chegava da Faculdade e fazia, em grupos, o stencil. A gente aprendia com a Irmã Laura, nas aulas de Português, quais eram as dificuldades da alfabetização e a gente ia fazendo as sílabas a partir destas dificuldades, pela linguagem do povo. Na época era a Copa do Mundo, assim as palavras eram: bola, Pelé, pelota; era dentro deste contexto que era o auge, a Copa, então a Dona Geni começou por aí. Trazíamos tudo no carbono, ia para casa e picotava tudo com aquela agulha grossa nos sentidos vertical e horizontal, a gente dava as tirinhas para eles que picotavam os grupos e ali eles construía as palavras. Tudo em letra de imprensa, e depois que eles passavam pelas letras de mãos dadas, a letra cursiva. Era no manual, lembra-se, do mimeógrafo de gelatina???? Lembro-me direitinho: eram cinco quilos de açúcar, folhas de gelatina e um pouquinho de água. A gente fazia numa forma, do tamanho de uma folha de A 20, e punha para gelar. Comprava a caneta tinteiro e a tinta era ectográfica. Então, a gente fazia as provas as aulas, tudo a mão, picotava. Primeiro fazia-se uma matriz com aquela tinta, virava na gelatina, pense bem... Tirava a matriz, com calma, que ficava gravado. A gente ia passando na gelatina. Esticava-se uma corda e dependurava com um alfinete de roupa, para secar. Nossas unhas eram pretas, azuis, não clareavam. Depois de quarenta cópias, começava a ficar sem cor. Na FISTA tinha um colchinho de fora da escola, num cimento perto do jardim. A gente ia para ali, com uma esponja bem levinha, limpava a

folha, porque se rasgasse a letra não imprimia. A gente secava e punha a segunda folha. Quando gastava, usava outra folha da geladeira. Deste jeito, imprimíamos nossas aulas. Depois como que Papai me dava uma máquina de costura se eu gostava tanto. Nós tínhamos muito amor, o desejo de aprender, ver o outro falar, ler. A Irmã Alexandra dizia: “Tira a palavra da garganta dele!” Aquele carinho que a Irmã Alexandra passou para a gente, foi um aprendizado muito grande. Ao mesmo tempo, que eu vivia a contradição de viver com este grupo de pedreiros, açougueiros, esse grupo da alfabetização de adultos de Dona Geni que era na base de Paulo Freire, mas montado por ela; eu dava aula no Colégio Nossa Senhora das Dores, com uma classe alta, elite. Eu ficava naquela contradição e falava à Irmã Ester: “Eu não tenho o que fazer no Colégio Nossa Senhora das Dores.” Ela dizia: “Vá descobrir! Você vai descobrir outras carências das crianças que não são carências materiais, mas são carências das mães, das famílias.. Aí eu comecei ver que em todos os espaços você pode ser educadora, evangelizadora. A única coisa que eu pedia era não dar aula de canto. Assim, as irmãzinhas noviças iam para a minha sala dar aula de canto. Enquanto isso, eu ia estudar o método Montessori com Irmã Miriam e Irmã Solange. Elas aproveitavam aquelas horas certinhas, para não ficar à toa, estudar. Então, a gente aplicava Montessori, com as meninas, mas ao mesmo tempo, com algumas coisas do Montessori, como normalização, o silêncio interno, a gente aplicava na Alfabetização de Adultos, pois eles chegavam cansados demais. E muita coisa da Alfabetização de Adultos, que era a palavra chave, nós adaptamos ao Montessori. A gente fazia cruzamentos. Fico penalizada porque não fizemos memória disto, porque a gente não registrava o como a gente fazia. E essas coisas a gente levava para o ginásio da FISTA, levávamos as experiências. O ginásio durou muito pouco tempo, não sei o porquê. Ele era aberto à comunidade e tinha poucas alunas internas. Naquele tempo, era a Carlita, uma turminha de Araxá: Dorinha Detoni, Laura e uma menina do Norte. Os meninos do ginásio não eram internos. Eram meninas de classe média alta, que faziam uma seleção para entrar. O importante é que desde o primeiro ano, sem que a gente soubesse, eles já faziam aquela ponte peritática: estava estudando a teoria, dando aula no colégio, alfabetizando adultos, monitoria no ginásio, intercalando a teoria e a prática, lado a lado. Ali eu encontrei exatamente o que significava você, fazer um trabalho sair do senso comum para uma consciência crítica. O Monsenhor Juvenal começava a aula de Psicologia Vocacional perguntando o que a gente pensava do homem, da alma, do espírito. A partir daí ele via e tirava de nós, com o diálogo, uma definição mais

elaborada. Primeiro ele tirava o que a gente tinha de acervo, depois ele vinha reconstruindo a aula, no diálogo, e organizando o pensamento da gente. Depois que fui ler Sócrates, anaeutica, e percebi que ele fazia este movimento freiriano de esvaziar a gente para depois encher. Achava isto muito interessante. Depois que fui descobrindo, não sei, se tinham nome para estas teorias, se tinham idéia, era uma prática libertadora. Você podia estudar tudo, ler tudo ampliar. Como eu tinha um irmão que fazia psicologia em Belo Horizonte, ele me amparava muito com algumas leituras. Em Uberaba tinha falta de livros, só tinha a livraria Católica. Só se comprava livros na Livraria Católica que ficava na Praça Rui Barbosa, perto da Catedral. Assim, ele mandava para mim os mais atuais. É tanto que na época de caça às bruxas, na Revolução, o Padre Prata, a Dedê e outras tinham quase certeza que eu era do PC, por causa dos livros que eu tinha. Na verdade, eu não era do PC, meu irmão mandava livros de psicologia, ajudava a melhorar as minhas leituras. Mas o pessoal garantia que eu era de esquerda. Eu sempre dizia: “Gente, eu não tenho esse conhecimento. Estudei o ginásio no Colégio Triângulo, não tinha qualificação nenhuma. O que eu aprendi foi no Clássico e na Faculdade.” Eu ia ao Colégio Nossa Senhora das Dores assistir algumas palestras, porque a turma da minha rua era todo mundo do Colégio. Papai era o único que era militar e dizia que não dava para eu acompanhar o poder aquisitivo daquelas moças de lá. Ele queria que eu estudasse em um colégio que eu me sentisse legal. Mas quando tinha alguma coisa eu ia para lá. Quando eu entrei na Faculdade, no ano que entrei, comecei a lecionar no Colégio Nossa Senhora das Dores e na Ação Católica. A Irmã Éster me punha para dar aulas para aluno excepcional, aluno com deficiência visual que era atendido em casa. Elas me mandaram para o Rio, para o Instituto Benjamin Franklin, em Laranjeiras, onde aprendi a alfabetização labial. Quando eu voltei, fui fazer estágio com a Alda, porque ela era cabeleireira e precisa conversar, pela comunicação oral, labial. Aprendi este método lá e alfabetizei a Alda. Descobri que ela tinha resíduo auditivo. Fui procurar a Irmã Esther que me orientou em observá-la, pois não era totalmente surda. Teria que trabalhar de uma outra maneira com ela. Trabalhando com ela, em casa, quando caiu um rodo na parede, ela mexeu-se. A Irmã Éster sempre dizia: “Preste atenção, olhe nos olhos, olhe nos gestos, perceba nas entrelinhas de seus estagiários para que você perceber onde você vai entrar”. A Irmã Éster dava as quatro psicologias para nós, I, II, III e IV, para nós. Quando o Marco Túlio foi substituir a Irmã Alexandra, ela disse que eu iria fazer um estágio com ele. Era a psicopatologia, a psicologia adaptada à criança e ao adolescente. Fiz o estágio com o Marco Túlio. Tinha vindo de São Paulo com a ...

você vai descobrir porque ele está com esta prática. Fiz uma série de jogos, exercícios com ele e descobri que ele me batia em tudo o que era jogo, nadava extremamente bem, ia ao cinema e discutia o filme comigo, tinha memória auditiva. Assim, eu levava o gravador, ia dando a aula para ele, fazia os exercícios e gravando. Quando ele chegava em casa, ouvia minhas aulas. A mãe dele disse que ele deitava e ficava escutando minha aula, aí ele aprendia. E ele era atrasado, tudo o que eu mandava ele criar, ele dizia água, banheiro e pai. Precisa entender o significado. Fui falar com a D. Lourdinha e ela pensou que tinha afogado. Dom Alexandre dizia que podia ser coisa de pai, que mandava entrar no banheiro, batia, chicoteava e depois mandava tomar banho. Então isso precisa ser trabalhado, está aparecendo sempre, o que se faz não serve para nada. A imagem de pai era da empregada que levava para todos os lugares.

Nada é por acaso. O professor viu e me chamou pelo telefone. Perguntou-me qual a página. Eu perguntei a ele se tinha o Plano Setorial de Educação, e ele tinha, pois era do Conselho. Pedi que abrisse na página tal, na última linha. Ele disse: “Terezinha, você tem um réu confesso. Pode defender sua tese”. Eu busquei num documento oficial uma frase que me confiaram, dava legitimação para falar o que eu falei. E ele não tinha lido: “Eu não percebi esta frase”. Eis a riqueza de Irmã Alexandra: “Ler nas linhas e ler nas entrelinhas. Ler o texto e ler o contexto”. Quando a gente entregava um trabalho para ela, falava: “Está muito raso! Vocês leram só o texto, não leram o contexto”. Voltava para a gente reconstruir. E o contexto?

Ela mudava muito, fazia as avaliações da seguinte forma: “Façam dez perguntas inteligentes sobre este texto.” Ela misturava as perguntas e selecionava três para cada uma fazer a prova. Outra hora ela mandava a gente fazer duas ou três perguntas inteligentes, bem profundas sobre o assunto a gente entregava. Teve uma vez que ela disse: “Agora, você pega sua própria pergunta e responde”. Foi interessante porque às vezes a gente fazia para pegar os colegas, ela mudava, dava o golpe. Outra hora ela fazia a pergunta: “Analisar as minhas perguntas e sua resposta não é responder a minha pergunta. A sua resposta é dizer porque que eu estou perguntando isto deste texto.” Quer dizer, você tinha que batucar, por que fiz a pergunta deste texto? Por exemplo: Deus é o primeiro motor. Ele é o Criador e não criado. Por que é que eu estou fazendo este entorno? Que estrutura de pensamento um aluno teria que ter para respondê-la? Mas, não me responda a pergunta. Irmã Éster, Irmã Alexandra faziam perguntas assim. Às vezes, questionávamos: “Aonde a senhora está querendo chegar com esta pergunta?” Ele respondia: “Pensa! Pensa!” Outras vezes, a nossa prova era pegar uma unidade de

um livro e naquela unidade a gente dava uma aula. Ela avaliava e o grupo dava uma nota para a gente também. Eram avaliações que não eram de reproduzir, não, pegava uma parte do personalismo; a gente lia o livro todo e tínhamos que explicar porque essa era a tese básica do Moniuer. Minha nossa! Você ia para casa arrancando os cabelos, arrancando tudo. Até os discursos e métodos de Descartes, onde ele justifica que “Penso, logo existo”. Onde no discurso sobre o método ele justifica isto? Você tinha que ler o livro inteirinho para discutir. Hoje eu entendo quando a gente vê dizer assim: “Avaliação tem que ser uma ferramenta para o aluno aprender enquanto ele faz a avaliação.” Ela não tem que ser o martelo; ela é um termômetro. Hoje eu entendo, elas já faziam isso com a gente. Porque você para fazer uma prova, você aprendia para elaborar a resposta. Você aprofundava naquilo. A gente sofria muito, chorava, arrebatava os cabelos, ficava sem os fins de semana, sem namorar. Mas elas chegavam junto, não foi nada gratuito, não foi nada de passar a mão na cabeça, foi de seriedade. Aprendi a levar a sala de aula com muita seriedade. Este foi o maior aprendizado. Ela dizia: “Vocês estão aqui, gastando o seu tempo, gastando o dinheiro do pai de vocês, então vocês têm que aproveitar o máximo e devolver isto para eles em dobro: em conhecimento e postura.” É a formação integral. A questão é compreender isto. E elas faziam assim: pegava aluno do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano e dava aula. Punha a gente junto numa mesa, Vygostik, discutia-se Vygostik, sem que nunca tivéssemos lido, mas com a idéia de que entre os diferentes você aprendia, com olhares diferentes. Elas já faziam isto com a gente. Pegava a gente nos quatro anos e dava uma aula na mesa redonda. Para ver como cada um elaborava aquilo e aí o do primeiro aprendia com o do quarto, o do quarto aprendia com o do primeiro; ela dava aula para nós interclasse, inter-série; todas elas davam aula inter-série. Elas selecionavam quem topavam participar. Tinham alunos que recuavam de tudo. Mas os que topavam, organizavam as aulas: por exemplo: amanhã vai ter aula de filosofia da educação, o tema é tal; tantos alunos do primeiro, tantos do segundo, terceiro e quarto anos. A gente fazia provas junto com eles também. Uma do terceiro, uma do quarto e uma do primeiro. E ela sempre dizia: “Respeitem os meninos do primeiro ano, respeitem os do segundo, porque vocês já passaram por lá.”- “Respeitem o saber de seus colegas porque eles já fizeram um caminho maior do que o de vocês. Troquem com respeito.” Assim, são estas coisas que fundamentam a teoria que não precisa ser o livro. Por isso, eu acredito que a prática que vem da sala de aula é muito mais ensinante, do que ler muito sobre teoria. Acho que o que você faz, deixa muito mais para o aluno do que a teoria do como sobre o fazer.

Aprende-se com a teoria, com tudo, mas a forma como o professor maneja, é testemunho. A vergonha do aluno de estudar mal para você...

Monsenhor Juvenal Arduini, em seus textos, expressa linhas de pensamento, no início da FISTA, quando escreve Homem Libertação, depois os discursos nas entrelinhas que organizava no período militar para as missas onde não podia falar tudo. Porém, falava por analogias. A Ir. Alexandra mesmo, quando ela recuou, tinha sensibilidade, sabia que tinha gente do SNI dentro da faculdade assistindo as aulas. Mas ela dava o recado dela. Preparava as aulas dez vezes mais, dava seu recado pelas entrelinhas. A capacidade dela de dar uma aula perfeita, não caiu o nível, não entrava em Marx, não falava em Sartre, em Lamounier, em nada que proibiam. Retiraram tudo das prateleiras, mas ela pegava o dicionário, secava com aquela postura. Após o Vaticano II, muitas irmãs foram para o social, para as comunidades de base, nas inserções populares e aí ela foi embora.

Madre Alexandra empenhou-se pela aproximação entre a FISTA e a Universidade Católica, ela lutava contra o Mário Palmério, pois logo que começaram a Pedagogia, com licenciatura para a Administração, Supervisão e Inspeção; Mário Palmério criou lá, e esvaziou a nossa Pedagogia porque a nossa faculdade não tinha ainda estas habilitações. Assim, as irmãs começaram a perder forças porque ele abriu todas as habilitações na FIUBE. Foram tirando a força das irmãs, elas não queriam vincular-se a qualquer instituição. Queriam uma instituição que estivesse no mesmo eixo. Naquela época, a Católica era dos jesuítas, até me parece que em 1982, 83 apenas os jesuítas que eram da sociedade goiana de cultura. A pedagogia dos jesuítas não era de origem francesa, não tinha o mesmo eixo epistemológico, filosófico, então elas não queriam muito esta ligação porque eram eixos diferentes. Elas tinham essa lucidez.

Hoje, eu fico com dó porque eu vejo o Colégio Nossa Senhora das Dores fazendo parceria com o Pitágoras, o primeiro que fez foi Colégio São Domingos de Araxá. Quase morri. Disse a Ir. Nadir: “Não façam isso, por quê?” Ela dizia: “Terezinha, nós não temos dinheiro, não temos como optar. Eles vão entrar com o dinheiro, com as apostilas, com o conhecimento”. Vai perder o eixo da proposta. A Irmã Maria Helena, do Colégio Nossa Senhora das Dores não tinha como sobreviver se não o fizesse. Já em São Paulo, a Irmã Conceição é brava, ela não cede. Curitiba não cedeu. Já Torres, não cedeu porém teve que transferir a escola para outra congregação. Aqui, em Goiás as Irmãs não cederam. Eu não entendi muito bem, não. A linha que as irmãs dominicanas de Uberaba assumem não é a mesma daqui. Aqui, elas são ligadas ao Rio. A província que abrange Goiás Velho, Marabá, Pará e Goiânia. Já Uberaba, Paraná, São Paulo,

Torres e Araxá são da Província de São Paulo. Completamente diferentes. Por isso, quando a Irmã Éster chegou aqui, ela foi mandada para a Bélgica. Escapuliu. Porque ao chegar, chamou a mim, a Sônia Lamounier para fazermos um trabalho, um estudo de conscientização com as noviças. A velha guarda daqui não gostou de jeito nenhum. A nossas leituras básicas eram Jacques Maritain, Emannel Emounier, Karl Marx, Educação e Utopia, sendo que de Filosofia eram leituras dentro da linha francesa. Bourdieu já chegou em nós, em 1981, com a teoria da reprodução, chegou no Brasil, a tradução dele, em 81. Eu li e peguei Bourdieu em francês, usei algumas coisas dele porque a meu professor tinha chegado da França e tinha associado a algumas leituras ao conhecimento do poder, educação e ideologia, educação como poder, educação e hegemonia. Ele trouxe estas quatro linhas para eu fazer a minha tese. Mas eu tinha que traduzir todos os livros. Depois que eu defendi a minha tese, que o meu livro estava publicado que a editora Braziliense soltou o Bourdieu. Meu livro chama-se a “Margem sociológica do currículo, estudo de um caso”.

Hoje, é muito interessante encontrarmos ex-alunos da FISTA em nossa caminhada. Mais uma vez vivendo a contradição: estou na Pró-reitoria de Graduação da UCG, fazendo uma assessoria lá, eu dou aula na psico-pedagogia, e dou aula na Academia Militar, formação gerencial dos comandantes. Então, eu trabalho com a turma de atiradores de elite, com a turma da guarda do governador, do batalhão de bombeiros, com a turma da Inteligência, da ROTAM, de Balística e Criminalista. Tenho 45 alunos, todos eles, são capitães, todos do Comando Geral da Secretaria de Segurança Pública. Veja o que é aprendizagem! Olhe a Irmã... Eu fui na aula inaugural da Segurança Pública, estava com minha bolsa e meu caderninho para tomar nota da aula dele. Quando fui chamada lá para a mesa como representante do corpo docente, eu não tinha papel. Eu só tinha uma carta que eu tinha escrito a uma colega minha. Minha filha, eu peguei este envelope e anotei toda a aula magna do Secretário da Segurança Pública. A aula inaugural do curso. Peguei todas as entrelinhas; ele para referendar a minha apostila. Assim, eu começo: Educação é um ato político. Aí, eu ponho uma citação, com referência: aula magna do Professor Jonathan. Depois eu ponho o Paulo Freire, Moacir Gadotti, e outros. Fui buscar o réu confesso. Alguns perguntaram: “Por que você foi assistir a aula inaugural?” Gente, se você não assiste uma aula magna de um curso, você não pega o eixo do curso. Eu não ia entender porque que o Secretário da Segurança Pública estava abrindo um curso gerencial para comandantes, capitães responsáveis pela segurança pública. Eu tinha que ouvi-lo. Sem não o ouvisse, ficaria totalmente perdida.

Até para selecionar os meus textos, teria dificuldade.No entanto, você vai lá na minha mesa e o envelopezinho está lá. Vou separar uma transparência, olho o envelope dele e vejo se tem, mais ou menos, alguma coisa que ele falou que me dá confiabilidade para falar aquilo. Agora, eu aprendi uma coisa com a Irmã Éster. Não rejeite um espaço de trabalho. Porque se você é chamada para dar aula para um militar; ali você também pode fazer muita coisa, do seu jeito. Se você rejeitar, um outro vai no seu lugar, que às vezes , não tem a mesma oportunidade de falar com eles aquilo que precisam ouvir. Poderia-se fazer de um jeito pessoal, com medo, mas fazia. Ela dizia:”Leia o livro de Paulo Freire: ‘Medo e Ousadia’. Não entregue o seu pescoço à força! Mas não deixe de dar o seu recado!” A primeira vez que fui chamada para a Academia Militar,fiquei doida e liguei para a Irmã Éster. Ele falou: “Vai! Não deixe de ir. Seu pai é militar, você não vai negar sua porta de entrada no mundo, e eles não são lixo não. Eles precisam ouvir coisas de reflexão”. E agora de volta estou vivendo esta contradição.Psico-pedagogia aqui, assessoria da pós-graduação da Católica e dando aula para a equipe da Segurança Pública de Goiás; você vê? Nada é por acaso!Meu filho Ricardo me ligou e eu lhe disse: ‘Ricardo, chegou um ponto da aula que tinha uns dezesseis que as lágrimas desciam e não paravam. Você ver dezesseis comandantes chorando na sua aula. Pensei, gente, é muito emocionante. Eu nunca comecei uma aula sem uma reflexão. Usei muito uma imagem de um homem com os braços abertos, lado a lado com uma criança: Educação, um tesouro a descobrir. Frase da UNESCO, naquela época foi o grande livro, com os quatro pilares da Educação. Há um livro de administração chamado Metanóia, fala sobre energia e foco. Mostrei para eles que as diferentes coisas que eles fazem no dia a dia deles, precisavam saber dispendar a energia certa. Para cada coisa certa há uma energia específica, para não misturar tudo. Se misturassem tudo, não aproveitariam nada do curso. Se estiverem sentados no curso, pensando que o governo está lá sem a guarda, que a ROTAM está sem segurança, etc, se foram escolhidos para o curso, alguém assumiu o lugar deles. “Limpem a alma, ponham a sua energia psíquica aqui, para vocês poderem centrar, entrarem em equilíbrio.” Assim, eles viram que a vida deles estava de ponta a cabeça. Um deles nos disse: “Professora, aqui desta turma, somos em seis que já fomos agora em março, ao cardiologista com ameaça de infarto; do tanto que nós somos tensos.” “Pois é, como é que vocês vão educar, se a emoção de vocês estaria viva. Como vocês podem treinar alguém, instruir alguém, serem monitores, pois são professores efetivos, se vocês estão mal por dentro. O aluno sabe que o professor está mal por dentro.Então, vamos

equilibrar a gente primeiro.” Assim, fiz aquela dinâmica da folha de papel que cada um observa a sua folha em branco. Quando a gente nasce está assim, em branco, com tudo por fazer. Balançamos a folha, faz aquele barulhão, brincamos com ela. Então, eu disse: “Agora, vamos vão lembrando o que a vida fez de você, o que a escola fez de você, e vão amassando”. Depois, eles tentam voltar e vão fazer um trabalho mínimo. “Agora, vocês tentam voltar a folha, está tudo amassado, será que não tem nenhum pedaço inteiro pelo qual a gente pode desenhar um labirinto? Este são as saídas que a gente tem, que ainda estamos inteiros.” Neste momento, eles desabafam. Alguns disseram: “Terezinha, na hora que vamos tomar uma decisão, você vem e diz a certa para nós. A gente já desce a escada já sabendo o que nós temos que fazer.” Eu disse: “Nossa, vocês estão conectados comigo, estamos sintonizados!” Então, estou vivendo esta contradição muito bonita atualmente. Tive muito medo! Parecia que não estava mais disposta a enfrentar com 63 anos este desafio. Tive que ir lá em Várzea Grande, rever a Dedê, que não trabalhava com ela, desde 1968. Eu já havia trabalhado outras vezes para a Dedê, mas não com a Dedê. Em Várzea Grande nós dávamos aula juntas. Era assim: eu começava a aula e a Dedê levantava e continuava. Ela estava dando aula, eu pegava o microfone e falava, assim, parecia que nunca tínhamos separado uma da outra. Parecia que tínhamos combinado. Cada uma dava seu apart, pegava o microfone e dávamos juntas a aula. E tínhamos o Moacir Gadotti lá. A Prefeitura de Várzea Grande fez um contrato com o Instituto Paulo Freire que montaram lá, pela Secretaria Municipal de Educação o Projeto Escola Cidadã. No último dia, Moacir Gadotti foi entregar o Projeto e o prefeito fez o lançamento, publicou o livro de Gadotti: “A boniteza de um sonho”. Ele doou o livro para o pessoal de lá. O Instituto é o Paulo Freire. E quando a Dedê me fez o convite para este trabalho em dupla, pensei e assumi este desafio. Se eu tenho a mesma história (Colégio Nossa Senhora das Dores e FISTA) que a Dedê nós não vamos entrar em choque. Eu passava daqui a minha aula para ela, e ela dizia: “É isto mesmo, Terezinha!” É muito bonito perceber que não houve espaço, distância entre nós. Dedê dizia que não tinha o menor purismo em levantar e continuar a fala da Terezinha. Eu tinha tranquilidade em falar, não era competindo, era complementando com o maior respeito; como nos debates de Irmã Éster. Isto era normal para nós.

Nossa caminhada foi muito interessante: a gente tinha Vygostik sem nomeá-lo, tinha a vivência da contradição dialética, sem saber, viver com precisão e aproveitar, aprendemos que a melhor aprendizagem é aquela que te desafia, quando você vai fazer o fácil, você não aprende, você aprende quando se desestrutura; assim, era Piaget

aplicado porque desde a desestruturação para você entrar em equilíbrio. As Irmãs faziam isto no dia a dia, sem nomear teóricos. As aulas de Dom Alexandre eram a própria hermenêutica (Maêutica) focrática e a ironia, sem a gente soubesse esse nome. Assim, a gente tinha a teoria na vida. Hoje eu busco a teoria e vejo que a gente já fazia, já vivenciava. Não é a teoria antecipando a prática, é a prática referendando uma teoria. Esse é o movimento! A prática que referendava a teoria, não era a teoria e depois você enchê-la numa prática que não condiz. O que eu aprendi foi isto: eu pratiquei, eu acreditei e quando eu li a teoria eu disse: ‘É por aqui que eu vou’. Porque isto foi vivi dá certo. Pensar com contradição, aceitar o desafio... Meus filhos dizem: “Você acabou de dar este curso, já está de novo em cima do computador, não é possível!” Eu sempre digo: Eu não dou conta de dar um curso igual ao outro. É outro perfil, eu tenho que fazer outra coisa, e tenho vergonha demais se uma pessoa perguntar se eu já dei este texto, se já comecei a aula deste jeito. Nunca. Não pode. A questão é sempre inovar!

Lembro-me que quando dava aula no Colégio Nossa Senhora das Dores e em Conceição das Alagoas. Irmã Éster aceitava as minhas aulas em Conceição como aulas de didática. Passava todo o meu planejamento para ela, os textos, as inovações que fazia e depois ela pedia um relatório dos alunos. Quando ia terminando o horário, ela mandava um questionário e os alunos faziam uma avaliação das minhas aulas; entregavam para ela fazer a avaliação. Ela não ia lá assistir não. Ela confiava. Depois dialogava com o estagiário, via o planejamento. Ela dizia: “Não vou dar nenhum ponto nesta coisinha de fazer assim com o quadro, de escrever assim, dividir o quadro, de usar letra colorida, isto é maquiagem da aula. Se você puder unir isto a qualidade de sua aula, tudo bem. Mas, para mim, isto não é síntese da Didática. A didática tem uma metodologia que ajuda o aluno a aprender. Sempre nos perguntava: “O que você pode levar o aluno a aprender com isto?” Dei uma aula para ela sobre o tema: Os perfis dos professores. Peguei o Pierre Weils, fui na Criança, lar e escola ; tem aquela figurinha daquele professor com um disco eletrônico que o sonho entra por aqui e sai pelo ouvido do aluno. Outra imagem de que o professor está lá nas nuvens e o coitado do aluno sai catando os a b c dele; e um outro que está em roda. Peguei estas quatro gravuras do Pierre Weils e fiz uma pintura de cada uma, pois não tinha xerox nem computador, não tinha nada. Assim, eu pegava cada gravura e dizia: “Olhem estas imagens! Esta imagem nos lembra que tipo de relação entre professor e aluno? Vamos construir aqui. Onde que ele está? ‘Está de frente para o quadro’. Que jeito que ele está? Que tamanho? “Está acima demais’. O que o aluno está aprendendo dele? ‘O aluno está catando migalhas

dele'. Que jeito, como está a carinha do aluno? A gente ia construindo o perfil do professor pelo cartaz que eu levava. A Irmã achou genial eu começar por aí. Ela me dizia: “ Filha, aula rasa, não dê não!” Dona Zilma Burgiatto Faria também foi fundamental para nós, por causa da didática.

Identificação:

Nome completo: ***Eduardo Roberto Junqueira Guimarães***

- Profissão: Professor universitário
- Data de nascimento: 06 de maio de 1948
- Estado civil: solteiro.
- Filiação Prof. Jose Geraldo Guimarães e Zenaide Junqueira Guimarães
- Escola de origem Colégio Estadual Marechal Humberto Castelo Branco
- Local de atuação: FISTA, USP e UNICAMP
- Função: Professor, Diretor de Departamento, Idealizador e Coordenador da Revista Série Estudos, (currículo em anexo)
- Formação acadêmica: Letras – Francês
- Início da atividade docente: 1968
- Religião: Católica
- Função atual: Assessor e membro da Reitoria da Universidade de Campinas – UNICAMP- para Assuntos Culturais

Entrevista realizada no dia 30 de maio de 2006, em Campinas, São Paulo.

Iniciei meu curso de Letras – Francês em 1966 e terminei em 1969. Comecei a lecionar como monitor de Língua Portuguesa em 1969. Quando eu me formei, passei a lecionar Língua Portuguesa e Lingüística. Fiquei lá 70, 71 e 72, como professor. Em 1973 fui para São Paulo, fazer pós-graduação. Na verdade, trabalhei na FISTA durante 04 anos, porque por um ano fui monitor da cadeira de Língua Portuguesa. Entrei como monitor da professora de Língua Portuguesa, que na época era dona do Colégio Osvaldo Cruz. Depois eu comecei a dar aulas de Língua Portuguesa, em substituição ao professor Santino Gomes de Mattos que estava deixando e a partir deste momento ele deixou por um problema de saúde, não me lembro bem, e acabou não retornando.

O que era muito forte na década de 60 era o investimento grande que os professores tinham na independência dos alunos. Isto era um caso geral, não estou dizendo que era homogêneo. Mas havia muito essa questão da independência dos alunos, a necessidade dos alunos se dedicarem fortemente a ler, a pesquisar e envolver, inclusive nos procedimentos de avaliação. Todos os cursos de graduação terminavam com uma monografia específica. Se você tinha oito disciplinas, você tinha que escrever oito trabalhos finais, além de todas as provas e exercícios que você fazia no decorrer do ano. Era uma exigência muito forte, nesse ponto de vista. Outras coisas eram o cuidado de modo geral com os professores, com o grupo de alunos, um critério de seleção de

alunos fundamentalmente baseado na qualidade, de forma que, mesmo que as vagas não fossem preenchidas, o vestibular reprovava alunos. Então entravam a partir de um certo padrão, então isso eram marcas daquele momento. Depois vieram a transformar-se um pouco por uma série de condições históricas, não da Faculdade em si, mas do Brasil. E o acompanhamento rigoroso dos professores faziam dos alunos, isso é uma questão muito importante. A existência, quer dizer, a ambiência da Faculdade como um lugar que tinha um volume de atividades não curriculares, naturalmente fazia parte da vida da Faculdade. Havia até no começo, depois isso acabou, não me lembro bem quando, tinha um dia por semana que tinha um horário que não havia aula. Tinha um horário vago para ser preenchido com atividades com aquela natureza. Reuniam alunos de diversos períodos. Isso para facilitar a integração. No ponto de vista da universidade, lembro-me um pouco disso, essa qualidade no acompanhamento do trabalho do aluno, ao mesmo tempo com uma exigência de independência. Tinha que ser capaz de escrever, capaz de colocar suas idéias, participar dos debates...

Nas décadas de 60 e 70 havia um movimento estudantil bem forte, na cidade toda, não só na FISTA. Em 1964, as pressões e perseguições foram um pouco complicadas, tudo isso ficou um pouco difícil para muita gente. Mas o ato principal foi que a Faculdade conseguiu manter o trabalho dela. Manter o trabalho no sentido de não abrir mão de formar as pessoas, sem se submeter a nenhuma censura, sem aceitar a produzir auto censura. Acho que a faculdade não produz esta auto censura neste período. Este é um traço importante. Embora que, acredito que, no decorrer dos tempos, tenha gerado alguma dificuldade para algum professor ou aluno. Mas o principal foi isso. Talvez tenha havido um pouco com o fato de ser uma faculdade confessional e especificamente católica. Nesse aspecto tem o peso da igreja católica, isso não é irrisório. A Igreja ajudava para que a faculdade pudesse manter esse nível de independência sem nenhum excesso, sem nenhuma ação radical, mas manter esta posição. Na época também, quer dizer, isto tem a haver com a própria condição, e naquela época essas condições eram mais fortes do que hoje, como por exemplo, a presença do bispo Dom Alexandre. Então, esse conjunto de elementos, talvez, não se pode afirmar, pois merece um estudo, são e eram componentes das relações naquele momento. Isso ajudou a criar certas condições que o trabalho pudesse se realizar sem grandes problemas de auto censura, que pudesse ser praticado por professores ou pela direção. A direção nunca, nunca fez nenhuma exigência de censura. Mas isso poderia ter um efeito indireto. Isso de forma nenhuma apareceu, ao contrário, os estudantes

puderam se manifestar, deve ter formado politicamente muita gente. Com razoáveis embates internos, porque havia posições antagônicas dentro do corpo discente, mas isso era feito abertamente; de forma que foi uma formação política. Fazia parte de um certo cenário brasileiro e de Uberaba. Só para se ter uma idéia, Uberaba sem ter uma universidade tinha um Diretório Central de Estudantes. O Diretório Central de Estudantes era um órgão normalmente de universidade, cada uma tinha o seu. Uberaba, de um certo modo, construiu as condições, uma certa relação entre o conjunto, independentemente de universidade. Um dos elementos que representava esta independência era a existência deste Diretório. E este Diretório tinha um papel importante nessas articulações políticas. Nessa parte, eu diria que é uma questão específica da FISTA, mas é uma questão do movimento estudantil. É preciso registrar que a direção da Faculdade em nenhum momento criou mecanismos autoritários em relação a isso. Eu tenho diferenças de posição, mas não mecanismos de coerção. Havia todo um modo de organização da juventude olhada do ponto de vista da Igreja. Muita gente participava. Pessoas também que não eram da faculdade participavam ali. Isto faz parte da posição da Igreja, embora a Igreja também fosse também dividida. Você tinha setores de dentro da Igreja de Uberaba que eram favoráveis ao Golpe. Mas no conjunto ela protegia o funcionamento da instituição, mesmo que ela discordasse. Não conheço exatamente por dentro da instituição, isto me parece. Fui presidente do Diretório Acadêmico em 1967, acho que até 69. Fui várias coisas no Diretório, membro responsável pelo setor de Comunicação, do jornal... Acho que ele se chamava “O Coruja”. É possível que tenha algum da época, seguramente. Fui presidente do Centro de Estudos de Português, um centro de pesquisa que integrava a área de Literatura Portuguesa. Fui presidente da Academia Latina que era uma instituição de alunos relativos ao ensino de Latim. Fui diretor do Departamento de Letras inclusive, nessa época, fundei uma publicação que se chama “Série Estudos”. Editei o primeiro número, quando eu saí de lá, esta publicação foi interrompida. Mais tarde eu propus à Faculdade, era a Irmã Glícia que estava na direção nesse momento, que a gente retomasse a publicação. Então nos retomamos em 1966, se não estou enganado, com o número 02, dirigi essa publicação que era em nome da Faculdade, até o número 12. Com o número 12 parou. Já era FIUBE, mesmo depois que foi para a FIUBE, continuou a publicação. Era uma revista acadêmica com artigos de gente do Brasil todo. Tenho todas as edições.

Os motivos da transferência da FISTA para a FIUBE são razões econômicas. Ela foi ficando insustentável, o número de alunos era pequeno, acho que têm várias coisas, é

uma história de longo prazo. Está ligado a uma coisa importante que não sei como pegar isso na história de Uberaba. É que faltou a Uberaba um projeto de cidade diferente. Veja, acho que é complicado dizer isso, seguramente muitos não gostarão de ouvir, mas Uberaba é uma cidade que ficou muito marcada pelo modo de produção econômica que é ligada a um tipo de atividade rural. À vida rural de um modo geral, agropecuária. Uma atividade econômica de altíssima importância. Naquele momento, estávamos vendo um certo declínio da importância do rural e o crescimento da importância do mundo urbano. Uberaba foi pego nesta encruzilhada. Não soube resolver esta encruzilhada. Acho que todas as outras questões da cidade foram pegadas nisso. No caso da vida universitária, Uberaba era o centro da vida universitária no Triângulo Mineiro e boa parte do Centro-oeste do Brasil. Têm cursos universitários que são da década de 40 como Odontologia, Direito e a própria Faculdade de Filosofia. A Faculdade de Filosofia tinha um regulamento de universidade feito nos moldes das regras da década de 40. Isso deu a ela um certo quadro que ela não desenvolveu; como as outras unidades universitárias de Uberaba também não desenvolveram. Por exemplo, era formar as pessoas de alto nível na escala acadêmica. Por exemplo, formar doutores. A Faculdade de Filosofia tinha no regimento dela o direito de formar doutores, como todas as unidades universitárias formadas na década de 40. Só que ela nunca formou um doutor. No momento que veio a mudança e isso não foi a Faculdade de Filosofia que não formou, nenhuma outra unidade de Uberaba formou doutores. No momento que veio a mudança, Uberaba não tinha feito o percurso qualificado desse período. Ele não qualificou o seu corpo docente, através dos mecanismos que ele tinha para qualificar. Então, no momento que mudou a regra, ele ficou para trás. Por exemplo, a USP tinha o direito de formar doutores e formou. A UFRJ tinha direito de formar doutores e formou. Então esses lugares passaram a ser o centro de formação dos outros e as faculdades de Uberaba que tinham uma certa proeminência, não fez isso. Então, isso é exatamente uma falta de visão de futuro ali dentro. Não é o problema de um lugar ou de outro, é uma questão da cidade mesmo, do conjunto da cidade. As Faculdades de Uberaba começam a ficar submetidas àquelas que já tinham se desenvolvido; a UFMG, UFRJ, a USP e assim por diante. Tanto que até hoje, você vai lá, a regra mudou e você tem que criar as condições que você não criou antes. Quem tinha criado passou um passo à frente daquele que tinha formado. Na década de 60 exatamente vêm as regras novas e a universidade é obrigada a mudar seu regimento. Obrigada a retirar de dentro, esse direito de formar doutores, a mesmo que ela tivesse os cursos de pós-graduação na forma nova. E ela não tinha, não

tinha sequer doutores para fazer isso. Foi uma falta de visão de futuro, de todas as faculdades de Uberaba, o conjunto, as faculdades de Mário Palmério que se transformaram na FIUBE também. Nessa história a única que vai formando, a Faculdade de Medicina, ela vai se qualificando, talvez seja a mais bem qualificada do momento, olhando de longe. Ela mais cedo do que as outras, apostou nisso por ser federal. Ela tinha uma exigência federal. Temos este grande problema, essa barreira que impediu que a vida universitária de Uberaba se valesse do sistema público de ensino superior como em outros lugares puderam se valer. Como por exemplo, Uberlândia começou muito mais tarde, pôde contar com o sistema público muito mais cedo, como uma forma de decisão política. O que Uberaba não fez. Olhando isso hoje, a Universidade Federal de Uberlândia está mais desenvolvida do cenário de Uberaba. O interessante que o único lugar que era público, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro é onde você vai ver a recuperação disso hoje. Ela recupera inclusive pelo nome. É a única universidade que vai ter o nome do Triângulo Mineiro naquele lugar. É o nome que todas as Faculdades do Mário Palmério queria. No entanto, o Mário Palmério não conseguiu fazer a Universidade do Triângulo Mineiro, está como a Universidade de Uberaba. Essa coisa do espaço do ensino público ter sido impedido de se desenvolver por um modo de ação política no interior da cidade, também combina. De um lado não usar as condições que tinha, de outro lado um pedido que o sistema público entrasse. O sistema público não entrar reforça a não formação de futuro. O sistema público no Brasil é que tem condições de formar futuro melhor. A FISTA foi pega dentro disso. Ela não teve saída. A única forma era juntar as forças de algum lugar, de forma que esse discurso pudesse continuar. Como o Mário Palmério tinha o projeto de fazer uma universidade, então ele precisava agregar coisas já existentes, ao invés de formá-las. Então era importante para ele incorporar. Tem de um lado o projeto de Palmério fazer uma universidade privada, de outro lado o impasse a que se chegou da FISTA fundamentalmente econômico, eu acho; ou talvez algum projeto interno da ordem. Juntando essas coisas todas, a Faculdade não tinha estatura para o momento; quer dizer, ela ficou para trás na história. Quando entrou na década de 70 ela já estava ficando para trás, em relação a este novo impulso da vida acadêmica brasileira. A solução foi incorporar. Você desloca a questão para um outro espaço, que é um espaço não confessional. No ensino privado os espaços confessionais são mais fabricados. A noção do lucro não é uma questão imediata. Ao passo que, nos espaços do Brasil não confessionais, a questão do lucro se põe de maneira prioritária. Hoje, eu tenho uma certa

impressão que talvez a grande força da vida universitária em Uberaba vai ser a Faculdade do Triângulo Mineiro. É onde você tem massa qualificada.

É curioso que a FISTA tinha corpo docente com qualidade. Por que será que o Monsenhor Juvenal não se doutorou? Só porque ele achava que isso não era importante para ele. Para ele não era mesmo. Para Irmã Georgina, Irmã Heloisa não era importante, mas para o futuro da faculdade era importante que essas pessoas se doutorassem. Quando essa questão se põe de modo muito claro, os professores saem. O Luiz Alberto de Miranda, por exemplo. Ele se doutorou e foi para uma Universidade pública. Eu comecei a lecionar lá sem precisar, precisava me doutorar queria uma vida acadêmica mais qualificada, tive que sair. Não tinha como me doutorar, trabalhando lá e nem a universidade poderia me sustentar trabalhando lá.

O que ficou? Claro que ficou! Curiosamente, uma coisa humanista tem. Alguma coisa na necessidade de você pensar que as ações humanas e políticas precisam ser orientadas. Você precisa escolher um certo tipo de valor para poder se movimentar nessas relações políticas, sociais. Seguramente isso é um traço que vem daí. Não só mais seguramente a vida, o modo de estar na universidade... Uma outra coisa é um certo rigor do trabalho intelectual, a necessidade do cuidado, da atenção, de detalhe, de não transigir nas formulações (não ser efêmero, passageiro), ou seja, não facilitar. Nem para você mesmo. Agora acho engraçado, que ao mesmo tem uma coisa no meu trabalho intelectual, que de um certo ponto de vista, eu poderia dizer que estritamente é anti-humanista. No sentido estrito, não no sentido geral da noção de humanismo. Todo estruturalista é um anti-humanista, no sentido estrito da palavra. Não é que eu seja um estruturalista hoje, mas a minha formação em lingüística tem uma marca extremamente forte de estruturalista. E isto eu recebi na Faculdade, a Irmã Heloisa era a professora de lingüística e ela não era de formação lingüista, ela era uma latinista, mas lá pelo momento de 1962 passou a ser obrigatório dar lingüística no Curso de Letras. Uma deliberação do Conselho Federal de Educação. Portanto, foi preciso formar alguns professores de lingüística inicialmente para poder dar essa disciplina. Na FISTA quem foi encarregada disso foi a Irmã Heloisa. Ela teve uma formação em alguns cursos feitos para isto naquele momento, que eram estruturalistas e aulas de lingüística dela se baseavam muito nisso. E exatamente pelo cuidado que ela tinha nas aulas, no rigor da aula, no detalhe, e assim por diante, me ensinou esta operação de análise. É uma coisa quase que automática para mim, não tenho nenhuma dificuldade em pensar qualquer seqüência lingüística, deste ponto de vista, é uma operação normal de análise. Isto

estritamente é um anti-humanismo. Quando você pensa a noção de estrutura, você está pensando é que você tem relações entre elementos que independem do homem, do sujeito. Então é curioso isso, porque se eu pensar no humanismo como uma coisa geral, não como um movimento dentro da história, mas com essa idéia geral em torno do homem, eu acho que aí têm elementos que eu retenho deste momento que é essa questão do valor. Que valor eu escolho para dirigir a minha vida, a minha ação política, minha ação intelectual... Por exemplo, quando eu resolvi não continuar a revista “Série Estudos” é um valor. É um valor para o qual, eu digo, não todo mundo tem que ter esse mesmo valor que eu estou tendo, nem isso eu tenho. É um valor que daquele campo para frente você não transita. Isto é uma questão que minha formação ali tem haver. Mas essa coisa do rigor, essa formação de uma atitude relativa ao conhecimento, vieram outras coisas juntas que é essa atitude científica da lingüística, por exemplo. O sentido estrito é uma atitude não humanista. Talvez a noção de humanismo que sirva nesse caso, é a mais geral mesmo. Não é aquela de um certo movimento específico no interior da história, mas é essa atitude relativamente à questão do humano, da humanidade, do sujeito, do ser político, social... Na verdade, no decorrer do tempo o meu próprio desenvolvimento, posicionamento como lingüista ele vai exatamente se distanciar do estruturalismo pela necessidade de considerar o momento do sujeito, considerar a história, isto é verdade. No fundo não é um sujeito dono das vontades... Uma coisa que falta, não está na concepção do sujeito tal como eu tenho, é que a gente tem livre arbítrio. Livre arbítrio é uma noção religiosa sobre o sujeito e liberal. Liberal eu não chamaria de livre arbítrio, mas chamaria de liberdade, um certo sentido de liberdade. No sentido religioso é livre arbítrio. Eu não considero que o sujeito tem livre arbítrio porque ele é determinado historicamente, você tem questões sociais que te determinam que te fazem escolher. Você escolhe, mas não escolhe a partir do zero. Você escolhe a partir dessas determinações sociais que você tem, dessas determinações históricas. Isso também, curiosamente, estava à disposição, por exemplo, você pode ver isso, tanto o Padre Prata quanto o Monsenhor Juvenal eram pessoas que alimentam, que pensavam de algum modo assim. Claro que estava afetado por uma coisa religiosa, mas a forma da religião, você tem ali um pensamento materialista, ou pelo menos histórico. Talvez isso seja complicado. Se bem que para alguns teólogos, eles acham que conseguem juntar essas duas coisas. É um conjunto de condições que tem haver com aquilo que estava sendo feito ali, com aquilo que a Faculdade tinha como massa intelectual bem formada; e que repercutia direta e indiretamente. Porque eu não fazia Filosofia, por exemplo, não

fui aluno do professor Monsenhor Juvenal, tive contato com ele nas ações e de um modo geral, em conferências, em congressos, etc. Em cada época era um pouco diferente. Tinha a disciplina de Lógica que permeava tudo; depois.. não me lembro bem teria que ver a seqüência dos currículos. A Teologia durou bastante tempo como uma disciplina que percorria o conjunto. Acho que chegou a ser retirado do currículo. E as ações de formação ética eram buscadas por algum outro caminho. No fim da década 62 devem ter tirado a Teologia. Era uma formação. Tinha uma disciplina de Filosofia comuns a todas as pessoas, além da Teologia. Tinha um lugar de formação humana, político e humanística neste sentido geral, são as disciplinas sociais humanas. Além das disciplinas pedagógicas, tinha algo relacionado nesta ótica.

Alguns autores estavam presentes nessa caminhada como Jacques Maritain; outro importante, católico, era T. Chardin, muito presente. Monsenhor Juvenal gostava muito dele. Depois no interior das formações específicas, por exemplo, na Literatura, tem um autor português, Fidelino de Figueiredo que conformava a concepção de literatura que a gente recebia, como representação da realidade, um autor eminente para aquela época. Ligado a este movimento tinha o Amora, Mossaud Moisés, engraçado que eram pessoas que tinham muito a haver com este processo da formação literária. Depois com o Luiz Alberto começa a aparecer uma nova crítica americana, através de uma influência do Rio de Janeiro que é do Afrânio Coutinho. Já estava entrando num outro universo. Nesse movimento, paralelamente a isso, na formação de Línguas, no caso de Letras, você vai ter uma formação mais filológica no começo, quando o Santino Gomes de Mattos, ainda lecionava. Depois é uma formação mais lingüística . Tudo isso tem a haver com esta passagem. Você tem uma certa base de concepção de Literatura; depois você vai ter um deslizamento disso que vai passar para a nova crítica americana através do Afrânio Coutinho que vai ter, por exemplo, que vai servir fundamentalmente ao Luiz Alberto. Nos estudos de Linguagem você vai ter um movimento semelhante. Você vai sair de uma posição mais humanista, do sentido mais estrito, filológica, por exemplo, e vai passar para uma atitude mais lingüística. Vai entrar através da Lingüística e vai se desenvolver a partir daí. Então começa a entrar as questões de Seaussure, de estruturalismo. O próprio ensino de Língua Portuguesa começa a receber o impacto dessa produção através da obra do Mattoso Câmara. É introduzida quando eu começo a lecionar a Língua Portuguesa. Quando começo a lecionar, de um lado é deixado para trás a questão do estilo mais filológico e do outro o estilo normativo. São as duas coisas que são deixadas de lado. É aquilo que caracterizava o período anterior e

deixa de posar neste período que se começa no final década de 60. Começa e entrar mesmo estudando a Língua Portuguesa um conhecimento que não é necessariamente normativo. Não sei como vai se desdobrar depois, acompanhei menos. O Evandro ficou lá um tempo. A exigência de Mattoso nos primeiros períodos do curso de Letras é desde 1970. Quando eu começo a lecionar Língua Portuguesa eu introduzo Mattoso Câmara e ele permanece. E era realmente você o estudava logo no começo, falava de filologia de Português, era colocado. Com o tempo vai percebendo que tanto a própria Faculdade começa a mudar seu sistema de avaliação de alunos, passa a ser classificatório, e quanto a incorporação pela FIUBE que vai ter outras conseqüências que não sei avaliar muito bem. Então, em plena década de 60 é um momento de passagem, de algumas posições, posições mais atuais, mais isto com o mesmo rigor, com o mesmo cuidado. O que faltou foi um projeto de futuro mesmo. Como é que a Faculdade poderia enfrentar as novas condições. Talvez a redefinição do papel da Ordem Dominicana, tenha tido um peso muito importante nisso porque deixou de ser o objetivo fundamental da Ordem. Então tiveram que redirecionar o pessoal que eles tinham, a natureza do trabalho, ao lado evidentemente de um problema econômico forte. Se não tivesse o problema econômico podia-se até fazer diferente, utilizar os leigos.

“*A FISTA não foi, A FISTA é*”: Toda instituição formadora que tem sucesso no que ela faz, ela permanece nas orações que ela fundou. O que eu não sei medir muito bem é o que seria esse denominador comum. Havia uma formação de liderança devido ao critério elevado para se selecionar os alunos. Você seleciona um certo perfil. É claro que isto está ligado ao fato de ter um corpo docente que é exigente que é bem formado. E essa coisa de que ensinar é ensinar a fazer. Quando digo ensinar a fazer significa ensinar a pensar, a analisar... Não é dar um conceito, isto significa isso. Não, ensinar a fazer. Portanto, pensar, realizar coisas, tomar decisões, descrever, analisar, interpretar... Acho que isso é um traço importante que ela tinha. E qualquer boa instituição tem. E claro que ela tinha de um certo modo afetado por alguma característica particular. Isto leva a uma seleção rigorosa de ingressantes e isso projeta a formação de lideranças. Neste sentido, nunca pensei dessa maneira, eu acho que o que ficou mais foi esse ensinar a fazer, fazer não é uma coisa prática assim... Talvez isso seja o traço que permaneça em muita gente. Quando você me pergunta pelo humanismo, depende de como você está concebendo o humanismo. O que às vezes as pessoas aprenderam não foi exatamente esta noção do humanismo no sentido de que o homem é o centro do conhecimento, o homem é o objeto fundamental do conhecimento. Mas é a noção de

que você tem que levar em conta um valor e depois você ensina a fazer. Nesse sentido, como você pensa, como você interpreta as coisas, como você analisa as coisas, como você descreve coisas, lida com as pessoas, fazer, seja o que for. Uma prática no sentido materialista, não no sentido pragmático. Talvez isso está ligado ao fato de que na verdade não é uma escola de catequese. Porque senão todo mundo saía pensando igual. A gente não sai pensando igual. É massiva. O resultado de que as pessoas saem pensando é forte, só que elas não saem pensando igual. Isto é um elemento que confere a Faculdade um caráter universitário, uma universidade de fato, de pensamento intelectual aberto que respeita a pluralidade. Por isso, a minha dificuldade de responder a questão do humanismo que você me coloca. Claro que ela era um valor da Ordem. Isso sim era um valor da Ordem Dominicana, um valor que orientava o modo de gerir. Mas, ele contém a possibilidade de convivência com outros valores, desde que não antagônicos, desde que dentro de certos limites considerados razoáveis. (Congresso de Esperanto do Evandro)

Por que não pôde continuar formando com a mesma qualidade? Era alguma coisa que não foi feita neste período em que ela estava formando. Do ponto de vista acadêmico se ela tivesse formado doutores, ela seria liderança. Por ser cidade do interior, Uberaba é tradicionalmente do zebu. A questão da economia baseada fortemente na agropecuária não é necessariamente um problema ou uma solução. Depende de como você lida com isso, como as forças sociais e políticas lidam com isso. O problema que eu acho, é que normalmente estas sociedades são mais conservadoras. Essa inflexão que na década de 60 em diante o mundo sai; a vida rural vai diminuindo, vai declinando de importância nas relações sociais e a vida urbana vai crescendo. Uberaba se desencaminhou nisso, ele não soube mexer com isso. Aqui é uma cidade cuja uma economia é predominantemente agropecuária; e fazer disso um trunfo. Dançou! Por quê? De alguma forma, supõe ficou um pouco afetado que idéia que ela não deveria ser mais uma cidade de economia agropecuária. Não sei se é isso, se não soube desenvolver o embate com o desenvolvimento comercial e industrial de outro; alguma coisa. Então, você vai juntando essas coisas todas e algumas não andam. Mas se você olha o caso da Faculdade de Medicina, vai ver que aquele lugar que ficou lá insistindo num centro de formação; demora pra chegar porque as forças locais eram contra a presença de uma universidade pública em Uberaba; chega melhor do que os outros. Seguramente o Palmério não queria universidade pública em Uberaba.

Uberaba não aceitou a idéia de receber uma universidade pública. Não me lembro em que ano, mas teve um ano em que a formatura foi no Clube Sírio Libanês, na Rua Major Eustáquio. Ir. Glicia em seu discurso anunciou que no próximo ano que a formatura já seria feita como Pontifícia Universidade Católica. Foi um silêncio sepulcral. Uma recusa geral. Ninguém falou nada, nem aplausos. Ficou o significado que ninguém queria. Não sei o impacto disso sobre ela ou sobre a decisão da Ordem. Ficou evidentemente claro, é só olhar nas datas lá. Havia um esforço dos DCEs para federalizar o conjunto das faculdades. Faz parte da história, ali teria sido uma mudança de evolução importante. Você criava condições novas, as condições antigas não tinham sido aproveitadas, mas aquela qualidade que tinha sido instalada se você entrasse num outro regime. A Universidade Federal de Uberlândia conseguiu. Não digo que é uma Universidade extraordinária, mas é uma universidade razoável. Porém tem avançado, trouxe o desenvolvimento que Uberaba não conseguiu.

Identificação:

Nome completo: ***Luiz Alberto de Miranda***

- Profissão: Professor universitário
- Data de nascimento: 28 de outubro de 1940
- Naturalidade: Uberaba
- Estado civil: solteiro.
- Filiação: Dinah Cruz de Miranda e Dr. Duarte de Miranda
- Escola de origem: Colégio Marista Diocesano
- Local de atuação: Professor no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal de Goiás; Professor de Literatura Americana, Literatura Inglesa e Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino de Uberaba.
- Início da atividade docente: 1963
- Religião: Católica
- Função atual: Aposentado na UFG - Universidade Federal de Goiás; Articulador de Festivais de Cinema e Arte.

Entrevista realizada no dia 15 de abril de 2006, em Goiânia, Goiás

Quanto à minha formação eu fiz todas as etapas da formação acadêmica. Fui aluno do curso de Anglo-Germânicas, da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino; depois em 1966, fui para o Rio e fiz especialização em Literatura Brasileira. Em 1967, passei no Rio com o Prof. Afrânio Coutinho fazendo especialização em Literatura. Fiquei lá até metade de 68, por iniciativa própria. A Irmã Georgina lecionava Literatura Portuguesa e Brasileira. Para ficar menos sobrecarregada e ter mais professores nessa área, eu fiz Literatura Brasileira. Eu já dava aula de Literatura Brasileira e dividindo com ela as turmas. Sempre estive muito envolvido com a Literatura Brasileira. Nesse mesmo ano de 68, ganhei uma bolsa de inglês nos Estados Unidos. Fiquei um ano e meio no Rio, conclui o curso de especialização em Literatura Brasileira e no segundo semestre de 68, fui para os Estados Unidos. Lá o Prof. Afrânio disse-me que eu deveria fazer Literatura Comparada, porque já havia feito Literatura Brasileira. Porém disse a ele: “Minha bolsa é para Literatura Americana. Não farei

Literatura Comparada, por enquanto...” Fui para os Estados Unidos e fiz Literatura Americana. Lá, realmente o Mestrado é no Departamento de Inglês. Então você tem que fazer Língua Inglês, Literatura Inglesa (muito enfatizada lá) e tem que fazer literatura Americana. Você pode dar ênfase a Literatura Inglesa ou Americana. Eu distribuía ênfase entre as duas literaturas. Por isso que quando eu voltei em 1970, eu fiquei na Literatura Inglesa e Americana; fiquei com a Brasileira também. Naquela época, teve uma pessoa muito importante no corpo docente da Faculdade que foi a Regina Stela Bessa. Essa pessoa você não pode deixar de entrevistá-la, foi uma pessoa brilhantíssima, ela trabalhou comigo em Literatura Brasileira, uma coisa impressionante em responsabilidade, competência e dedicação. Foi minha aluna e hoje está em Belo Horizonte, casada com José Augusto Afonso, tem gêmeos. Há bastante tempo, recebi um telefonema dela. Ela defendeu a tese de mestrado em Lingüística, e tentou justificar comigo porque não tinha feito em Literatura. Porque já tinha um emprego no Ensino Médio e preferiu fazer Lingüística. Inclusive ela foi uma professora exemplar. Depois os alunos brilhantes que se destacavam começaram a escassear. Quando eu retornei em 1970, aconteceram mudanças. O vestibular mudou, não era mais específico. Porque durante um certo tempo, o vestibular era específico, quem ia fazer o exame, fazia de língua francesa, de latim e outros. Já não era mais assim, era mais geral. Os alunos achavam difícilimo. Eu tinha chegado dos Estados Unidos, não tinha muita paciência. Foi um período que notei que as pessoas eram menos habilitadas. Inclusive mandei dos Estados Unidos, um esquema para a divisão do Curso de Letras em três vertentes. Teria acabado o Curso de Anglo- Germânicas, teria acabado o curso de Línguas Neo-Latinas e o curso de Letras Clássicas, não ia existir isso mais. Seria apenas curso de Letras. Então mandei um esquema para a Ir. Heloisa que era secretária na época, colocando o curso de Vernáculos, o curso de Francês e curso de Inglês; foi dividido assim, tanto que o curso de Vernáculos foi à noite. Não com a ênfase que eu queria na Literatura de Língua Inglesa, ficou com o mesmo número de aulas. Não tinham professores suficientes para ministrar aquelas aulas. Por exemplo, se houvesse mais gente para dar Literatura Inglesa ou Americana, era sistema de crédito. O aluno poderia fazer seu próprio currículo, escolhendo o curso de Literatura Americana que ele quisesse. Mas não foi assim lá, nem aqui na UFG, também. A UFG, inclusive, retornou ao sistema seriado por falta de pessoal. A explicação não é assim: “nós estamos retornando por falta de pessoal”... Mas porque é mais fácil para os alunos. Por que é mais fácil? Porque já tem o horário pronto, o aluno não é responsável pela sua própria formação. Ele paga

aquilo que está lá. Agora parece que na UFG, fizeram uma reforma e o aluno tem essa possibilidade. Mas nesses cursos como Literatura Brasileira, Literatura Inglesa e Literatura Americana não funcionou, só um professor.

A avaliação na minha época tinha prova oral, prova final, trabalhos de grupo, individuais etc. Hoje é completamente diferente, um processo diferente existe o memorial. Na Literatura era mais específico. Tive excelentes alunas como Vânia Resende. Inclusive ela diz até hoje para mim, não sei se ela diz isso para os outros, mas escolheu a Literatura Infantil por influência minha. Pelo seguinte, quando eu saí de lá, havia uma conversa de se introduzir esta disciplina no currículo. Está até hoje. Eu disse a ela: “Vânia, você podia assumir, como já tem Escobar, Regina Stella, disputando a Literatura Brasileira e você que está dando também esta disciplina, podia se dirigir para a Literatura Infanto-Juvenil que você fica sozinha nessa área. Você vai ser dona dessa área em Uberaba.” Foi o que aconteceu. É referência nacional. Estou meio afastada dela porque vou pouco a Uberaba.

Entrei na FISTA em 1964. Em 64, eu dividia a disciplina Literatura Portuguesa com a Irmã Georgina. Em 65, ela disse que além da Portuguesa eu daria a Literatura Brasileira para o terceiro e quarto ano. Eu pedi que me dispensasse da Portuguesa, mas ela não aceitou. Depois que fui para o Rio e fiz a especialização, ao retornar não peguei mais a Portuguesa. Quando fui ao Estados Unidos e fiz a Americana e Inglesa, fiquei com a Literatura Inglesa, Americana e Brasileira. De 71 a 74 eu fiquei com estas três disciplinas. Em 74 eu voltei para os Estados Unidos porque quis fazer o doutorado em Literatura Comparada. Fiquei lá de 74 a 78. Mas eu só cumpri os créditos, fiz o exame de qualificação, só comecei a tese, mas não escrevi. Depois eu vim para cá, em definitivo, em 79 e precisava defender essa tese, até mesmo para a promoção que eu ganharia aqui. Assim, em 82 eu pedi outra licença e fui para lá só para escrever a tese. Fiquei de 82 a 84 nos Estados Unidos só escrevendo: de 17 março de 1982 a 17 de março de 1984. Dia 26 de março de 84. defendi minha tese e vim embora. Quando cheguei em 84, porque já me dirigi só para cá. De 71 a 74 foi o período que eu fiquei na FISTA e na UFG. Em 78 eu voltei e assumi tempo integral aqui; lecionei disciplina de Literatura Comparada, foi fundada e a Crítica Literária. Desde este momento fui professor destas duas disciplinas na UFG. Aqui eu variei muito de disciplina. Dei durante alguns anos Língua Inglesa, depois eu dividi a Literatura Americana. Primeiro eu entrei como professor de Literatura Americana. Quando minha amiga Maria Helena voltou do mestrado, eu passei para Língua Inglesa. Dei um ano de Literatura Brasileira.

Depois do doutorado eu dei Literatura Comparada e Crítica Literária, Civilização Anglo-americana (matéria que tinham inventado) e Língua Inglesa. Depois teve um ano que lecionei Teoria Literária. Principalmente nestes últimos anos, as disciplinas que mais lecionei foram Literatura Comparada e Crítica Literária. Depois em 90 fui para a Inglaterra, eu queria fazer o Pós-doutorado. Estava envolvido com a Psicanálise queria fazer um trabalho em que pudesse conjugar a Psicanálise e a Literatura. Fiquei para lá um ano e pouco e fiz um trabalho muito relacionado com a Crítica Literária. Na realidade, fiz no Centro de Cultura e Crítica que tinha recém fundado lá, em 89 fui para lá em 90. Algo muito sofisticado. Muita psicanálise. Estudei com gente muito importante. Estudei com a professora Katherin Kelssis que tinha estado aqui no seminário da ABRAPULI Associação Brasileira dos Professores Universitários de Língua Inglesa. Depois que voltei em 91 só lecionei Crítica Literária, Literatura Comparada, Literatura Inglesa e Literatura Americana. Teve um concurso e quem passou no concurso foi um colega meu, com Literatura Inglesa. Propus a ele que a gente pudesse dividir, tanto ele quanto eu, daríamos Literatura Inglesa e Literatura Americana. Para facilitar para os alunos, a gente ministrava só Literatura Inglesa no primeiro semestre, seis aulas por semana. As minhas aulas de Americana ficariam sendo Inglesas. As dele de Inglesas. No segundo semestre ficariam só Literatura Americana. As deles de Inglesa passariam a ser Americana. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa, porque nós fizemos Literatura e Cinema. Nós escolhíamos obras que tinham filmes correspondentes, principalmente os clássicos da Literatura Americana e Inglesa e os comparava. Quando determinadas situações, narrativas haviam sido resolvidas em termos de filme e vice-versa. Quando que na literatura essa passagem do livro, como que ficou no filme. O porquê que o filme fez isso. Foi muito bom.

Na época da FISTA, eu conseguia muitas coisas na área de Literatura Americana e Inglesa. Como eu trabalhava lá e aqui, tinha muito contato com o pessoal de Brasília, com o Prof. Nexan, por exemplo. Ele me emprestava muito material de Literatura Americana; muitos filmes. Eram filmes de longa metragem.

Quando eu era estudante, de 1959 a 1962, fui preparado, fui monitor da Ir. Georgina em 61 e 62. Teve algo muito interessante em 64, quando comecei a lecionar. A diretora da Faculdade era a madre Tarcila. Foi um ano em que se decidiu incluir no currículo de Letras, as disciplinas Teoria da Literatura e Lingüística. Madre Tarcila achou que eu devia fazer uma destas duas. Havia um curso preparatório para esses professores, pois eram disciplinas novíssimas. Houve um curso, em Brasília, que visava

a preparação de professores para assumirem imediatamente essas disciplinas. Queria muito fazer Teoria. Até pensei. Madre Georgina dizia que eu já era da Literatura Portuguesa e convenceu a Madre Tarcila. Depois que eu já era professor, utilizei diversos recursos; preparei uma série de slides de Literatura Portuguesa. Em 61 fizemos um tríduo de estudos portugueses, Ir. Georgina e eu. Teve uma ocasião que fiz um curso, 72 ou 73, em São Paulo, sobre Literatura Inglesa e Paisagem. Achei muito bom e quando cheguei em Uberaba, resolvi repetir esse curso. Mande fazer uma série de slides, a partir dos que o professor tinha mostrado para nós, em São Paulo. Tinha uma coleção com uma série de pintores, então procurei todos, fiz uma coleção até maior, bem mais ampla, aproveitei os textos dele, acrescentei outros. Esse curso tenho até hoje aqui guardado. Em qualquer momento posso repeti-lo. Outro exemplo é o cuidado com a qualidade do material. Numa ocasião específica consegui por milagre, um filme de longa metragem com o Conselho Britânico sobre uma peça de Shekespear. Passei no anfiteatro da Faculdade e depois para as pessoas da cidade que se interessavam, como sendo uma atividade da disciplina de Literatura Inglesa.

No período de instalação da Ditadura, teve um incidente muito interessante na Faculdade. Foram dois rapazes, de Belo Horizonte, lá no intuito de repolitizar a Faculdade de Filosofia. Quando cheguei, em torno de 9 horas, vários alunos estavam reunidos no anfiteatro. Dom Alexandre não estava lá. Eles falavam que os padres eram comunistas. Quando Dom Alexandre ficou sabendo foi para lá. Lembro-me de uma assembléia muito concorrida, no anfiteatro superlotado. Entaram esses dois rapazes e começaram a falar, sem a presença de Dom Alexandre. Os alunos estavam todos, lá ouvindo e de repente, Dom Alexandre chega na porta. Todo mundo se levanta e ele disse: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Todos respondem: “Para sempre seja louvado”. Os rapazes ficaram arrasados. Ele depois se dirige aos rapazes: “Quando seus superiores mandarem representantes aqui para repolitizar uma faculdade, que eu conheço bem, peçam a eles para mandarem pessoas mais competentes.” Isso me parece que foi em 1965 ou 1966.

Depois me afastei um pouco deste contexto e fui para o Rio, onde participei de grandes manifestações. Almoçava no restaurante universitário da Federal onde havia toda movimentação, muita passeata, participei de todas. Ia às marchas porém, não me envolvia muito, porque era bolsista da CAPES tinha muitas tarefas, relatórios, trabalhos etc. Não deixei de viver esta parte da vida universitária. No Rio tive professores muito importantes. Fui aluno do Prof. Afrânio, da Profª Maria José Trindade Negrão, Heloisa

Buarque de Holanda, Prof. Thieles Martins Moreira, que era substituto do Prof. Afrânio em suas ausências e ele gostava muito dos meus trabalhos. Também Clara Alvim que era irmã do Joaquim Pedro de Andrade Alvim.

Todas as pessoas, não apenas as fundadoras, como Ir Georgina. Ir. Loreto, Ir. Virginita, Irmã Rafael, Madre Ângela... Porque o que marcava desde o início era a seriedade intelectual. Acho que era indiscutível a seriedade intelectual dessas irmãs. O modo como elas realmente abraçaram...(emoção).... Ir. Loreto foi uma das fundadoras e passou a ser referência nacional. Ir. Rafael, minha professora de latim, também foi referência nacional nessa área. O Prof. Fernando Mendonça da Universidade de Assis, ia muito lá, convidado por Ir. Georgina. Hoje, ele é aposentado, mas ocupou todos os cargos possíveis na Faculdade de Assis. Naquela época ele tinha terminado o doutorado e logo depois ele foi para Assis, onde se estabeleceu como Prof. de Literatura Portuguesa. Como eu era ligado a Ir. Georgina na Literatura Portuguesa eu conheci o Prof. Fernando através dela. Depois em 66 ela foi para Portugal e eu fiquei com as aulas dela. O Prof. Fernando, por várias vezes, me falou da competência de Ir. Georgina. Outra pessoa também que eu encontrei aqui, em Goiás, foi Gilberto Mendonça Teles. Ele foi professor aqui em Goiânia de Literatura Brasileira. Foi exilado pela ditadura, deu aulas em vários países da América do Sul e na Europa. Ele foi colega da Ir. Georgina em 1966, nesse curso de especialização em Portugal. Ela tirou o primeiro lugar no curso. Ele brincou que deram o primeiro lugar a ela, porque era freira. Porém, reafirmou que ela era muito competente. A Ir. Rafael, Ir. Heloisa também todas elas muito competentes, assim como o Prof. José Mendonça. A D. Yuki foi minha professora de Inglês. Quando eu voltei dos Estados Unidos nós trabalhamos juntos: ela ficou só com a Língua Inglesa e eu com as Literaturas.

É impressionante como que a Ir. Georgina, como nossa professora, tinha uma leitura que, para a época, era admirada por muitos. Por exemplo, Jorge Amado, os Maias, que eram dados com muito cuidado, eram ditos mundanos. Nós lemos os Maias com ela, discutimos com muita tranquilidade. Uma coisa que me aconteceu no primeiro ano da Faculdade foi que eu tinha saído do Colégio Marista e percebi que a mentalidade das Irmãs Dominicanas para a questão da leitura era mais ousada. No Marista, nós éramos proibidos de ler alguns livros de Machado de Assis, José de Alencar, Monteiro Lobato... Lembro-me que no segundo ano colegial ganhei a coleção adulta de Monteiro Lobato e meu professor, Ir. Manoel Pedro, na aula de Religião, leu um artigo de um jornal que Monteiro Lobato era comunista. Outro autor que eu gostava

e li muito naquela época foi Dostoevsk, artista, liberal. Assim, lá as coisas eram muito mais estreitas. Quando cheguei na Universidade ler literatura latina com a Ir. Heloisa, comédias que apareciam situações super diferentes, inusitadas, completamente inadmissíveis para os Maristas. Então, elas lidavam com muita tranquilidade. Outra pessoa marcante, que me lembro bem, como aluna que dividia disciplina com Ir. Georgina foi a Leila Venceslau, professora de Literatura Brasileira. Ela encontra-se em Uberaba e é esposa do Antônio Ronaldo Rodrigues da Cunha.

A primeira turma da FISTA que formou em 1952, o orador da turma foi o Ir. Eulálio, cujo nome era José Antônio Tobias. Ele era meu professor no Marista, eu estava na primeira série ginasial. Eu fui a esta formatura por causa dele. Vários professores meus do Colégio, Ir. Ari, Ir. Celso, Ir. Firmo, Ir. Seledônio e o Ir. Eulálio foram da primeira turma. Ir. Roque Plínio Loss foi meu aluno. Ir. Clóvis também. Outra Irmã importante foi Ir. Judite, Ir. Rosângela de Brasília, Ir. Antônia que está na católica.

A formação humanista foi muito marcante, muito insistente, a gente não se livra disto não. Monsenhor Juvenal foi orientador do Prof. Joel, que foi reitor aqui. Ele é de Uberaba, estudou no Diocesano, depois foi para o Rio. Quando me transferi para Goiânia ele estava numa reitoria. E como eu estava tentando sair para o doutorado, o meu processo de afastamento passava por ele. Eu me encontrava muito com ele nessa busca do processo. Num destes encontros ele me pediu que dissesse ao Monsenhor que gostaria de conversar com ele sobre Rousseau, objeto de estudo de sua tese em São Paulo. Eles se encontraram várias vezes e não sei se o Monsenhor participou de sua banca de defesa em São Paulo. Tem uma ligação muito grande com ele, foi professor de Filosofia e depois reitor da Universidade.

Nos vinte e cinco anos da Faculdade eu organizei um coral para a missa de comemoração, alunos e professores. A diretora era Ir. Heloisa. Ir. Alexandra ausentou-se e depois a cargo da Ir. Heloisa a negociação com a Universidade Católica de Belo Horizonte, com Dom Serafim. Ir. Heloisa ficou muito angustiada e foi a Belo Horizonte. Na hora ela não aceitou. Dom Serafim disse a ela: “Meus parabéns! A senhora está certa. Todo o investimento do governo agora será para as universidades particulares, não tem necessidade deste acordo”. Ele apoiou. Ir. Alexandra insistiu muito. Lembro-me que Ir. Georgina disse: “Se ela quisesse que o acordo fosse feito, é outra que está no lugar, deixasse um gravador... A outra pensa diferente, a situação é outra, as coisas mudaram, têm muitas outras injunções, não é exatamente como nós tínhamos pensado antes”. Não aconteceu.

Quando a FISTA uniu-se a FIUBE, o professor Mário Palmério tinha toda a parte de Exatas: Odontologia, Direito e Engenharia. E as Irmãs tinham a parte de Humanas: Letras, Pedagogia, Geografia, História, Ciências e Jornalismo. Foi muito vantajoso para a FIUBE que a maior parte das áreas estavam na FISTA. Eram faculdades independentes. Na FISTA nós tínhamos quase uma universidade. Se ali tivesse um Instituto de Artes, uma escola de Economia e outros seria uma universidade. Em 70 o grande movimento que havia era em torno da fundação da Universidade do Triângulo Mineiro. A biblioteca da Filosofia, a melhor da região, passou toda para a FIUBE. Muitos dos livros que circulam na UNIUBE, hoje, vieram de lá. A própria Ir. Georgina quando veio de Portugal trouxe muitos livros. A Ir. Rafael quando foi para a França trouxe toda uma biblioteca de Literatura Francesa. Ela mesma classificou e deixou na parte central da biblioteca da Faculdade. A biblioteca de Literatura Portuguesa foi doada pela Fundação Carlos Bolbec que naquela época doava o que você quisesse. Havia uma grande biblioteca dentro da sala de Literatura Portuguesa que se chamava Centro de Estudos Portugueses. Fazia parte da cadeira de Literatura Portuguesa. Marco Antônio Escobar foi meu aluno de Literatura Brasileira. A turma de 1966 foi a melhor turma da FISTA. Era a turma da Maria Carmelita Rodrigues da Cunha, Belmita, Sonia Mesquita, Sheila Afonso, Norma Azeredo (de Ipameri) e de uma pessoa muito brilhante que foi a Stela Campos que hoje é chefe do Departamento de Letras em Goiatuba. Já estive lá para dar uma palestra. Stela esteve muito tempo no exterior, defendeu uma tese sobre o surrealismo, hoje dá aula de Literatura Brasileira. Naquela época, o curso de Inglês não atraía muita gente. O curso de Neo-Latinas dava mais possibilidades de trabalho do que o de Neo-Germânicas. Tinha o Espanhol, Francês e Português. O Eduardo Guimarães, da UNICAMP foi meu aluno e depois fomos colegas de trabalho, também outra referência para a FISTA.

Identificação:

Nome completo: ***Irmã Laura Chaer***

Profissão: Religiosa dominicana e Professora universitária

- Data de nascimento:
- Naturalidade: Araxá
- Filiação: Rosa Chaer e Zeferino J. Chaer
- Escola de origem: Colégio São Domingos de Araxá
- Local de atuação: FISTA e Universidade Católica de Goiás
- Função: Professora e Diretora de Departamento
- Formação acadêmica: Letras
- Início da atividade docente:
- Religião: Católica

Os depoimentos de Irmã Laura foram feitos no dia 16 de abril de 2006, em Goiânia, numa visita em sua casa, com a presença do Prof. Luiz Alberto de Miranda e Irmã Loreto, seus companheiros de trabalho nas décadas de 60 e início de 70.

Irmã Loreto: Estou em Goiânia para ministrar um curso às noviças. Minha função é dar a elas o que é pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade. Mostrar para elas que o homem vive num processo histórico. Muda, muda, muda... Mas o espírito fica. Quero dar noções para elas traduzirem tudo de Anastasie; não deixar uma vírgula esquecida. Porém, traduzido para o dia de hoje. No tempo dela nós tínhamos disciplina. Um chicotinho que a gente tinha que se bater. Pega, joga fora, é tempo perdido... Não. Vamos ver hoje o que substitui essa atitude. Meu curso será toda nessa ótica.

Luiz Alberto: Este curso será ótimo.

Irmã Loreto: Para iniciar o curso, pensei em você, Laura. Não é à toa que nós duas somos alma gêmea. Então peguei sua música “Esplendorosa”, que toda vida, aquele negócio de nós procurarmos novos êxodos, aquilo mexeu comigo, desde o dia que o li pela primeira vez. Então eu vou começar o curso fazendo elas cantarem o hino. Depois elas vão tirar a mensagem e uma delas, certamente, vai falar dos novos êxodos. O que é êxodo? Como se faz? Vamos analisar os êxodos de Deus, os êxodos de Cristo, de Maria, da vida dos apóstolos e nossos êxodos pessoais. Ontem, na viagem para cá, rezei estes êxodos em cada mistério do terço. Lourdinha quer que eu grave este terço. Êxodo quer dizer saída, mudança... Então, Deus, eterno, em sua mobilidade muita viva, teve um dia que teve um êxodo. Foi quando ele saiu de si mesmo para criar. O êxodo de Deus... No

segundo mistério, o êxodo de Cristo, quando saiu da vida pública e quando ele ressuscitou. Mostra mudança, novo rumo, sempre subindo. Depois o êxodo de Maria. Aquela moça, pacata, boa, no lar, no templo. E o êxodo quando ela recebeu a proposta e aderiu com o seu sim para ser a mãe de Cristo, da Igreja e dos homens. No outro mistério, peguei três apóstolos; refleti sobre o jovem rico que foi convidado por Jesus para uma mudança, uma saída, para um êxodo. Não teve coragem, e ficou mergulhado em sua mediocridade. O segundo, Judas, recebeu o convite, aderiu mas, as tentações do ter, do prazer, do poder foram superiores a ter aquilo que Cristo idealizou para ele. Saiu do êxodo e voltou para trás. O terceiro, Pedro, ouviu o chamado, aderiu, na hora da tentação caiu, mas com humildade, com amor, procurando Maria ele veio se humilhou e pediu perdão. Jesus foi tão bom que o perdoou tanto que o colocou como cabeça da Igreja nascente. E mostrei como nós devemos seguir Pedro. Cair, todo mundo cai, mas o valoroso não é começar e sim o recomeçar. Saber recomeçar. No quinto mistério, os nossos êxodos pessoais.

Laura, você se lembra em 1945, você compôs um canto e pediu eu colocar a música. Coloquei e cantamos juntas. Vou ensinar para as noviças e iremos cantar para você:

“Sois o céu posta, ó mãe que eu quero tanto. Que confiança eu tenho, que alegria! Eu entrarei no céu, terra de um canto pois, a porta do céu sois vós Maria!” Ela compõe e eu é que guardo.

Irmã Laura: Harmonias que vêm de longe, de longe... De todos os sinos de páscoa do mundo, tem clarão de alvorada de Páscoa o rosto dela. Da Páscoa nossa que é o Cristo Imolado, de lado a lado ressoam harmonias vindas do profundo deste interior que viveu carrilhonando aleluia. O quarto pobre está rico de sons e de luz. E quando na riqueza do quarto pobre, a dama verde de veste vaporosa disse: Anastasie esta alma de esperança... O hino da FISTA foi feito por mim. “

Luiz Alberto: Este hino foi cantado na formatura da primeira turma.

Irmã Laura: Trabalhei na FISTA, depois que eu voltei da Espanha, em 1960. Fiquei até final da década de 70.

Luiz Alberto: Quando a senhora foi para a Espanha a Tininha Borges é que ficou no seu lugar, com as aulas de Espanhol. Em 1960, reassumiu Marisinha e o Carlos eram seus alunos, fizeram um estudo sobre Cervantes, muito complexo e completo, sofisticado. Depois a senhora passou para a Literatura Francesa, depois a Teoria Literária.

Irmã Loreto: Lembro-me que em 1963 ela estava lá, por um episódio muito engraçado. É que lá pelas tantas da noite, a Laura foi lá na minha sala. Era um grande enorme separado por cortinas. A Laura chegou e disse: “Loreto, Loreto, tem um ladrão aqui.” Ladrão??? “Tem, venha cá ver.” Chamamos as outras irmãs: Rafael, Esther, Laura, Tarcila e eu também, fomos para a janela. Um homem numa carroça, pegando todas as nossas telhas Brasilit. Ele carregando e nós olhando ele roubar, sem poder fazer nada. Não tinha telefone, vigia, nem vizinho. Laura disse: “Vamos deitar”. Fomos deitar e deixamos o homem roubando. No outro dia, quando contamos para as outras irmãs elas caçoaram de nós até de nossa fuzilaminidade. Despertou o brio delas. Uma noite, um fenemê resolveu perder o freio, diante da Faculdade, por volta das duas ou três horas da madrugada. Lá vai ela atrás das irmãs, parece que nem dormia. Fomos lá na janela. “Isso é ladrão”. A Tarcila era superiora; havia muito barulho. Se fosse ladrão ficava quieto, apagava a luz. Tarcila tinha solução para tudo disse: “Ele não tem medo de nada porque sabe que somos pobres mulheres que nem arma sabemos usar.” Depois de muita confubulação, resolvemos descer, de camisola. Irmã Laura foi até ao motorista, parecendo que estava com uns trinta fuzis na mão e perguntou: “O que o senhor está fazendo aqui?” O homem falou: “O freio que rebentou”. Irmã Tarcila querendo apaziguar, falou sobre um mecânico que havia ali próximo. Irmã Laura, com papel e lápis na mão: “Eu vou tomar nota do número deste carro, placa, tudo, para garantia.” Ela queria mostrar que nós não éramos bestas não. Quando acabamos de fazer a tragédia toda, ele foi embora. Fomos corajosas. Depois ríamos muito.

Na Faculdade não tinha lugar para todo mundo. Muitas vezes, na sala que eu dava aula de Geografia, tinha um mapa mundi, do tamanho de uma mesa, com dois blocos de cimento. Eu punha um duratex em cima, punha meu colchão e dormia em cima do mundo. No outro dia, encostava atrás da porta, organizava tudo e ia dar aula.

Luiz Alberto: Dar aula para Sônia Cecílio, Cacilda e Maria Teresa Sório da Costa foi sua aluna. Tinha um cadernão desta grossura porque dizia que as aulas de Ir. Loreto eram impossíveis de serem acompanhadas. Um caderno só para as aulas de Ir. Loreto.

Irmã Laura: Eu dei aulas de Teoria da Literatura, Francês e Latim. E depois que cheguei da Espanha, dei espanhol. Tenho que falar devagar e pouco, canso muito...

Irmã Loreto: A Irmã Glícia está na República Dominicana com Maria, uma vocacionada de Guarantã do Norte de Mato Grosso. Elas têm feito um trabalho apostólico, social, econômico, integral mesmo. Uma completa a outra.

Irmã Laura: Eu gosto muito dos ex-alunos da FISTA, Terezinha Hueb, Aparecida Hueb, Leila Venceslau, Edila Mendes. A Leila era muito inteligente. Para dar aula para ela tinha que aprofundar. No último ano ficou só ela, dava aula só para ela. Por direito, as outras saíram. Ela quis terminar o curso. Ela sempre dedicou a Teoria da Literatura. Era muito inteligente e competente. Depois assumiu aulas na Faculdade de Literatura. Tinha muitas irmãs boas que incentivavam os alunos. Irmãs como Ir. Fabiana, Irmã Éster, Irmã Nívia, Ir. Terezinha, Ir. Rafaela, Ir. Georgina, Ir. Heloisa... Ir. Rafael de Latim, Ir. Patrícia. A sorte de lá é que o grupo de magistério era muito bom. Não sei como é que acabou a Faculdade. Muito coeso.

Luiz Alberto: Na FISTA nós aprendemos a ser honestos intelectualmente.

Irmã Laura: E honestos sempre...

Luiz Alberto: A gente aprendeu a estudar. Nós aprendemos a fazer uma pesquisa, a ter originalidade, a criatividade para fazer aquelas coisas. As Irmãs tinham muito isso. Não tinha como hoje em dia, de pegar Internet. Não havia Internet, hoje marca-se um trabalho, baixa-se o trabalho e está pronto. Não havia isso. Nós tínhamos que estudar mesmo. Acho que a honestidade, a seriedade intelectual é a marca de todas as irmãs professoras.

Irmã Laura: Principalmente a criatividade.

Luiz Alberto: Este traço é essencialmente da senhora. A senhora criava muita coisa nova para dar a disciplina. Sempre foi muito original e diferente. Inclusive na Teoria da Literatura dava autores que não eram estudados na época: Káfta, Sartre. Estes autores eram misturados na Teoria .

Irmã Laura: A gente estudava e repassava, era uma beleza. Ir. Rafael dava Literatura Francesa , ficou muitos anos na França. Especializou-se.

Luiz Alberto: Foi minha professora. Excelente.

Irmã Laura: Escrevi um livro: “Canções do dia e da noite”. Escrevi muitos textos, artigos e poemas. Tenho ainda alguns volumes do livro. Vou dar para vocês. Artigos eu sempre escrevi.

Luiz Alberto: A Universidade Católica poderia fazer uma coletânea destes artigos.

Irmã Laura: A gente não ligava para esse registro. Ficava estudando, estudando. Não usava publicar.

Luiz Alberto: Isso a gente aprendeu também. O que não foi muito bom. Porque na realidade, hoje em dia, cobram muito isso. Uma pessoa que tem muitos anos de carreira tem que ter publicações.

Irmã Laura: Aqui exigia apenas pós-graduação para entrar. Não tinha tanta exigência. Na FISTA, tivemos algumas dificuldades. A incompreensão de algumas irmãs na casa. Também que tivemos que mudar da casa que estava fazendo, era muito bonita. Fomos para uma casinha pequena que era no colégio, no tempo que ficamos lá. Foi difícil, era outro ambiente, não era um ambiente sério de faculdade. Isso também atrapalhou. Outra dificuldade foi a saída da Madre Ângela. Era muito boa, foi muito querida nossa mas, não era estilo que as irmãs achavam que devia ser. Conheci também a Virginita, não éramos tão amigas, porque era de outro ramo, da Pedagogia. Ela está lá em Uberaba, doente, porém muita dinâmica. Sempre estudou nesta linha dominicana.

Irmã Loreto: Você se lembra da atuação da Irmã Rafael ou Zeni?

Irmã Laura: A Zeni era muito séria. Foi do período de 59 a 65. Depois ela foi diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores. Veio para Goiânia, foi diretora do Externato São José e depois foi para a África. E lá trabalhou muito bem. Pena que viveu pouco tempo, um ano e meio, porque depois faleceu lá.

Luiz Alberto: Foi referência também. Bravíssima, muito exigente!

Irmã Loreto: E mais do que ela, a Irmã Georgina, May .

Irmã Laura: A Georgina era muito querida entre as meninas, do povo todo. Isso ajudou muito a Georgina a avançar.

Irmã Loreto: Ela ficou como diretora durante vários anos. Primeiro foi a Madre Ângela, segundo a Madre Tarcila, depois a Madre Maria do Divino Coração de Jesus, na época da ditadura e depois a Madre Georgina.

Luiz Alberto: Depois da Georgina foi a Ir. Alexandra, depois a Ir. Heloisa, muito importante na FISTA.

Irmã Laura: A Irmã Heloisa era assim: mais apagada, mas fazia tudo. Fazia tudo para a Georgina, para a Madre Ângela, era muito boa neste ponto. Morreu muito cedo.

Luiz Alberto: Irmã Loreto foi diretora também. Não teve uma época que a senhora assumiu?

Irmã Loreto: A ir. Georgina era diretora e eu vice. Numa época ela foi para Portugal, ficou um período lá e eu assumi como adoc, substituta. Depois eu entreguei porque eu fui nomeada diretora da Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro.

Irmã Laura: A Glícia chegou a fazer um livro. Era muito boa professora, sabia grego. A sorte que todas tinham muito estímulo para o saber, para comunicar também.

Luiz Alberto: A Irmã Heloisa era professora de Literatura Latina e de Grego. Havia uma divisão entre Letras Clássicas, Anglo-Germânicas e Neo-Latinas. O professor de

latim era um professor de fora, o Prof. Murilo Pacheco e depois o sobrinho dela. A Irmã Rafael assumiu porque ele tinha outros compromissos e não podia dedicar-se inteiramente à Faculdade. A Irmã Heloisa passou a ser professora de Lingüística, desde que a disciplina passou a integrar o currículo, dali para frente.

Irmã Laura: A Georgina trouxe professores de fora, como o Prof. Amora.

Luiz Alberto: Ela foi aluna dele e o trouxe para uma visita e um mini-curso de Literatura; eu era aluno nesta época. Quem ia muito, como convidado da Ir. Georgina, era o Prof. Fernando Mendonça, professor de Literatura Portuguesa.

Irmã Laura: Só tinha gente importante, gente competente.

Irmã Loreto: Georgina trouxe o João Mohama, ele deu um curso lá na Faculdade e o Jarbas Passarinho que era o Ministro da Educação, por intermédio da Ir. Solange, veio para inaugurar a biblioteca que recebeu o nome da mãe dele: Maria Passarinho.

Luiz Alberto: Pessoas importantes como o Professor Alceu Amoroso Lima que deu, na época da ditadura, uma conferência lá na Faculdade, no auditório da Biblioteca. Inclusive ele começou a conferência dizendo assim: “Eu tive um sonho e nesse sonho(que foi em francês) uma pessoa me perguntava assim: Por que você se senta à esquerda?” Porque ele era considerado de esquerda naquela época. Iniciou sua palestra em francês. Em plena ditadura, tínhamos debates. A Irmã Laura quase foi presa.

Irmã Laura: Eu não fui presa, mas quase. A irmã me pôs à frente desse problema. Era um problema da FISTA, não tinha nada. Mas como nós éramos muito avançados, eles já ficaram de olho na FISTA. A Madre Maria me pôs à frente desse movimento.

Irmã Loreto: Eu estava como vice e fui levada para Belo horizonte para depor no DOPS, uma agência de investigação.

Irmã Laura: Tiraram a Madre Ângela e puseram a Irmã Jacinta. A Jacinta, na época que acabou a Católica foi ela que acabou.

Irmã Loreto: Mas aí, não foi na direção da Faculdade, foi na direção da Província.

Luiz Alberto: A Irmã Jacinta era provincial. Quando teve esta questão se vendia a Faculdade ou não.

Irmã Laura: No início da Faculdade tinham poucos alunos, só (120) cento e vinte. Os maristas faziam uma parte, ficávamos separados. Depois em 1960 fomos para o prédio novo. Dom Alexandre nos defendeu em Belo Horizonte, não tinha medo de nada.

Identificação:

Nome completo: ***Célia Laís Tahan Bittencourt***

- Profissão: Professora universitário
- Data de nascimento:
- Naturalidade: Uberaba
- Estado civil: solteiro.
- Filiação:
- Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores
- Formação Acadêmica: História – Na FISTA
- Atuação: Coordenadora de História do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB; - Assessora de Ensino de Graduação; -Professora de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino; Professora no Colégio Nossa Senhora das Dores.

Depoimento feito no dia 25 de março de 2006, em Brasília, Distrito Federal

Estudei na Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino de 1964 a 1968. Trabalhei como professora de História Moderna e Contemporânea de 69 a 71. Nesse período a diretora era a Madre Alexandra, hoje Irmã Glícia. Estudei inicialmente no Colégio Nossa Senhora das Dores cuja formação nos auxiliava ao longo da vida. Era princípio das irmãs dominicanas preparar para a vida, para o coletivo, para social... Depois de formados, cada um assumiu atividades diferentes, todos encontraram seus lugares... Recebemos uma formação humanista diferente de hoje que é individualista e competitiva. Iniciei minha vida acadêmica com 22 anos, na fase em que a atuação dos alunos era preponderante nos Centros Acadêmicos, nos DCEs. Lembro-me de nosso Centro Acadêmico Pedro Calmon. Muitos colegas e amigos meus eram militantes. Quando entrei na Faculdade de Filosofia, em plena ditadura militar, em 64, existiam os alunos de esquerda, considerados comunistas e acreditavam na visão socialista do mundo. Eles sabiam que tinham apoio das irmãs, mas não eram comunistas. Havia sim, um posicionamento ideológico. A turma era politicamente atuante, pesquisavam, argumentavam, sabiam ser críticos diante do Estado Totalitário. Meus colegas dessa época foram o Osmar, Vera Lúcia – pró-reitora em Brasília, Sônia Lamonier- assessora do MEC; Elizabeth Fantato – atuante em São Paulo. Quando lecionava História Moderna e Contemporânea, de 69 a 71, nunca houve interferência das irmãs. Elas nos ajudavam muito. A biblioteca era boa, tínhamos muitos livros em francês e espanhol, o que dificultava um pouco. Pois a ditadura militar boicotava as traduções. No final do período de repressão começaram os livros com traduções, via Portugal. A bibliografia era muito difícil, havia inúmeros volumes de língua estrangeira. Os autores mais lidos

em nossa área foram Caio Prado e Celso Furtado. A capacitação dos docentes era prioridade com muitos grupos de estudos. O que foi mais marcante nesta trajetória foi a visão humanística da formação; o aluno no social apesar das diferenças políticas fortes. Os alunos e professores eram amigos.

Identificação

Nome da entrevistada: Vânia Maria Resende

Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2005, em Uberaba .

Fui convidada pelo Prof. Luis Alberto de Miranda para ser sua monitora, em janeiro de 1974, ano em que eu iria cursar o 4º ano do Curso de Letras. Junto ao convite, para que eu trabalhasse com ele e Regina Stella Bessa – ambos foram meus professores: de Língua e Literatura Inglesa e Americana, ele; de Literatura Brasileira, ela – em Literatura Brasileira, veio a sugestão, também por parte dele, de que eu fizesse um curso de duas semanas, na UFMG, sobre Literatura Infantil e Juvenil. Como o Curso de Letras não tinha no currículo, até então, essa disciplina, passei a incluir, imediatamente, em Literatura Brasileira uma programação específica de Literatura para crianças e jovens. O fato de ter trabalhado com Luis Alberto (e, por extensão, com Regina) foi fundamental para o que realizei, e tenho realizado, como projeto de trabalho e de vida. Foi uma convivência fértil, gratificante, enriquecedora, em que descobri, cultivei e me imbuí de um sentido duradouro de amor pela literatura. Ter partilhado de uma experiência de trabalho de um quilate inesquecível e ter usufruído da sensibilidade excepcional dos dois professores, em que pesou o olhar minuciosamente crítico do professor Luis Alberto para a arte, foi, para mim, um dos grandes privilégios e oportunidades que a vida me proporcionou. Três anos aproximadamente de convívio com a lucidez e a competência extraordinárias dos dois sedimentaram a minha relação definitiva com a literatura. Reconheço o privilégio e, verdadeiramente, sinto orgulho de dizer que “fiz parte”, “pertenci”, “filiei-me” aos dois, no contexto histórico favorável, propiciado pelas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino.

As lembranças marcantes são muitas, remetendo-nos do espaço físico – cheio de verde, de natureza e de vida, favorável à proximidade entre pessoas – à dimensão educativa e cultural, feita de momentos vividos tanto no auditório menor, situada no corpo da escola, como no grande auditório localizado sobre a biblioteca. Tudo integrado ao perfil humanístico embasado nas abordagens, reflexões e condutas no âmbito da sala de aula, no desenvolvimento das diversas disciplinas. O saldo que tenho dos sete anos que participei como professora do curso de Letras, na FISTA, é de um tempo muito bem vivido, na perspectiva de um projeto em que educação e cultura andaram juntas. Tempo vivido em profundidade, com a viva e comprometida participação dos alunos e dos

colegas professores. Tenho registros valiosos, na memória, de experiências de montagens de peças, como *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto e outras infantis de Maria Clara Machado; festivais e recitais; concursos literários com premiações e publicações de livros, como as antologias infanto-juvenis “Vinícius de Moraes”; semanas culturais e pedagógicas; encontro com escritores.

Desde os anos de estudante no Curso de Letras o clima de participação cultural já era evidente e intenso. Seminários, concursos promovidos pelo Centro de Estudos Portugueses, exposições artísticas; ações do diretório acadêmico... Entrega total a pesquisas e leituras que nos levavam a passar noites estudando.

A expressão “sedução antropológica”, de sentido aprofundado por Monsenhor Juvenal Arduini em um artigo publicado no *Jornal da Manhã*, me vale, nesta situação, como síntese do comportamento e da mentalidade do período de educação na FISTA. Éramos seduzidos pelas idéias, nos encantávamos com os professores capazes de nos provocar em termos intelectuais e afetivos; os olhos brilhavam diante da expressão de mentes vibrantes, aptas a contagiar pelo essencial.

As lembranças no ambiente de trabalho eram cordiais e acolhedoras. Em especial, evoco a figura de Irmã Heloísa Seixas Leite, que, na condição de diretora do período em que iniciei como professora na FISTA, foi o melhor exemplo de acolhimento, convívio, entendimento, ponderação, dando suporte humano aos meus passos iniciais e o prosseguimento no magistério no nível acadêmico.

Acho que como em qualquer época e escola existiam as afinidades, as preferências, identificações demarcando relações que aproximavam alguns alunos de certos professores e distanciavam de outros. Por exemplo, o professor Luis Alberto de Miranda foi amado por uns e odiado por outros. Alguns alunos não se afinaram com o nível de exigência dele, nem foram capazes de entender, valorizar e desfrutar sua total entrega ao que fazia.

Para não ficarmos com a imagem de um tempo que foi muito bem vivido, mas construído com a complexidade que permeia as relações humanas tanto ontem quanto hoje e sempre, havia também modos de conduta às vezes agressivos, desentendimentos, movimentos de turmas contra certos professores, ausência de diálogo ou medo de enfrentamento de um lado e de outro (professor e aluno), em dadas situações.

Tudo isso fazia parte e continua fazendo, já que os relacionamentos pressupõem conflitos, mas o mais importante é pôr na balança os efeitos de um processo pedagógico estruturado sobre uma filosofia de educação que valorizava a formação de professores

na linha humanizadora. O homem no centro do projeto de educação, no qual as irmãs dominicanas acreditavam e no qual elas investiram, levando com elas, na empreitada educacional, um grupo de aliados leigos.

Tendo por base a disciplina “literatura” que eu ministrei, posso dizer que o sistema de avaliação foi coerente com a natureza do universo de uma linguagem aberta, sujeita a interações subjetivas, a discussões. As orientações temáticas orientavam as leituras e explorações analíticas dos alunos, para conduzir grandes e vibrantes momentos de debates. Nestes se dava a troca e o compartilhar de vozes sobre uma obra e um autor lidos e analisados. A sala disposta em círculo, arranjada para tais debates, era o sinal mais perfeito da busca de integração e abertura na busca de formação da consciência crítica, participativa, democrática. As avaliações escritas também tinham como ponto de partida temas que permitiam as pessoas discorrerem, apresentando fundamentos e afirmação de posicionamentos reflexivos, que serviam à afirmação de visões personalizadas, formuladas sob o ponto de vista da subjetividade.

A capacidade de ter exercido um poder positivo e construtivo tal, a ponto de solidificar uma mentalidade fundada sobre esperança e fé em valores e pessoas.

Suponho os fatores que desencadearam a transferência da FISTA para a FIUBE são de ordem pessoal, como a opção da irmãs de passaram a outro espaço acadêmico a responsabilidade com as licenciaturas, depois de terem dado algumas décadas de contribuição à área educacional em Uberaba e região. A decisão das dominicanas deve ter sido influenciada por condições como a redução do número de irmãs para administrar; as dificuldades de sobrevivência de uma escola relativamente pequena com preços não elevados, que não funcionava como uma empresa, mas com o perfil de uma casa dedicada à educação.

Há uma marca de humanidade inscrita em muitas pessoas atuantes ontem e hoje não só em Uberaba, mas em muitas outras cidades brasileiras. São líderes em especial no campo educacional, mas também no do jornalismo, das artes, da pesquisa científica. Bem sucedidos como pessoas, porque têm um olhar de dentro sobre o mundo, o outro, o trabalho. Sonham, acreditam e fazem, inspirados no modelo de sucesso do ser humano pelo que ele vale e cria, não puramente pelo que ele possa produzir de valor econômico e material. Essa concepção educacional de vertente filosófico- reflexiva e espiritual, não conformista, esse saber olhar para dentro, tendo no centro da percepção valores interiores, é um legado da formação humanista recebida das irmãs dominicanas. E será possível a transmissão, ainda, através de algumas gerações e daqueles que se mantêm

inabaláveis com as suas crenças e valores e discordantes de apelos e práticas não legitimamente éticas, estéticas, enfim, humanas.

Identificação:

Nome completo: **Elsie Barbosa**

- Profissão: Professora universitária
- Data de nascimento: 13 de maio
- Naturalidade: Uberaba
- Local de atuação: CNSD, FISTA (professora e diretora).
- Formação acadêmica: Pedagogia
- Função atual: Vice-Reitora da Universidade de Uberaba-UNIUBE
- Religião: Católica
- Escola de Origem: Colégio Nossa Senhora das Dores

Entrevista realizada no dia 14 de julho de 2005 – Uberaba

Fui convidada a lecionar na Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino, já no final do meu curso, quando Irmã Alexandra, hoje Irmã Glycia, convidou-me para trabalhar na disciplina de sua responsabilidade. Daí para frente foi o resultado do meu desempenho e as oportunidades de cursos que realizei que abriram novas propostas de trabalho.

O cotidiano da Faculdade, estruturalmente, era comum a outras IES, uma vez que os dispositivos legais tinham que ser cumpridos. A instituição de ensino superior isolada nunca teve autonomia para uma decisão interna de caráter legal acadêmico.

No entanto, é preciso que se destaque que o clima organizacional da Faculdade. Nada se compara ao que lá vivi. Não foi o fato de ser uma Faculdade pequena, que permitia fugir da tecnocracia ou burocracia que marcou o meu tempo nessa Instituição. Mas, foi, sobretudo, um clima de respeito às pessoas, de abertura para as diferenças, de reconhecimento do esforço de cada um. As falhas, porventura ocorridas, eram corrigidas com orientações que nos incentivavam a caminhar. A criatividade sempre foi estimulada. As dificuldades comuns em relações interpessoais eram tratadas com firmeza e com presteza.

Nesse ambiente social qualquer tentativa de ações pouco leais e nada justas não conseguiam proliferar. O contexto era preparado para, efetivamente, acontecer a educação. As potencialidades humanas se desenvolviam naturalmente, quer se tratasse de funcionários, docentes e discentes. Os momentos de reflexão eram proporcionados sempre que oportuno e as ações coerentes com os valores e princípios cultivados. Ocupei todos os espaços que minhas competências justificavam. Não presenciava favoritismos arbitrários e inconseqüentes. Éramos sempre muito desafiados, mas isto fortaleceu minha carreira profissional.

Para quem soube vislumbrar um caminho seguro para o exercício profissional, os fundamentos e as orientações de leituras e situações de discussão constituíam em novas experiências. É como se a luz divina se dispusesse a brilhar mais nos caminhos percorridos e a percorrer. Nada era fácil, mas tudo nos impulsionava para a escalada do futuro: pegadas firmes e olhares para o alto.

Nesse ambiente, a relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, professor-professor tinha que ser estabelecida dentro dos princípios de moderação, de equilíbrio dinâmico. Controvérsias normais, discussões calorosas, mas um comprometimento dos professores aliviava as tensões da gestão organizacional.

A dimensão do ensino mereceu cuidado especial. A preocupação atual com a formação continuada era novidade para nós. Vivíamos isso com programas específicos e regulares. Nada de grandes eventos, mas, freqüentemente, grupos de apoio acompanhavam a atuação docente. Novas teorias, novos movimentos, novas tendências do ensino sempre eram discutidos, estudados, levando-nos, muitas vezes, a reorientar os trabalhos de cada um. O sistema de avaliação pode ser a referência para uma consideração do ensino-aprendizagem como um todo. A preocupação em atender, na medida do possível, o aluno na sua integralidade constituía um critério para não formar turmas super lotadas. Os métodos de ensino e a aferição dos resultados mantinham os fundamentos do diálogo, da flexibilidade nos processos, jamais a arbitrariedade, a rigidez pela rigidez. É claro que não se espera atender a todos e cada interesse particular dentro de uma Instituição, mas havia um esforço para um processo mais qualitativo, mais global e integral, fazendo prevalecer a integração, a coerência entre os diferentes níveis de exigência.

A relevância dessa educação está justamente em seus fundamentos e princípios orientadores de ações concretas, voltadas para a formação de pessoas e qualificação dos profissionais. A FISTA não precisa existir organizacionalmente para se constatar que ela está viva no coração e nas ações de cada um que por lá passou e que conseguiu se identificar com a realidade dos seus significados. Ela sobrevive na essência da vida de seus egressos: ora como lembrança, ora como um coro saudosista, ora como forte referência para se enfrentar os desafios e as convulsões dessa sociedade atordoante.

A escola, não importa o nível de ensino, vive o reflexo de políticas, de falta de políticas de uma política econômica e tributária. O professor, reconhecidamente, profissional oriundo de classe média e baixa sobre as pressões de uma sociedade que, efetivamente, não tem a educação como prioridade para o desenvolvimento do País.

Tem pouco ou nenhum reconhecimento de seu trabalho pelas famílias e, também, muito pouco reconhecimento social e político. Além disso, não conta com condições favoráveis para o seu trabalho chegando, em alguns casos, a viver situações revoltantes. O descaso com que este segmento é tratado proporciona agrupamentos de profissionais descomprometidos, no desalento de mobilizações fracas e vazias. As grandes conquistas científicas e tecnológicas somente são possíveis porque há instituições sérias e professores competentes que mantêm viva a chama de quem sabe e defende a educação.

As relações da Faculdade, com os poderes públicos, eram respeitadas, ainda que em algumas situações marcadas pela indiferença. Talvez porque nessa Instituição jamais se cogitou qualquer parceria com blocos partidários. Pela própria organização e suas características, sempre contou com o apoio incondicional dos poderes eclesiásticos e nela atuavam sacerdotes, religiosas e leigos num contato sempre harmonioso e profícuo.

Muitos foram os motivos para justificar a fusão FISTA/FIUBE, pois o objetivo não era este. Uma complexa união de forças, no sentido de se concretizar um projeto de Universidade para Uberaba, resultou na permanência de apenas duas IES. Este estágio de fusão e de permanência do nome de uma delas para facilitar o processo foi exigência do Conselho Federal de Educação.

Seria muito simplista dizer que houve apenas a transferência de uma instituição para outra. Há de se reconhecer que se trata de uma idéia que para ser operacionalizada precisa-se de muito ideal, paciência e lucidez para lidar com variáveis as mais diversas, interesses conflitantes, objetivos pouco relevantes, restrições de ordem econômica, social e política. Foi uma caminhada longa, tortuosa e só quem vivenciou esse percurso pode dimensionar a complexidade desse processo que desafiou muitas inteligências. Por fim, venceu o ideal, o desprendimento de alguns que lutaram por uma Universidade de Uberaba. Se não foi tudo como o idealizado, pelo menos venceu quem lutou por uma causa maior.

A FISTA, no seu processo de fusão com a FIUBE, lutou por um projeto de educação que permanece vivo nos valores e ações, de quem conseguiu participar dele.

O legado das Irmãs Dominicanas não morreu nas prateleiras dos achados e perdidos. Permaneceu em todos os espaços em que as Dominicanas passaram e na força que nos anima ao longo dos diferentes caminhos. Perdemos um lugar organizacional, mas não deixamos de demonstrar e de tornar viva a dignidade da Instituição FISTA.

Identificação:

Nome completo: ***Zilma Burgiatto de Faria***

- Profissão: Pedagoga e Professora universitária
- Naturalidade: Uberaba
- Estado civil: casada
- Escola de origem: Escola Normal
- Local de atuação: Colégio Nossa Senhora das Dores, FISTA, FIUBE, Valefértil, SESI, Secretária Municipal de Educação de Uberaba (02 mandatos), Secretária Municipal de Ação Social de Uberaba, UNIUBE,
- Início da atividade docente: 1957
- Religião: Católica
- Função atual: Secretária de Educação do Município de Delta – MG

Depoimento realizado no dia 16 de maio de 2006, em Uberaba.

Tenho um carinho especial pela FISTA e pelas Irmãs Dominicanas. Fui “pescada” para entrar no convívio com as Irmãs, pois minha formação inicial foi na Escola Normal, o Ginásio Oficial de Uberaba que tinha sido reativado em 1948. Para entrar no Ginásio havia um exame de admissão muito criterioso e exigente. Quando era aluna no Ginásio participei e fui diretora da Juventude Estudantil Católica, a JEC, que era só para moças. Zulika, Margarida Mariano eram atuantes comigo neste grupo. Padre Prata e Madre Georgina coordenavam a JEC que reunia as alunas do Ginásio, a Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora das Dores. Foi um momento importante de aprendizagem, de troca e muito crescimento. Estabeleceu-se um relacionamento de amizade e confiança. Nós trabalhávamos e estudávamos, isso nos ajudava a ganhar a fidelidade em nossa relação profissional. O vestibular para a entrada na Faculdade foi muito exigente. Várias prestaram, apenas quatro alunas foram aprovadas: Querubina de Uberlândia, Maria José de São Paulo e Maria Ubaldina do Rio de Janeiro. Fiquei sozinha no final, fui a única formanda em Pedagogia, no ano de 1959. Terminei em 03 anos com o Bacharelado. Atuei inicialmente, como professora de Psicologia da Educação e Sociologia Educacional. Tive mestras que me ajudaram muito como Ir. Heloisa com a Didática Geral, Ir. Éster, Ir. Ana Edite. Elas tinham alguns princípios básicos, uma convicção, havia uma identidade com os mesmos ideais, todos se aceitavam. Aquelas que estavam no comando, acreditavam no que faziam. Aprendemos a trabalhar com ideal, a descobrir o outro como ser humano, lidar com os excluídos. Irmã Éster e Ir. Heloisa sedimentaram o trabalho da Didática. Nossa formação era séria, os livros eram em francês. Na década de 60 já falávamos em alocação de diferentes habilidades e

conhecimento, já discutíamos a Taxionomia de Bloom, os elementos essenciais da Didática, seu campo específico. Há pouco tempo, estava fazendo algumas disciplinas para o Mestrado em Educação em São Carlos e aconteceu um fato interessante. Uma professora indicou um livro para leitura, como algo inédito, uma tradução de Hamseby, autor que nós lemos o original em francês e o debatemos na década de 60. Os livros lidos eram em italiano e francês; eram aprofundados de uma maneira que não tinha como você não se envolver. Acontecia uma educação séria, comprometida com o fazer. O professor era instrumentalizado a diagnosticar a realidade e realizar um acompanhamento sistemático. O teor da formação docente da FISTA estava enraizado numa educação social. Havia um cuidado e equilíbrio para lidar com o poder. Ser sempre um professor com humildade. Tínhamos uma prática de leitura que nos levava a refletir sobre o papel do professor. Realizamos um trabalho de liderança na comunidade com diferentes grupos sociais. Algo muito saudável para os alunos, um trabalho sistemático e criterioso que os levou a se comprometerem com a vida e a sociedade. Aprenderam a buscar novas intervenções no próprio fazer educativo.

Acredito que todas as sementes que lancei, hoje são árvores frondosas. Como seres humanos somos privilegiados, temos um papel decisório. Não é saudosismo. É relembrar de concreto o que vivemos, rememorar e criar algo novo, inovar de acordo com o contexto vigente.

Identificação:

Nome completo: ***Elisa Angotti Kossovitch***

Profissão: Professora universitária

- Naturalidade: Uberaba
- Estado civil: casada.
- Filiação: Hélio Angotti e
- Escola de origem: Colégio Sion
- Local de atuação: USP, Faculdade Medianeira, UNICAMP
- Início da atividade docente: 1965
- Função atual: Professora universitária da UNICAMP e coordenadora do grupo de estudos e pesquisas em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural

Depoimento realizado no dia 30 de maio de 2006, em São Paulo.

Entrei na FISTA em 1961 e formei-me em 1964, logo após o golpe militar. Tínhamos na turma no máximo umas vinte e cinco alunas. Quando começamos, em 1961, o curso de Letras ainda não tinha tido a reforma universitária. Tivemos que fazer a opção por línguas. Porque antes era Neo-Latinas, Neo-Clássicas e Anglo-Germânicas. Quando veio a opção, só tinha eu que queria fazer as opções: italiano e francês; por causa da família, meus avós. Muitas foram para o francês e outras tantas escolheram latim e grego. As de anglo-germânicas se desligaram completamente de nós que eram poucas também. Assim, a turma se dividiu por área específica, mas tinham disciplinas em comum, como Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Língua Portuguesa. Lembro-me bem que as aulas comuns, com a turma de grego e latim, de inglês, outra de francês. Os nossos professores eram Luiz Alberto, Regina Furtado e outras que não me lembram mais. A Irmã Georgina era nossa professora de Literatura Brasileira. Fiquei bastante tempo em contato com ela. Nos 100 anos das Dominicanas, fizemos parte do livro de ouro. Sempre muito animada, dinâmica, alegre. Tive aulas com Ir. Heloisa, de latim, com Ir. Rafaela de francês. Com os padres eu tive mais contato, com Frei Bruno, professor de Teologia. Com o Monsenhor Juvenal não tive aulas, tinha grupo de estudo com ele. Outro professor todo revolucionário, “pra frentex” foi Frei Marcelo. Garotão, muito legal que nos deu os princípios básicos da Teologia da Libertação. Foi um período de efervescência. Todas éramos católicas praticantes, grande maioria, nós éramos, aquilo que se pode chamar de catolicismo de esquerda. Catolicismo engajado com propostas de participar daquilo que tinha como horizonte uma possível revolução. Não passava pela nossa cabeça uma revolução comunista porque alguns de nós tinha estudos marxistas, mas a grande maioria nem pensava nisso. Faziam parte de AP, de

JUC e o fato de fazermos parte de AP, sobretudo, representou um perigo na ocasião para nós. Quem era de AP era visado como um comunista. Eu tinha um primo que era militante, na ocasião também, que destruiu as nossas fichas na hora que veio aviso de que os gorilas iriam intervir e seqüestrar os arquivos de AP. Ele destruiu tudo quanto era arquivo, recibo de amigos que pudessem comprometer. Não podíamos correr nenhum risco.

Dom Alexandre podia ser um homem ilustrado, culto, mas era um homem de direita, pertencia a velha igreja, não admitia nada fora da ortodoxia. Podia-se esperar dele outra coisa. Acredito que na minha memória, ele teria dito na ocasião em que o batalhão interveio na Faculdade, ele teria dito que se botasse um dedo numa de suas freiras ele iria pessoalmente ao exército e iria denunciar um monte de coisas que ele sabia dos militares. Ele se colocaria no lugar delas como refém.

Essa prática na FISTA interferiu na minha sensibilidade política, nas concepções que eu tenho das diferenças. O que mudou, o que era, o que eu não posso cobrar hoje, nem das pessoas nem do que esperava delas porque as pessoas mudam. A vida muda as pessoas, não são as pessoas que mudam a vida. Vários colegas meus, amigos, conhecidos meus que se tornaram neoliberais e que foram da militância mais atuante. Discutíveis do meu ponto de vista. Não chego a condená-los até fico magoada com este tipo de trajetória. Mas eu mesma sei que não posso cobrar isso. Porque não é justo. A vida muda as pessoas. A trajetória de vida, o que as pessoas sofreram ou não, o que representou o impacto de ficar sobre tortura, ou de ficar em cana, de ser exilado, é uma sensação que eu não vivi. Vivi, sim, uma sensação de medo muito grande. Não vivi a prisão nem o exílio ou auto-exílio. Grande parte dos exilados se auto-exilou por medo, com toda razão. Não cheguei a passar por isto, mas tive momentos muito tensos na minha vida; porque todos os meus amigos estavam sendo presos e eu sabia que poderia ir sem mais nem menos. Eu não saberia nem o que dizer. Porque o que eu poderia dizer que os indivíduos da repressão já não soubessem. Eu não sei qual teria sido a minha reação se eu tivesse sido torturada. A gente não pode saber; a gente pode imaginar. Não adianta cobrar tipos de reação sob tortura de ninguém. Porque é uma situação muito inusitada não sabe como a pessoa vivencia. Sei que fiquei vários meses sem dormir, qualquer barulho na minha casa me acordava e ficava esperando; isto é muito desagradável, uma tensão infernal. Todos os conhecidos de meu pai amigos de minha mãe diziam que não entendiam porque que *“aquela esquerdinha da Elisa não tinha sido presa”*. Eles achavam que era esquerdinha mesmo. Os amigos de meu pai de direita,

extremamente reacionários disseram que quando eu voltei da França eu voltei com um baú lotado de toneladas de propagandas comunistas. Eram os livros que eu lia. Na época, quando saí da FISTA, deixei de ler Maritain. Fui viver na França e militar com o pessoal do PC francês junto com a Guerra do Vietnã. Participei intensamente da militância em Ex. Era uma militância internacional, não era voltada para o Brasil. Mas era uma militância que estava me dirigindo cada vez mais para o Partido Comunista Francês. Mas eu jamais seria do partido comunista. Porque a obediência partidária é alguma coisa contrária totalmente a minha cabeça. Sou muito rebelde para ser de um partido. O partido diz que tem que ser assim, você não pode ser assado. Eu já estou fora. Isso foi uma coisa que me fez hesitar e me machucou muito. Eu queria pertencer. Essa noção de pertença, tipo fazer parte, de identidade, é um chamamento muito grande. Eu tinha sido militante de AP, militante na Faculdade, militante católica, participante de Centro Acadêmico. Então, para mim era uma coisa natural. Tinha que ter uma pertença qualquer, a uma organização qualquer. E a maneira de me adaptar a uma militância na França no momento de contestação de anti-guerra do Vietnã, foi participar junto com a Neila Cecílio, companheira e amiga, do movimento comunista. Íamos em tudo, manifestações contra a direita, os defensores da monarquia sobretudo no sul França. Era o maior pau, dava o maior cacete; tudo meio à surdina. Éramos bolsistas do governo francês e uma das requisições do acordo dos bolsistas era que não houvesse envolvimento político. Porque isso poderia acarretar perda da bolsa e despacho de volta para o Brasil. Ficávamos muito divididas, mas mesmo assim não nos intimidamos. Foi uma atuação muito legal. Depois a Neila começou a participar ativamente no movimento teatral porque ela curti muito teatro e trabalhava com o ator cristão Gabreil Marcell, um existencialista cristão, autor de várias peças. Ela estava preparando o que hoje chamamos de mestrado. Porém a militância a desviou-a dos caminhos da tese, dos caminhos da academia e ela foi ser só militante e professora. Ficou muito tempo atuando nos grupos teatrais de Exon, com Eni Guariba que acabou ser morta pelos militares de tortura. Era outra brasileira, não de Uberaba, era aqui de São Paulo, era militante mesmo, brasileira de militância mais explícita. Os caminhos da vida mesmo, eu acabei optando pela academia pelos estudos, uma coisa mais voltada para dentro, acabei perdendo o contato com a militância. O fato de me instalar em São Paulo também logo ao voltar da França em 1967 foi definitivo para mim, não tinha ligação nenhuma com os grupos que estavam atuando na Universidade. Eu sentia falta da militância mas não tinha confiança, intimidei-me, os grupos eram muitos críticos,

agressivos, não tinha aquele nível de preparação política. Eles eram estudiosos do Marxismo, extremamente compenetrados. Isto tudo me intimidou. Continuei minha vida, fui dar aulas e fazer uma nova Faculdade. Trabalha com Língua e Literatura Francesa na Faculdade Medianeira que era a faculdade mista dos jesuítas. Hoje não existe mais como instituição civil, apenas como formação religiosa da ordem. Tinha um corpo de missionários, futuros jesuítas, futuros formandos que queriam fazer Letras, Português, Francês e tinham os padres do curso de Teologia. Comecei substituindo o professor Ilário, da UNICAMP que dava aula de Francês e tinha ido para a França para o doutorado. Substitui o Ilário que não voltou. Fui assumindo outras literaturas e línguas. Os cursos atendiam futuras secretárias de empresas, executivas ou pessoas que trabalham no mercado que exigiam a língua estrangeira. Assim, elas foram derivando para a área de inglês, e o francês foi sumindo. A França, na época retraiu, não tinha aquele lugar de destaque, nem brigou por ele, acredito. Foi uma regressão percebida em todos os níveis.

Quando voltei da bolsa de estudos as irmãs solicitaram que eu fizesse um seminário sobre aquela peça de Sartre: As moscas. O seminário de Le Mousch e acho que toquei um pouco de Le Piou, às portas fechadas. Fiz um seminário no qual usei coisas tinha trabalhado no meu mestrado. Quando eu fui, a proposta de fazer aquilo que era chamado mestrado, na época, mas era considerado mestrado, tinha o diploma de estudos superiores. Depois que defendi, voltei para o Brasil e comecei a garimpar emprego. Participaram deste curso na FISTA Terezinha Champanholi, Carmelita, Maria Terezinha. Carmelita foi professora de francês muito tempo lá mesmo.

A formação docente era na linha humanista. Um humanismo totalmente voltado para o humanismo cristão. Você tinha o humanismo existencialista não cristão, que era o recorte do Sartre e dos outros que faziam parte dos partidos comunistas e de várias esquerdas. O humanismo cristão, com o existencialismo cristão com Gabrielle Marcel e todos os autores da literatura, naturalmente, que estavam ligados a esse humanismo. Eu acho que isso marca muito, a formação da gente. Dá uma certa capacidade de perceber as diferenças. Trabalho muito atualmente com a antropologia cultural na educação, voltada para a educação, eu tenho essa habilidade de perceber certas diferenças que muitos dos meus colegas pedagogos, sociólogos, ou que não tem muito desta formação que nós tivemos pode perceber. É uma espécie às vezes, me criticam, de pieguice, de apego às pessoas. Uma coisa que torna a gente mais sensível para a desgraça alheia. Aquilo que pega fundo, machuca, doa, e que de certa forma, a

gente a militância de esquerda me vacinou bem. Do nosso lado pega mais fundo, machuca mais. Isso é de certa forma uma marca do humanismo cristão, não tenho a menor dúvida.

“*A FISTA não foi, a FISTA é*”: Eu acredito que sim, embora não tenha contato com as minhas companheiras de turmas. Mantenho contato com a Neila, minha amiga até hoje, que não está ligada ao ensino. Quando ela voltou da França foi para Brasília, onde trabalhou muitos anos, foi para Uberaba e atuou na Secretaria de Educação, na ACIU, na UNIUBE e depois cortou os laços com a demissão da UNIUBE e com a falta de continuidade da relação com a universidade de modo geral. Ela veio para São Paulo e se casou com um antigo namorado da época da juventude, da militância. Fez o concurso para tradutora juramentada de francês e ela é oficialmente doutora juramentada da língua francesa, com tradução de documentos, dá aulas para executivos que a procure para não perder totalmente o contato. No final das contas, ela é casada com um intelectual da USP, um professor das Ciências Sociais, o Eduardo Gulgmas, um senhor aposentado já, mas que continua na ativa como professor colaborador, orientando, participando de bancas, escrevendo artigos, numa área totalmente diferente daquilo que nós curtimos ou fazemos, mas ligados às políticas de América Latina, econômicas, políticos sociais, do que o nosso recorte. Mas de qualquer maneira, é alguém que tem que estar sempre atualizado. O contato mais próximo que eu tenho é com a Vera Guaritá, Leila Palmério, com a Dedê, com a Neila, com a Maria Antonieta que não era da minha turma, era um pouco antes, de quem fui muito próxima, com a Cremilda Sucupira Montandon, da minha turma. Tenho contatos até hoje, como companheiro de trabalho com o Eduardo Junqueira Guimarães, ex-aluno e ex-professor da FISTA.

Tenho uma vaga lembrança das revistas “Série Estudos”. Era de uma época que eu não estava mais lá. Trazia muitos artigos de professores que se preocupavam com a pesquisa. A gente tinha uma coisa mais acanhada, na época em que a gente estudava lá. Era mais voltada para a própria atividade universitária interna, para os estudos, talvez fosse algo provinciano, sem nenhuma conotação pejorativa com o termo provinciano, mas uma coisa mais acomodada, acanhada, mais limitada com as possibilidades que a gente tinha ou percebia na época. Certamente numa intensificação das relações com a França, São Paulo, Rio e tudo mais as coisas tivessem tomado outras proporções. De certa forma estávamos envolvidos com o Teatro Amador. Trabalhei com o Teatro Amador na própria faculdade. Dione de Resende era a nossa diretora, era da turma da Elsie, gostava muito de teatro, estudava, se interessava pelo teatro desenvolveu um

teatro amador dentro da FISTA. A gente tinha uma peça por ano. Foram duas ou três peças que criamos antes de montar o NATA. NATA era um grupo formado por alunos das Faculdades, mas não tinha uma conotação universitária. Sua origem não foi na universidade. Foi de um rapaz que era dono de livraria, o Deusedino Martins, que tinha grande paixão por teatro, que se envolveu com o teatro como estudo e interesse. Dirigiu peças nesse núcleo de teatro amador. Quando a Dione mudou para Brasília, em 1963, o teatro amador da Faculdade desapareceu. Não tinha ninguém com a gana dela para dar continuidade. Nenhum de nós, atores, jamais havia pensado em dirigir peças teatrais. O nosso trabalho era com a ação teatral, mas nunca com a direção. Quando o Deusedino fundou o NATA, eu integrei-me imediatamente ao grupo. Teatro para mim era uma cachaça, um vício, como a militância. Eram duas coisas que eram imprescindíveis em minha vida, não abria mão. Foi uma opção difícil depois de ter aberto mão da carreira teatral, se é que ela jamais existiria, porque a gente nunca pode dizer “se eu tivesse...” Na hora de optar eu preferi optar pela carreira universitária, pelos estudos. Eu participei também dos grupos de estudos. A gente tinha pelo menos um grupo efetivo. Quem estava no Centro Acadêmico, quem estava no Teatro Amador, quem estava na militância estava num grupo de estudos infalivelmente.

Lembro-me de ter tentado fazer, logo que comecei na militância política universitária, existia apenas a JUC- Juventude Universitária Católica. A minha participação, eu sentia, era recebida com reticências. Pois, eu era filha de um homem rico, presidente do PTB da cidade, amigo pessoal do Jânio Goulart... Então, eu meio que: “o que esta burguesa está fazendo aqui.” Fiquei muito decepcionada com o meu primeiro contato com a JUC. Eu achava que ia para a JUC para militar política, discutir política. As reuniões da JUC das quais eu participei todas elas tinham a leitura do evangelho. Eu não estava a fim de ler o evangelho, não era isto que eu queria. Não era por essa linha. Olhei e pensei: das duas uma: ou eles estão disfarçando porque eu sou suspeita de ser burguesa, ou não sei. Queria a militância política. Aprender Marx, ler Marx, discutir a militância de esquerda, a nova Teologia da Libertação que estava estourando no Brasil e não estava acontecendo nada. Não era isso que eu queria. Pouco a pouco fui me distanciando e fui me integrando aquilo que era a representante da AP. Eram da JUC como disfarce, para participar da AP. Fui me ligando pouco a pouco. Não participei de nenhuma reunião da AP. Quando meu primo me disse: “Destruí sua ficha de inscrição na AP!” Surpreendi-me, pois não me inscrevi na AP. Nunca ninguém me convidou. Era por convite, na época, tanto para a JUC como para a AP. A ficha estava

lá. A minha ficha, da Neila Cecílio e outras amigas. Se fui colocada, me sinto bem colocada. Na verdade, nunca tinha participado da AP nem de grupos de estudos que me ligasse a AP, explicitamente. Uma opção ideológica mesmo.

A minha diretora da FISTA era a Irmã Tarcila. Eu me lembro quando da intervenção militar quando mandaram os representantes dos militares pedir que denunciássemos os comunistas que estavam presentes em nossa faculdade. Foi uma assembléia bastante tumultuada na FISTA. Meu pai tinha me pedido, pelo amor de Deus, para ficar calada, não abrir minha “bocona”, porque aquilo lá era gente da barra pesada. Eu não consegui ficar calada. Eu abri a boca e a gravação está em posse dos dominicanos do Rio. O Frei Lucas tem isso; um depoimento contundente contra a “dedodurismo”, contra a denúncia e a delação. Formei-me em 1964 e fiz o discurso de formatura que também foi contundente, triste, estávamos de luto. Tínhamos perdido não a esperança, mas tínhamos que colocar entre parênteses porque os militares estavam entrando para ferrar a gente. Os Centros Acadêmicos eram legítimos e foram dissolvidos na tal intervenção. Foram destituídos, devíamos convocar novas eleições para um novo Centro Acadêmico. Pediam que denunciássemos aqueles que não estivessem de acordo ou conforme as novas regras. Isso nos marcou profundamente. Tivemos que esconder muito material; o que pudesse ser considerado suspeito que estava nos arquivos do Centro Acadêmico, que estavam na Biblioteca da Faculdade, que estava na sala dos estudantes; tivemos que esconder. Eu tinha um parente que era ligado à Aeronáutica. Escondi no telhado da casa dele. Pedi licença e disse: *“Estou escondendo um material aqui que não é subversivo, como vocês dizem. Mas é um material que se for pego conosco pode nos comprometer e levar a nossa prisão. Então, como você sabe que militar não é bonzinho você é um deles, você vai me fazer este favor, como bom tio que você é e diz que gosta muito de mim.”* “Pode deixar, minha sobrinha. Fica aqui e está guardado. Ninguém entra nesta casa porque sou membro da Aeronáutica.” Este material ficou lá anos. Até muito recentemente minha tia perguntou o que iria fazer com aquele monte de papel que estava lá. Pedi que me devolvesse, pois há muita gente que está trabalhando com os arquivos, com esta memória, irá servir muito.

Um dos jornais da época que eu guardei foi o “Brasil Urgente”. Era uma publicação de esquerda, do Frei Carlos Josaphat. Fui assinante de carteirinha deste jornal que, na época, era altamente comprometedor. Tinha muitos números que foram aproveitados por uma ex-orientada nossa da UNICAMP que trabalhou com os anos de chumbo, a repressão militar, a luta estudantil na época. Ela os utilizou para um

levantamento que precisava; hoje em dia, eles estão na minha casa. Frei Carlos Josaphat era o diretor do Brasil Urgente. Depois eu perdi o contato e não o conheci pessoalmente. Tinha grande admiração, paixão, respeito por ele, mas não cheguei a conviver com ele. Porque o fato de ser aluna dos dominicanos do interior, alguns de nós tínhamos um contato com os dominicanos de São Paulo. Mas eu, além do contato que tinha com alguns colegas que depois eu tive na filosofia da USP, quando fiz filosofia, não tive contato com a militância. Eram futuros frades, em geral, estudaram filosofia. Ou seja, socialismo e história. Eu fui colega contemporânea de alguns destes futuros dominicanos, jovens principiantes que estavam na filosofia da USP. Meu contato com os dominicanos de São Paulo foi pela universidade e não pela militância. Porque eu estava solta, desgarrada, descontextualizada do contato com a militância de São Paulo. Não sabia para que lado eu ia me virar. Estava muito envolvida com o meu casamento ao meu marido, a quem sempre fui muito ligada e deixei toda militância e toda minha vida pessoal. Não tenho filhos. Decidimos não tê-los.

A saída dos dominicanos de Uberaba foi algo muito forte. Não esperava isso. Como sabemos que as ordens religiosas estão em crise, como não está com a orientação oficial da igreja, não tem como. Enquanto não decidirem que os padres têm os mesmos direitos, são gente, merecem ter uma vida normal, com qualquer pessoal, com as opções emocionais, sexuais políticas e morais. Enquanto eles quiserem adotar estas restrições do ponto de vista da Igreja Católica oficial, nós vamos ver um descalabro total pelo lado das ordens. Não quero que isso aconteça. Mas acho que caminhamos para isso.

Na época do Vaticano II, nós líamos bastante. Lembro-me que Concílio, as encíclicas foram leituras intensas dos grupos de estudos que estávamos inseridos. Isso realmente eu perdi totalmente. Deixei de ser católica praticante. A vida mostra tanta coisa para gente que... A prática Católica tal como põe-se, a própria fé, a gente pela relação que tem com a racionalidade a gente contesta esta fé. Onde há razão a fé não pode viver; coloca-se o tempo todo, pergunta o porquê, você questiona. A fé não admite questionamentos. É fé e acabou. Eu não gosto desta coisa de pão, pão, queijo, queijo.

A FISTA estava à frente anos luz do que a universidade se tornou hoje. Não em termos de oportunidades para escolha; a gente tinha as oportunidades limitadas ao ambiente no qual nós estávamos, com os cursos limitados e os professores dentro de suas limitações. Mas dentro do tipo de abertura de espírito e das possibilidades de você se interessar por uma coisa que caiu de moda que eu chamaria de ecletismo; era uma coisa muito forte na FISTA. Você tinha um leque de oportunidades não local, mas que

você podia se lançar sem nenhuma vergonha, para qualquer outro horizonte. Podia dizer: eu estou preparada para enfrentar este horizonte, mesmo que eu não tenha o conhecimento material do mundo, da seleção de autores ou de textos, do horizonte crítico, da amplitude crítica deste horizonte, eu estou preparada para entrar, para encarar e acabou. Esta abertura as dominicanas, ou melhor, os dominicanos, forma únicos a dar, no mundo inteiro. Eu sempre fui, com exceção dos três anos em que estudei no Sion de Petrópolis, aluna das dominicanas. Fui aluna do ginásio, no clássico no Sion, voltei e me inseri numa Faculdade de orientação dominicana. Depois o contato no exterior com os dominicanos, fora da FISTA, na universidade, na convivência, na militância ou na discussão da vivência universitária, eles têm uma abertura *sui generis* para as coisas. Eles são completamente fora dos padrões. Talvez seja essa uma das explicações do fato dessa ordem estar regredindo. Porque você não tem mais esta gana do saber, do conhecimento, uma coisa mais geral, uma amplitude que eles tinham. Hoje em dia, ou você se especializa ou você está perdido. A universidade está voltada, sobretudo, para os processos de avaliação, para a especialização. Quanto mais setorializado, mais voltado para aquele determinado ponto de agulha, quanto mais se aprofundar, você é o melhor. Isso era uma outra noção de avaliação. Se a FISTA continuasse funcionando naqueles moldes hoje, ela não teria absolutamente nenhum apoio dessas CAPES, CNPQs e coisas da vida que ficam procurando as excelências. Esse nível de excelência com o detalismo que é atualmente. Eu não acredito de modo nenhum, aliás, felizmente na Faculdade em que eu trabalho há muitos ex-padres, ex-militantes da Igreja Católica, ex-católicos, e até católicos que têm essa percepção que os não católicos, os ateus que não tiveram nenhuma formação ou contato com essa ligação religiosa. Esses outros não têm. Uma cultura mais ampla, mais voraz, até. Podemos até ser acusados: “Vocês atiram em todos os alvos.” Não tem importância. A gente atira e às vezes não acerta nenhuma. Mas eu acho melhor. Tem uma pluralidade que eu acho fundamental para a gente viver neste mundo de hoje. Isso não faz parte mais dos níveis de excelência considerados, hoje, pelos órgãos financiadores de pesquisa.

É uma aceção que a gente tem, uma compreensão. Na verdade, você admite que o mundo muda, as coisas mudam, as exigências mudam, mas não vai ser em nome disso que vou fazer a “minha carreira”, como vários amigos e conhecidos fizeram. Carreiras em que eles estão no topo. Em tudo que é instituição de financiamento de pesquisa, por exemplo, dando as cartas e dizendo:” Por isso que vocês não recebem apoio; por isso que estão com poucos alunos, correndo um risco de serem fechados

porque não têm os níveis de excelência que são requeridos hoje pelo padrão de qualidade na universidade hoje.” Eu me pergunto muito por este padrão de qualidade. Eu não sei se ele é tão qualitativo assim. Ele é mais quantitativo. Esta postura pode até ser chamado de fidelidade aos princípios. Uma coisa que caiu de moda. Considero-me uma espécie de membro do parque jurássico, em extinção. Não é vantagem nenhuma para mim, mas comparo minha trajetória com a trajetória de colegas que se tornaram importantes, famosos pelo Brasil a fora, e estou fazendo o meu trabalho na minha, no meu canto escrevendo as minhas coisas e pronto, acabou. Isto me basta. Não quero projeção nacional nem internacional. O estrelismo não faz parte desta minha atribuição contemporânea. Há valores que fazem parte da formação inicial.

Frei Marcelo, todo garotão foi nosso professor. Depois saiu do convento. Frei Bruno está no Rio, parece que é prior. Ele é um dos remanescentes da ordem. Elas vivem hoje uma crise; como manter por menor que sejam as comunidades dominicanas se não alocarem os prédios, para as atividades complementares que possam render algum dinheiro. Suponho, não sei, que os dominicanos trabalhem e ganhem seu próprio sustento. Eles têm arrumar recurso para sobreviver.

As dificuldades financeiras, com certeza, provocaram o fechamento da FISTA. Não assisti diretamente, mas fiquei sabendo com surpresa e desagrado a passagem para a FIUBE. É um destino meio que perverso das universidades privadas no Brasil. Ou elas demonstram competências diversas para viver nesse novo mercado de demanda; demanda por formação, de preparo para um mercado cada vez mais voraz. Ao oferecer espaço para essa demanda ela tem que cobrar pelos cursos que oferece. E um estreitamento cada vez maior dos recursos pessoais das pessoas que estariam disponíveis a frequentar uma universidade particular. Porque na verdade, o grande discurso do neoliberalismo, qual é? A universidade particular veio preencher um vazio da universidade pública. Porque a universidade pública recebe aqueles que têm melhor preparo, portanto filhos de ricos, que estão preparados desde a escola elementar até ao ensino médio e complementar; prepara estes alunos de classes abastadas para o ensino público gratuito. Mentira. Porque se você fizer um levantamento na UNICAMP, não digo nas áreas das exatas ou de ciências que são áreas promissoras para o mercado, mas na área de humanas, o nosso contingente, é enormemente de filhos de classe não abastadas, pessoas simples, pobres e sem recursos. Eu vejo nossas alunas da Faculdade de Educação, você conta nos dedos de uma mão as alunas que são filhas de pais abastados. A maior parte de nossos alunos é de gente muito humilde, gente muito

simples que não teria recursos para estudar numa escola que não fosse pública e gratuita. E acho que isso é um dado fundamental que é omitido da mídia. A mídia omite isso propositalmente na sua campanha em nome do neoliberalismo. Não temos um contingente majoritário de alunos de classes não abastadas ou de classes simples. É um estudo ao qual eu não tive tempo de me dedicar, mas que eu recomendo seriamente a quem tem me procurado para sobre tema de pesquisa, ou sobre o que pesquisar, eu gosto disto ou daquilo... Sempre digo: se você tem algum interesse em levantamentos quantitativos ligados a universidade pública versus a universidade privada, é a hora de mostrar, de pesquisar. Porque está faltando pesquisa nessa área, a mídia está nas mãos da burguesia e da classe dominante do neoliberalismo. De qualquer maneira, é uma campanha orquestrada e continuada pelos nossos colegas que fazem carreira em nível nacional, nas instituições que o financiamento é real. Falam de um lugar de sabedoria e não de crença. Porque, uma coisa é eu saber que meu aluno da Física, da Ciência da Computação, quando da engenharia de alimentos, tem lugar garantido no mercado de trabalho até um certo ponto também, está num eixo de transação, de transição entre o primário. Outra coisa é trabalhar com o pessoal de Letras, de Filosofia, de Educação que é outro sentido, outra frente de trabalho, que não têm as mesmas oportunidades. Acredito que os estudantes da Física, da própria Matemática ligada à educação, não sejam profissionais competentes. Acredito plenamente na competência deste profissional porque conheço os meus colegas na profissão e na formação deste profissional. Ele tem muita mais chance neste mercado voraz, no trabalho neoliberal do que a minha orientada de Pedagogia ou a minha formanda de Educação. Nós tivemos um contingente humilde este ano de alunos formandos que fizeram concurso. Abriam um concurso por todo o Estado de São Paulo, desde a capital até todas as cidades do interior, em que os nossos primeiros aprovados e os melhores colocados foram os alunos da Educação da UNICAMP, da pedagogia da UNICAMP, recém-formados e licenciados alunos que saíram das nossas mãos. É gratificante, mas também é uma luta. Porque eles têm que trabalhar 40 horas para sobreviver. Com o salário que o “mercado público” de trabalho oferece. Eu tenho as meninas recém-formadas e pergunto como está a vida e elas dizem: “Ai, professora estou quase morrendo de trabalhar!” E é isso, correr atrás, ir à luta. Porque o mercado é muito competitivo. Na UNICAMP toda descobriu um meio, através da escola de gestores, os formados, profissionais na área de educação ligados a todos os setores da educação fazem a escola de gestores. Está sendo uma lacuna que está sendo percebida na área de educação que ninguém sabe gerir. Nós somos bons professores,

mas não sabemos administrar uma escola, não sabemos como funciona, pois nosso envolvimento é com o ensino. De repente, isso é fundamental para preparar um bom professor. Na convivência com a faculdade na qual eu trabalho, essa abertura, essa capacidade de perceber, que tudo aquilo que eu considerava indigno de um intelectual era entender de negócios, entender de uma administração e do funcionamento de uma escola, é essencial. Porque senão eu estou falando no deserto, dando aula para um monte de e.t. que vai cair numa sala de aula, não sabe fazer absolutamente nada a não ser, dar o seu objeto de estudo para os alunos tentarem entender. Ele tem que saber também onde ele estará inserido, como está inserido, quais as condições de trabalho dele e quais são as condições de formação do aluno dele, senão ele está perdido.

Alceu Amoroso Lima esteve na FISTA em 1960, a convite da Ir. Georgina que foi aluna dele no Rio, na PUC. A faculdade levava autores de livros que a gente lia, pessoas de renome para nossos encontros e debates. Tanto é que o fato da Neila e eu termos ganho a bolsa de estudos do governo francês, em 1965, veio não do nosso mérito pessoal, mas do mérito de Ir. Rafaela. Ela era conhecida no consulado francês do Rio de Janeiro e o consulado francês tinha feito um comentário, na época, que todos os bolsistas que saiam do Brasil, para fazer mestrado ou doutorado, saiam da USP, ou da UFRJ ou da PUC do Rio ou da PUC de São Paulo. Eles queriam variar um pouco o quadro de estudantes, mas que ninguém nunca se inscrevia. A Ir. Rafaela que sugeriu a Neila e a mim, quando estávamos terminando o curso, éramos alunos “cdf”, aplicadas, estudiosas e interessadas, queríamos fazer de tudo. Ela sugeriu para que fizéssemos a inscrição para a bolsa de estudos na França. E por que não! Avulsas, solteiras, começando a vida, não tínhamos contrato de emprego, nada que nos prendesse nem um noivado, estávamos começando a vida profissional. Encaramos esta. Fomos nos inscrever na galega, na raça e na coragem. Ser vier, veio. A gente não estava nem mais pensando nisso, dando aulas no colégio e eu no ginásio especial da própria FISTA das irmãs dominicanas, que se chamava de Ginásio Experimental. Estava já habilitada desde 64 e fui dar aulas de Português para os meninos do ginásio e como era formada pelo ICBEU de inglês, lecionei Português e Inglês. Nesse período saiu o resultado da bolsa e era pegar ou largar. Largamos tudo do dia para a noite. Saiu o resultado no final de agosto ou começo de setembro e início de outubro era para embarcar. Tivemos que arrumar tudo às pressas. Nunca vou me esquecer de uma das irmãs das quais não gostávamos porque era muito rigorosa, muito exigente, era a Irmã Éster. Era muito crítica e irônica. Largamos as coisas pela metade nas mãos das irmãs e fomos cuidar de

nossa vida. E ela questionou: “Elas vão embora assim sem mais nem menos? E o curso?” Sentimos muito e fomos embora. Houve algo muito interessante, pois havíamos feito a opção por Paris, claro, o centro do mundo, centro dos estudos... Só que na entrevista no consulado com o adido cultural, no Rio de Janeiro, ele olhou para as duas e falou: “Eu não vou deixar vocês irem para Paris. Vocês não vão habituar em Paris. Vocês vão precisar de um estágio na Provença. Então vocês vão para um lugar quente, lindo, cheio de estudantes, onde há famílias que se inscrevem no programa de acolhimento aos estudantes estrangeiros e vocês vão se inserir na sociedade francesa através destas famílias.” Eu olhei aquilo e pensei: Será que a gente é tão filhinha de papai ou será que somos tão caipira que esse cara acha que não temos competência para administrar nossa vida em Paris?? Acredito que já foi o conselho mais sábio que alguém já deu para a gente. Porque Ex-Provence era um paraíso, paraíso de estudantes, do sol, do calor, da natureza maravilhosa, estávamos muito próximas do Brasil. Ele dizia: “Não vou mandar vocês para aquela cidade fria, medonha hostil, sem nenhuma relação com as pessoas locais.” Pouco a pouco fomos fazendo esta inserção. Foi a coisa mais sábia que alguém já pudesse sugerir. Nós não tínhamos outra informação que não fosse Paris. Ir. Rafaela já tinha recomendado nomes de professores que trabalhavam na ocasião em Sorbonne para nos receber como orientadas. Ficamos sabendo depois, em contato com outros brasileiros que estavam em Ex, com bolsa de estudos, que tinham vindo da USP, que o fato de nós duas “caipirinhas de Uberaba” termos ganho duas bolsas por uma faculdade de origem católica, de freiras e particular tinha causado uma maior revolução na USP. Um dos manda-chuva da USP na ocasião tinha dito: “O que elas têm que as minhas orientadas não têm? Em que ela são melhores?” Não são nada melhores, inclusive são piores, saindo de uma Faculdade do interior de Minas, de que ninguém ouviu falar. Muito bem. Fomos e fizemos tudo o que tinha que fazer, as orientações, as trajetórias, os estudos dentro de nossas possibilidades. Ao voltarmos já formadas, fiquei em São Paulo e a Neila foi para Brasília, não sei qual foi a trajetória dela. Mas na USP, cada vez que eu me apresentava as pessoas diziam: “Ah, você é aquela?!” “ Aquela quem?” “Aquela que tomou a bolsa de estudo do fulano de tal.” Não tomei a bolsa de ninguém. O sujeito em questão foi professor famoso de francês da USP, teria dito na época que nós havíamos jogado todo o nosso charme em cima do adido cultural, que não era de se jogar fora. Se foi o nosso charme ou não, se foi a nossa competência, ou nossa educação, o que foi, sei que conseguimos a bolsa e foi tudo muito bem, ficamos contentes e voltamos cada uma para sua função, na trajetória de vida. Porque ninguém

tinha as cartas marcadas em lugar nenhum. Se tivesse voltado para Uberaba, provavelmente eu teria me tornado professora da FISTA de francês, com toda certeza. Teria feito a minha trajetória como todas as demais colegas fizeram. Mas por acaso a vida quis que eu ficasse aqui. Infelizmente Uberaba não avançou em relação ao ensino superior. É um dado que se existisse uma genética da cidade de Uberaba, poderíamos dizer que da época de ouro do Zebu até os dias de hoje, ao invés dela evoluir ela só involuiu, em termos de progresso. Porque teve aquela febre do Zebu em que os homens e mulheres viajavam pelo mundo todo tinham dinheiro para jogar pela janela, palacetes maravilhosos, tinham uma cultura que tinham, alguns se formavam ou não, faziam estudos no exterior, fora de Uberaba, se cultivavam ou não ao sabor das suas tarefas. Você teve a queda da febre do Zebu, tudo desapareceu, as fortunas murcharam, se encolheram, se intimidaram e ficaram no seu canto. Depois você teve o surgimento das universidades, escolas, faculdades, etc. Ao invés de se tornar uma UFU, como foi em Uberlândia, ficou aquela coisinha acanhada, restrita, fechada e acabou se tornando isso que tem hoje: UNIUBE versus umas outras faculdades que tentam com dificuldades sobreviver. A Medicina que felizmente não conheceu uma diminuição, mas só cresceu, aumentou e tornou-se federal. Agora, o que é que diferencia Uberaba de Uberlândia? A falta de espírito de aventura. Uberlândia tem o espírito aventureiro e Uberaba não tem. Uberaba não se lança em nada que represente nenhum risco para ela. Sob pena de desaparecer do mapa se ela não se lança em nem uma aventura. Daqui a pouco o aeroporto torna-se uma peça de museu, aeroporto museológico porque não tem mais vôos, avião que desça lá. Quando tem, é aquela coisa horrorosa do Pantanal que explora as pessoas porque cobra um preço exorbitante.

Como dizia o velho Deca, escritor dos famosos livros condenados por Dom Alexandre que era o “Pântano das Almas perdidas”, que tinham um outro editado na época, ou mesmo anterior a geração dos meus pais que eu não cheguei a conhecer, dizia: “Uberaba tem uma caveira de burro enterrada na entrada da cidade. Chegou lá, tudo que é montado lá, regride.” Não vai nada para frente. Parece uma espécie de uma sina maldita. Tudo regride. Olha, não sei se foi praga dele, mesmo ou de outro uberabense muito maldito, que realmente é uma tragédia. É uma pena. Não tem bem feito nem mal feito. É uma pena que as coisas aconteçam dessa maneira.

A FISTA enquanto faculdade das dominicanas sofreu o destino das instituições ligadas ao convento dos dominicanos, a crise da própria congregação religiosa. Se você não tem uma determinação de um grupo de pessoas que estejam envolvidas nesse

processo de pertencer a uma congregação religiosa, de investir nessa trajetória, aí você não vai ter continuidade. Ou mesmo que fossem leigos, mas com uma ligação mais intensa com esta congregação para levar o trabalho dela adiante. Um corpo de leigos ou um corpo organizado, o que fosse, que assumisse a direção de uma determinação de continuar esse trabalho. Não tendo isso é muito difícil. De certa forma, os que saíram são testemunhas. Se bem que se você amanhã me perguntasse se eu voltaria a Uberaba, eu volto muito a Uberaba, constantemente, para ver minha família. Porém não tenho a menor intenção de me instalar de volta a Uberaba. Hoje é outro tipo de relação. É lugar de férias, de descanso, de referência para mim em termos de calor humano, amizade, simpatia etc. etc. ... Mas não tem aquela coisa de que eu tenho uma missão para cumprir em Uberaba. Não ficou isso. Nenhum de nós, que tenha saído tinha essa ligação tão forte assim.

Em muitas universidades há obstáculos, dificuldades de acesso. Por exemplo, o estatuto da UNIUBE é um estatuto público, qualquer cidadão poderia ter acesso a ele, caso quisesse. Deveria estar disponível em rede. Pode ser uma universidade privada, mas o estatuto foi aprovado em todas as instâncias, do Brasil, ligadas à educação e tem que estar disponibilizado para uso público.

ENTREVISTA

I. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome: Maria de Lourdes Melo Prais

1.2 Idade: 63 anos

1.3 Estado Civil: Solteira

1.4 Formação Acadêmica : Mestre em Filosofia e História da Educação

1.5 Profissão: Professora

1.6 Função Atual: Assessora Pedagógica e Consultora Educacional

1.7 Local(ais) de Atuação: Faculdade Talentos Humanos de Uberaba
Instituto Paulo Freire
Prais & Prais Consultoria Educacional LTDA

1.8 Início das atividades docentes: a) **Formalmente:** 1964
b) **Informalmente:** 1958

1.9 Religião: Católica

1.10 Escola de Origem: **Escola Básica:** Colégio Nossa Senhora das Dores
Ensino Superior: Faculdade de Filosofia Ciências e
Letras Santo Tomás de Aquino – FISTA

1ª) Como surgiu a oportunidade de lecionar na Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino?

No ano seguinte ao da minha formatura no Curso de Pedagogia, realizado na FISTA, recebi três propostas de trabalho, dentre elas a de lecionar "Psicologia da Educação" na própria faculdade. Recém formada, assustei-me com o desafio da tarefa e preferi dedicar-me as outras duas propostas: a direção da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, recém criada, e as aulas no Curso de Magistério do Colégio Nossa Senhora das Dores, adiando assim o início de minha atividade docente na Faculdade Santo Tomás. No ano de 1968, voltei a ser procurada pela Direção da Escola para assumir as aulas de Sociologia da Educação, que Padre Prata, meu ex-professor, estava deixando por acúmulo de trabalho. Padre Prata foi quem me indicou e eu, como adorava Sociologia, certamente por influência dele mesmo, (adorava suas aulas) aceitei a proposta sem relutar. Em seguida, vieram novos convites para assumir outras disciplinas: Psicologia da Educação, Cultura Brasileira, Sociologia Geral, Filosofia da Educação e Metodologia Científica e assim, pouco a pouco fui me tornando, cada vez mais "*fistiana*", tal a minha identificação com os princípios e a forma de trabalhar, essencialmente humana, daquela instituição.

2ª) Quais os traços marcantes da formação docente da FISTA, no que se refere à concepção de currículo? De que forma a legislação (Lei 4.024/61; Lei 5.540/68; Lei 5.692/71 e outras) interferiram nos rumos da faculdade?

Sabemos que só recentemente, o currículo passou a ser tema de interesse e discutido no interior das escolas, pois, até bem pouco tempo, o espaço privilegiado para suas definições esteve restrito aos órgãos centrais, como o MEC e, em menor escala, as secretarias estaduais e municipais de educação. Esses órgãos, guardadas as devidas proporções, operaram, ao longo de tempos, subseqüentes, reformas curriculares, na ilusão de que, por meio delas, fosse possível alcançar as finalidades oficiais da educação a serem, "supostamente", incorporadas pelas instituições escolares. Em outras palavras, apostava-se em tais reformas para adequar as agências educativas às direções político-ideológicas e às necessidades de mudanças sociais e econômicas do país sem, ao menos, buscar o envolvimento dos educadores.

Como não podia deixar de ser, na história da FISTA, a organização curricular se deu da mesma maneira. Entretanto, hoje, com uma distância necessária para analisar o seu trabalho, percebo que, embora de forma quase intuitiva, houve na FISTA - numa antecipação dos tempos atuais - a compreensão do currículo como *práxis*. Desse modo, posso dizer que a concepção de currículo, que permeava o trabalho educativo da FISTA, foi, sabiamente, entendida como uma estrutura que se compunha na prática, construindo-se no processo mesmo de sua concretização, auto-organizando-se à medida que as regulações se faziam necessárias, obedecendo a dinâmica da instituição e das experiências nela vividas.

Neste sentido, mais do que parte integrante de um projeto pedagógico, formalmente elaborado, (exigência que, aliás, não existia naquela época) o que, verdadeiramente, produziu o diferencial curricular da FISTA, como "escola de formação, essencialmente, humana", foi o fato, de sempre, se buscar explicitar as finalidades do fazer educativo.

Neste sentido, sempre foi considerado como imperioso na FISTA, reflexões e debates do tipo: quem somos nós, qual a nossa identidade como instituição, onde pretendemos chegar, com que recursos contamos, o que é possível fazer para potencializar ou obter a base material e humana necessária à realização do que defendemos? Quais as finalidades da educação que devem nortear a nossa prática educativa?

Várias eram as referências teóricas que sustentavam estas reflexões e discussões. Desde as representadas pelos documentos oficiais, a exemplo da Constituição Federal, LDBN Lei Nº 5.696/71, a Lei da Reforma Universitária - 5.540/68, até aquelas propostas por pensadores de diferentes posições. Apesar disso, era possível encontrar algumas vozes mais consensuais. Uma delas, a daqueles filósofos que se identificavam com a defesa das finalidades que concorriam para ampliar e aprofundar o *humanismo cristão*. Dentre eles ressaltamos como mais importantes: Jacques Maritain, Teilhard de Chardin, Manoel Emounier e, no Brasil, a de Paulo Freire, também influenciado por estes autores e que, na década de 60, se despontava como o filósofo da educação comprometido com a Pedagogia da Libertação.

Neste sentido, o "currículo ensinado" entendido como *"um conjunto de experiências e atividades escolares, intencionais ou não, envolvendo todos os agentes da cena escolar"* - hoje tão valorizado pelos estudiosos como responsável pelo o que verdadeiramente se aprende na escola - foi, de fato, o que se viveu na FISTA.

O resultado desse fazer educativo, evidenciado pelos sucesso dos seus ex-alunos, demonstra, de forma contundente, que o currículo na FISTA não resultava de um rol de disciplinas logicamente encadeadas e organizadas, mas era fruto do que realmente se vivenciava na escola como um todo.

3ª) Qual a relação da história do currículo com a concepção antropológica de Paulo Freire?

Paulo Freire representa seguramente um dos fenômenos educativos mais importantes do século XX. A sua obra, entrelaçada com a sua própria personalidade não é somente um capítulo a mais dentro de uma possível história da pedagogia ou do currículo do século XX, mas, de alguma forma, foi e continua sendo um imprescindível ponto de referência prático-operativo para a organização curricular e ação educativa de diferentes instituições voltadas para a formação de professores, e alunos de diferentes níveis, bem como de animadores, trabalhadores, grupos, organizações e movimentos sociais que trabalham em diferentes partes do mundo com temáticas **que têm no homem a sua centralidade** como: o processo de conhecimento como uma prática da liberdade; a pedagogia como uma prática dialógica, utópica, amorosa e libertadora, a conscientização e transformação social entre outros, fazendo da pedagogia uma verdadeira antropologia.....

Além dessas, outras tantas temáticas privilegiadas por Paulo Freire demonstram a sua visão antropológica e a atualidade de seu pensamento por serem integrantes de várias orientações curriculares da contemporaneidade, dentre elas ressaltamos:

- ✓ A ênfase no diálogo como determinante da relação pedagógica;
- ✓ A relação entre política e educação;
- ✓ O respeito à ética universal do ser humano;
- ✓ A ênfase na liberdade, autonomia e dignidade humana;
- ✓ A pedagogia centrada no amor, no anti-autoritarismo e na democracia;
- ✓ A crença na capacidade do aluno de organizar a sua própria aprendizagem;
- ✓ O respeito à liberdade de expressão;
- ✓ A idéia do "aprender fazendo";
- ✓ A importância do trabalho cooperativo;
- ✓ O respeito ao conhecimento do aluno;
- ✓ A importância da "leitura da realidade";
- ✓ A aquisição de conhecimento como fator social;
- ✓ A necessidade de associar a conquista da palavra à conquista da história;
- ✓ A compreensão do homem como ser inacabado;
- ✓ A idéia de aprender com a própria prática;
- ✓ A insistência na relação teoria e prática;
- ✓ A exigência da rigorosidade metódica;
- ✓ A compreensão da história como possibilidade e não como determinação;
- ✓ A busca da transformação social através da consciência crítica;
- ✓ A denuncia da alienação desumanizadora.

Todos estes temas relacionam e aproximam Paulo Freire de muitos pensadores da atualidade, bem como o colocam como "fundante" da vertente antropológica de currículo.

4ª) Jacques Maritain foi referência para o corpo docente da FISTA?

Com certeza, como instituição de origem católica - dominicana, denominada: "Santo Tomás de Aquino", a FISTA não poderia ignorar aquele que é considerado o mais importante pensador católico deste século, Jacques Maritain (1882-1973) considerado um dos maiores intérpretes do chamado neotomismo. Talvez, por isto mesmo, Maritain influenciou toda uma geração de professores e alunos da FISTA.

Como falar de Maritain é falar de Tomás de Aquino, não podemos esquecer que o humanismo-cristão, propugnado por Maritain, é o humanismo integral, como o de Santo Tomás, quer dizer, é o

humanismo que não desconhece nada daquilo que pertence ao homem. Por isso, na FISTA alunos e professores não ficavam indiferentes aos fins temporais da história humana. Educávamos, cristamente, para o crescimento desta história.

A palavra chave do humanismo de Jacques Maritain é a palavra amor. A palavra chave da FISTA, identificada entre os seus era o "amor ao próximo: *"Não posso amar a Deus se não amo a meu próximo"*, era o lema daquela comunidade acadêmica.

O ideal utópico de Maritain, que pressupunha uma sociedade mais justa, humana, sem classes dominantes e construída pelo próprio homem, a partir vivência de valores cristãos se transformou, no projeto político-educativo da FISTA, que nunca se apresentou em um documento explícito e acabado mas, na postura e na maneira bastante comprometida com o social, manifesta nos trabalhos educativos dos docentes daquela casa.

Em consequência, sob a influência de J. Maritain e também de Paulo Freire, na FISTA, víamos, com preocupação, o fato de a educação não ser devidamente valorizada no Brasil e, considerávamos ser ela o melhor caminho para a libertação do homem. Para nós, "fistianos" a educação deve visar essencialmente libertar a pessoa humana. Isto, ainda hoje, nos identifica por mais distantes que estejamos em nossos atuais postos de trabalho.

5ª) Qual a repercussão do humanismo cristão no processo educativo da faculdade?

Sem dúvida, posso dizer que a ética cristã foi o eixo nuclear de todo o trabalho educativo da FISTA, durante toda a sua existência. Em decorrência desta opção, a preocupação com a formação humana no seu todo, sempre, esteve em foco, nas propostas curriculares da FISTA. Disto resultou a preocupação generalizada, entre seus cursos, de se trabalhar o conhecimento em suas múltiplas dimensões, congregando a informação com a dimensão do APRENDER A SER. Foi esta ênfase no humanismo cristão que permitiu a FISTA se destacar e consolidar-se como uma "verdadeira casa de educação", onde além do esmero com a produção do conhecimento, sempre reforçado com o incentivo à pesquisa, se buscava o crescimento humano, a consciência política e os compromissos sociais. Sua formação foi de tal maneira especial e significativa que, ainda hoje, a sua presença se faz sentir viva e marcante, em qualquer lugar onde um de seus ex-alunos ou professores estejam trabalhando. Isto é tão verdadeiro, que na celebração de seu centenário, Monsenhor Juvenal Arduine afirmou "A FISTA não foi, a FISTA é". E ainda mais, a referência em qualquer "curriculum vitae", de ter sido aluno ou profissional da FISTA, representou, sempre, a abertura de mais uma oportunidade, para quem dela pode fazer uso.

6ª) Quem e como eram os alunos? E os professores? A relação professor/aluno/direção? E o contexto da década de 60 e 70? A Ditadura Militar x Ação Popular, Marxistas?

De modo geral, podemos dizer que alunos e professores da FISTA se identificavam no "orgulho saudável" de ser parte daquela instituição; sentimento que ainda hoje prevalece. Posso dizer, que o sentimento de pertença profundamente arraigado entre os membros daquela comunidade (professores e alunos) e, até hoje, evidenciado, bem como a consciência dos direitos e deveres que dele decorre e que nos liga uns aos outros, não aprendemos nos livros, mas no cotidiano de nosso relacionamento, permeado de humanismo e solidariedade e tão intensamente vivenciado.

Particularmente, posso afirmar que não só a minha formação e atuação profissional, mas, mais do que isto, o meu estilo pessoal de vida e o meu compromisso com o outro e com o mundo, resultam

da saudável convivência, com mestres, companheiros de trabalho e alunos, que ali encontrei. Convivência sempre marcada pela peculiar combinação entre o respeito à liberdade pessoal e o compromisso com as causas sociais.

Este clima de convivência se deu, de modo peculiar, na rica década 60-70, que, como se sabe, experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais marcada pela insistência teimosa e sonhadora de seus protagonistas.

Nesta década, vivi como aluna e, já, no seu final, 1968 – como professora da FISTA e, como todo o jovem da época, acreditava na política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a educação, a cultura e o comportamento. Incendiada de paixão revolucionária e não conseguindo assimilar o recente golpe militar indignei-me e protestei e passei a ensinar os meus alunos a indignar e protestar diante das injustiças. Por isto, hoje, me incomoda, enormemente, a alienação e a passividade da juventude, diante deste tempo marcado pela ausência da ética e da moralidade.

O Golpe Militar de 64, a conseqüente Ditadura e seus Atos conseguiram, pressionar as universidades brasileiras e abafar o clima de euforia política e cultural ali prevalecentes o que, em Uberaba, afetou, de modo especial, a FISTA, instituição que abrigava em seus quadros, um número significativo de professores e alunos envolvidos com grupos políticos, dentre os quais se destacavam: Ação Popular – AP; Partido Operário Libertador – POLOP e a Juventude Universitária Católica – JUC, todos com o nítido compromisso de promover a tão desejada mudança social. A Ditadura iniciou o processo de asfixia que durou duas décadas, mas, entretanto, não conseguiu destruir a utopia que permitiu, de dentro de seus porões, dar início ao processo de redemocratização do País, que, com certeza, pode contar, entre os seus mentores, com todos aqueles que se formaram com os ideais do humanismo cristão da FISTA.

7ª) Qual foi a importância da JUC – Juventude Universitária Católica nas décadas de 60 e 70?

A Juventude Universitária Católica (JUC) pode ser considerada como uma das organizações estudantis mais radicais na década de 60-70, período de comoção política e social. Seus integrantes cobravam reformas fundamentais na universidade, na saúde, nos serviços públicos e na moradia.

Diferentemente de tempos anteriores, em que os estudantes apenas propunham soluções aleatoriamente, naquele período, começaram a entender que era preciso fazer a “leitura da realidade” para que pudessem fazer propostas mais coerentes e consistentes. Desse modo, visitavam a periferia para discutir os problemas com seus moradores e iniciavam campanhas para superar as miseráveis condições da vida cotidiana, revelando assim a influência do pensamento de Paulo Freire que começava chegar às universidades.

Nesse período, já se podia perceber o típico estilo da escrita eclética de Freire. Freire, sempre, confrontou as mais diversas teorias e autores, entrelaçando-os de um modo que se casassem com sua experiência de educação humanista-cristã e social-libertadora. Aliás, ele nunca negou ser um eclético que selecionava, por exemplo, premissas de Karl Jaspers e do velho Marx. Na realidade, dizia ele *“eu não estava, com isto, interessado em aderir ao Marxismo ou ao Existencialismo, simplesmente aderiu aspectos que considerava interessantes nos escritos destes dois autores”*.

Em minha opinião, foi com esta marca de ecletismo que o pensamento de Freire chegou à JUC de Uberaba, através de trabalhos liderados e orientados por Mons. Juvenal Arduine, Padre Prata e Padre Eddie Bernardes, com quem, desfrutávamos (professores e alunos) o prazer de discutir temas polêmicos, como as reformas sociais de base, de modo especial a universitária e a agrária,

em verdadeiros serões, que aconteciam aos sábados à noite, nas dependências da então Faculdade de Direito de Uberaba.

Assim, através da JUC, as atividades políticas estudantis iam tomando vulto, dentro e fora das instituições, como uma necessária e importante parte da transição brasileira para uma sociedade democrática. Procurando soluções para os mais prementes problemas do país, sobretudo por meio da "educação do povo", sob a influência do pensamento de Freire e, sobretudo, através do movimento de alfabetização de adultos que, na década de 60, envolveu a maioria das universidades e faculdades brasileiras, a JUC formou muitos líderes estudantis que ainda hoje se destacam no cenário político local, regional e nacional.

8ª) Qual a relevância da educação ministrada na FISTA para os educadores da rede municipal?

Como Secretária Municipal de Educação de Uberaba, tive a grata satisfação de poder desencadear, sem mágica, sem promessas messiânicas e sem alarde, mas com um trabalho coletivo, consciente e perseverante, um amplo processo de definição de identidade de uma escola pública municipal de excelência. Nosso propósito foi o de, ao procurar responder as legítimas necessidades da sociedade uberabense, promovendo "A CONSTRUÇÃO AMOROSA DA CIDADANIA".

Neste sentido, durante as gestões: 1993- 1996 (Luiz Guarita Neto) e 1997- 2000 (Marcos Montes Cordeiro) o município de Uberaba vivenciou, na Rede Municipal de Ensino, uma proposta de política educacional, comprometida com a "**construção amorosa da cidadania**" construindo, nos parâmetros do Instituto Paulo Freire, e nos limites da lei, dos recursos disponíveis e das condições concretas de trabalho, uma escola "*séria, competente, crítica, criativa, humana, questionadora, curiosa, mas também, alegre e prazerosa*".

A tônica original da proposta residiu no fato de procurar unir **razão e sensibilidade** na construção de uma escola pública/popular/autônoma e de qualidade para todos. Proposta que procurou a ressignificação poética do trabalho educativo sem perder o rigor científico que a tarefa demanda.

Nesta perspectiva, a construção da Escola Cidadã foi compreendida como trabalho coletivo de semeadura e colheita de um jardim (paraíso) e o educador como jardineiro de fé: aquele que, zelosamente, cuida de arar, semear, adubar, aguar, controlar as pragas, podar, e, depois, aguardar, pacientemente, a inusitada floração, uma vez que cada flor tem a sua originalidade e o seu tempo de desabrochar. O trabalho foi feito da coragem e da ousadia amorosa daqueles que, apesar de todos os pesares, foram capazes de se emocionar como as crianças, com a beleza da vida e, diante dela, se colocarem como eternos aprendizes.

A proposta inserida no contexto de uma política democrática de educação trabalhou "*formando para e pela cidadania*", oferecendo através, de uma gestão participativa e do fortalecimento das escolas enquanto entidades autônomas, uma escola com uma nova qualidade: **competente e feliz**.

Resumidamente, podemos dizer que os princípios que nortearam a proposta foram:

- a) A educação tratada como prioridade.
- b) A educação entendida como "construção amorosa da cidadania" processo comprometido com a justiça, com a equidade, com a dignidade, coma emancipação enfim, com a felicidade humana através de um trabalho que une razão e sensibilidade.
- c) A escola assumida como "lôcus" educativo privilegiado: espaço coletivo da utopia e da reinvenção de uma nova prática social.

- d) O resgate do verdadeiro do verdadeiro sentido do conceito de "Escola Pública", compreendendo-a como "ESCOLA DO POVO" e não meramente escola oficial.
- e) Uma nova identidade do educador: o mediador entre o educando e a construção do conhecimento ou construção amorosa da cidadania ou "o jardineiro de fé".
- f) Uma nova identidade do educando, que passa a ser considerado como o sujeito da sua própria formação, em um complexo interativo em que docência e discência formam um todo indissolúvel.
- g) Uma ressignificação dos conteúdos curriculares. Para além do discurso específico de cada disciplina, é a construção humana no seu todo que está em causa, o que significa congregar a informação com o "aprender a aprender", "o aprender a fazer", "o aprende a viver e conviver" e o com o "aprender a ser".
- h) A avaliação entendida como um processo dialógico de permanente acompanhamento do desenvolvimento global do aluno.
- i) Adoção de uma nova lógica de organização do tempo e espaço escolar: a progressão continuada ou o regime de ciclos.

Nesta proposta que coloca o aluno e, portanto, o ser humano e sua dignidade acima de tudo, na complexidade das relações educativas, não é difícil de se perceber a influência e a relevância da FISTA e de seu humanismo-cristão, na formação dos educadores da Rede Municipal de Ensino de Uberaba. Mas hoje, decorridos seis anos de seu término, não temos notícia precisa do que restou, pois, o que infelizmente sabemos, com certeza, é que, o que é mais **contínuo** nas administrações públicas no Brasil, é a permanente a **falta de continuidade** dos seus projetos, mesmo daqueles que recebem ampla aprovação da sociedade.

Uberaba, 01 de maio de 2006.



HERMANAS DOMINICAS DE NUESTRA SEÑORA DEL ROSARIO DE MONTEJILS.
Apartado 106, San Juan de la Maguana. Calle Luperón 33, Vallejuelo. Tel 8669291/3*41390

Cara Lourdinha:

Jose Ferreira

Vallejuelo, 17.05.06

Respondendo ao seu pedido, vou tentar concatenar as idéias para relatar-lhe o que considero de certa importância para o trabalho que você está realizando sobre a FISTA, atendo-me ao período de 10 anos de minha gestão como Diretora.

Fui substituta de Irmã Georgina dos Santos de Oliveira, detalhe que eu considero importante porque recebi de Irmã Georgina uma Escola humanizada, em que professores e alunos se uniam no mesmo ideal de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e mais solidária.

Durante a minha gestão, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, FAFI, se transformou em Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino –FISTA. Por pressão do Ministério de Educação, tivemos que estruturar a Escola já nos moldes de uma Universidade. Pode-se perguntar: Isto foi bom para a FISTA? Houve um lado positivo: ela ganhou mais status. Mas o negativo pesou muito: nesse a FISTA começou seu declínio do ponto de vista financeiro.

Em contrapartida, a Escola, seguiu seu ritmo de seriedade e eficiência. O que mais me preocupou e ocupou durante esses 10 anos foi procurar manter a boa qualidade de ensino e formação dos estudantes. Como conseguia?

- Houve grande empenho em manter o copo docente unido e contente com o que fazia (o cafezinho das 10 horas, famoso pelos pães de queijo da D. Zélia, era um momento privilegiado para descontração alegre, conversas espontâneas, planos comuns, etc. Eu fazia o possível para estar presente.)
- A Direção estava sempre a par de como estavam transcorrendo os diversos cursos. E alguma vez, não se furtou o dever de dialogar com professores que podiam e deviam dar mais do que estavam dando. Recordo-me de como me custava tomar tais atitudes. Mas o fazia, a bem da FISTA.
- Proporcionamos oportunidades a alguns professores de seguir cursos em outras cidades para melhorar seus conhecimentos e seu currículo.

- Procuramos manter a biblioteca atualizada, acatando o pedido ou a sugestão de professores para comprar livros. Ampliamos o espaço físico da mesma para maior comodidade de alunos e professores.
- Na contratação de novos professores, tínhamos o cuidado de verificar tanto sua competência profissional como sua linha de pensamento, pois que ideologicamente devíamos manter a herança das fundadoras.

Quanto aos alunos e alunas:

- Sempre se manteve um clima de respeito.
- Procuramos ouvi-los e, quando possível, atender as suas reivindicações.
- A respeito do pagamento de mensalidade, éramos flexíveis. Havia bolsas de trabalho, descontos, parcelamentos e gratuidades. Pelo que me recordo, ninguém deixou de estudar por não ter condições de pagar. Se o Sr. Nassim estivesse vivo seria testemunho do que afirmo.
- Muitos alunos e alunas se tornaram nossos grandes amigos, aliados e colaboradores.

O que se conseguiu de positivo nesses 10 anos foi resultado de um trabalho conjunto, envolvendo muitas pessoas, além de professores e alunos.

- A comunidade das Irmãs formava um grupo coeso, unido, solidário e disponível. Funcionários e funcionárias eram tratados como amigos e filhos da casa. Fazíamos reuniões freqüentes e nos animávamos mutuamente. Até do guarda-noturno, tenho uma lembrança carinhosa.

Quando vejo a grande repercussão de trabalho que se desenvolveu na FISTA desde sua fundação até hoje, fico surpresa e agradecida a Deus por ter concedido essa oportunidade às Irmãs Dominicanas. Alegro-nos saber que grande maioria de nossos ex-alunos são profissionais competentes, responsáveis, abertos ao novo e, sobretudo, com entranhas de humanismo sadio e libertador.

Os vinte anos que passei na FISTA, 10 como professora e 10 como diretora, me enriqueceram. Aprendi muito, fiz muitas amizades. Tive oportunidade de ajudar a muitas pessoas. Mas sei que me retirei no momento certo. Agradeço a Deus às minhas irmãs de Congregação e aos meus amigos e amigas, o apoio que me deram durante esse tempo. A FISTA está em meu coração e, com ela, o rosto de muita gente.

Abraço-a com carinho desejando que seja sempre muito feliz.

Irmã Glycia Maria Barbosa da Silva